

CAP. 1234



Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico



MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

José Candido de Melo Carvalho

VIAGEM FILOSÓFICA  
PELAS CAPITANIAS DO GRÃO PARÁ,  
RIO NEGRO, MATO GROSSO  
E CUIABÁ (1783-1793)

UMA SÍNTESE NO SEU BICENTENÁRIO

MG  
918.1  
C331  
Ex:1

Realização conjunta

**CNPq./MPEG**  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico — Museu Paraense Emílio Goeldi

**MEC/SESU/UFPa.**  
Ministério da Educação e Cultura — Secretaria de  
Ensino Superior — Universidade Federal do Pará

## PREFÁCIO

O Dr. José Cândido de Melo Carvalho é homem de múltipla competência e de muitos méritos além de singularmente qualificado, pelo saber e pela sensibilidade, para escrever sobre a aventura científica e humana de Alexandre Rodrigues Ferreira na Amazônia.

Com muita propriedade, na nota ao leitor, o Dr. José Cândido reencontra, e recria, com sua própria experiência de viajante científico pelo rio Negro, o encantamento experimentado, no século XVIII, pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira.

Ambos, a seu modo, foram pioneiros da ciência na Amazônia e construíram uma obra de grande significação para o conhecimento da região, em que a competência profissional só cede lugar ao amor pela natureza.

O Dr. José Cândido de Melo Carvalho é zoólogo de prestígio internacional, Doutor em Filosofia pela Universidade de Iowa, primeiro Diretor do Museu Goeldi após sua federalização (1955), Diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1956-1964), Vice-Presidente do CNPq (1961-1964), Delegado do Brasil em várias conferências científicas internacionais, membro da Secretaria da UNESCO para conservação de recursos naturais (1969-1973), Presidente da Fundação Brasileira para Conservação da Natureza (1978-1981) Membro do Conselho Executivo da União Internacional para Conservação da Natureza, além de muitas outras funções e distinções de igual relevância.

O Dr. José Cândido possui mais de 400 trabalhos científicos publicados, entre os quais se destaca o **Catálogo dos Mirírdios do Mundo**, 5 volumes, 1.100 páginas (1957-1960).

O Dr. José Cândido é ainda membro honorário da Sociedade Zoológica de Londres, membro titular da Academia Brasileira de Ciências e Vice-Presidente do Conselho Federal de Cultura.

Nessa última instituição o Dr. José Cândido dedicou-se, na qualidade de coordenador geral, à edição da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, promovendo a publicação de suas estampas (dois volumes) e de suas memórias sobre zoologia, botânica e antropologia (dois volumes), num meritório esforço que continua agora com esta síntese sobre a vida e a obra de Alexandre Rodrigues Ferreira que o Museu Goeldi sente-se honrado em editar.

JOSÉ SEIXAS LOURENÇO  
Diretor  
Museu Paraense Emílio Goeldi

## NOTA AO LEITOR

O autor agradece ao Dr. José Seixas Lourenço, eminente Diretor do Museu Paraense "Emílio Goeldi", que gentilmente se dispôs a publicar esta síntese da "Viagem Filosófica" de Alexandre Rodrigues Ferreira na Amazônia e Mato Grosso. O Museu Goeldi, mais uma vez, presta homenagem ao insigne naturalista.

Para o autor esse fato constitui motivo de júbilo íntimo pelo fato de poder associar a figura de Rodrigues Ferreira com a veneranda Instituição. Os relevantes serviços prestados a ciência e a cultura por ambos, é motivo de orgulho para nós brasileiros e para nossos irmãos portugueses de além-mar. Ambos merecem nosso respeito e admiração.

Quando tive a honra de assumir a direção do Museu Goeldi (1955), pude sentir com intensidade a mesma exaltação do jovem naturalista, em sua carta ao Ministro português, após sua chegada a Belém. "A terra, Senhor excelentíssimo, é um paraíso... são tantas as produções que eu não sei para a que lado me volte"!

Aproximadamente um século e meio depois da "Viagem Filosófica" concluí minhas "Notas de Viagem ao Rio Negro" (1949) com a seguinte afirmativa: "Já é com saudades que deixo para trás esta imensidão verde, onde vivi dias cheios de emoções, de trabalho e prazer. Até o presente não havia feito excursão igual. Sozinho, sem doenças ou aborrecimentos, em plena liberdade. Nunca pensei que fosse capaz de voltar a viver tão primitivamente, em malocas de índios, agachado numa canoa, vagando na mata ou remando nos igarapés". Em outro trecho da viagem, no rio Içana, assim escrevi: "A água do igarapé era muito negra, deslizando sobre um pequeno trecho de areia branca... tomei um banho nesse igarapé de água transparente, pensando que se fosse possível a cada um escolher seu paraíso, eu optaria por aquele cantinho do inferno verde, junto aquela moita de caranaí, tão longe da civilização".

Fico a imaginar o jovem naturalista, recém-saído da Universidade de Coimbra, percorrendo essas magníficas paisagens há dois séculos atrás. Que contraste e que saudades desses dez anos de vida, em plena natureza virgem, com as inúmeras tarefas burocráticas que lhe foram dadas para cumprir após o regresso a Europa. As peripécias sofridas aqui e lá, sua árdua missão, seus percalços enfim, a saga desse inesquecível colega, é o que pretendo narrar nesta síntese, por ocasião do transcurso do bicentário da sua viagem ao Brasil.

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1983

## 1. INTRODUÇÃO

Tive a honra de ser convidado pela presidência da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência para que durante a XXXV Reunião Anual (6-13 de julho de 1983, Belém, Pará), proferisse conferência sobre Alexandre Rodrigues Ferreira, por ocasião do transcurso do bicentenário de sua viagem ao Brasil.

Como naturalista que alguns anos atrás (1949) realizara viagem semelhante pelo rio Negro e seus afluentes, em muito menos tempo, porém de maior extensão, aceitei de bom grado esta difícil incumbência. Também porque já havia participado, como coordenador geral dos trabalhos realizados pelo Conselho Federal de Cultura (1970-1974), para edição dos manuscritos da viagem de Rodrigues Ferreira.

Na introdução do volume sobre zoologia e botânica assim me manifestei sobre as memórias do meu ilustre colega de viagem: *"Elas nos mostram a imagem de uma Amazônia já distante, pelo menos faunisticamente, na qual o homem esteve durante quase três séculos na exclusiva dependência da fauna e da flora regionais para o seu sustento diário"*. Mais adiante afirmei: *"... seu trabalho representa grande valor, como fonte de conhecimentos zoogeográficos ou fitogeográficos, pelo conteúdo em dados biológicos e sobretudo pelo uso e costumes referentes a esses recursos naturais na época. Além disso, acrescido, ainda, do sabor de suas descrições e da viagem ao passado que as mesmas nos proporciona, numa região extraordinária, onde pela primeira vez um naturalista palmilhava em busca de novos conhecimentos científicos e aplicados"*.

Os conceitos que emiti para a zoologia e a botânica se aplicam à antropologia, geografia, sociologia, economia e história. Procurei nesta conferência, para maior clareza, dividi-la em duas partes: a primeira, relatando as ocorrências da viagem em si e a vida do naturalista até sua morte; a segunda, comentando os trabalhos, nos quais são abordadas as diversas áreas do conhecimento.

## 2. ANTECEDENTES

A Universidade de Coimbra (transferida de Lisboa 1537), que moldara a personalidade científica e cultural de Alexandre Rodrigues Ferreira sofria na época (1774-1779) profundas reformas. Embora com a oposição da nobreza reinante e do clero, houve em Portugal uma acentuada mudança na educação e nas expressões literárias e artísticas, sob a égide de Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, então primeiro-ministro de Dom José I (1750-1777).

A reforma da universidade, coordenada pelo reitor brasileiro Dom Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, teve seu início em 1770, dentro do princípio de servir à Coroa e a Igreja, porém com os poderes da nobreza, da inquisição e monopólios comerciais sensivelmente diminuídos.

Com a expulsão dos jesuítas, houve acentuada falta de professores, e essa lacuna foi preenchida com a contratação de professores estrangeiros, especialmente da Itália. Assim é que, para lecionar história natural, transferiu-se para Lisboa o Doutor Domingos Vandelli (1735-1816), médico e professor de Química em Pádua. Com ele

teve início uma fase de soerguimento das ciências naturais em Coimbra. Fundou-se o Museu de História Natural e o Jardim Botânico da Universidade.

Foi nesse período, estimulados pelo espírito então introduzido na universidade e a influência de Vandelli, que seis notáveis brasileiros ali realizaram seus estudos: Alexandre Rodrigues Ferreira, João da Silva Feijó, Joaquim José da Silva, Manuel Galvão da Silva, Manuel Arruda Câmara e Joaquim Velloso de Miranda, todos eles futuros naturalistas.

Como Vandelli mantivesse correspondência e permuta de material e livros com Linnaeus e outros sábios da época, tornou-se pessoa de confiança da Coroa portuguesa. Assim é que cerca de uma década depois (1781) foi nomeado diretor do Museu e do Jardim Botânico de Ajuda, em Lisboa, bem como membro da Junta de Comércio.

Alexandre Rodrigues Ferreira chega a Portugal (1770) com 14 anos, para se matricular, não em Cânones e continuar os estudos eclesiásticos, mas para cursar as ciências jurídicas. Matricula-se então em Instituta (primeiro ano jurídico no regime anterior à reforma pombalina, que provocou o fechamento da universidade em 1771. Volta a matricular-se novamente na Faculdade de Leis em 20 de outubro de 1773, sem contudo concluir o curso. O ingresso na Faculdade de Filosofia Natural tem o seguinte cronograma: 1º ano (26 de novembro de 1774); 2º ano (4 de outubro de 1775); 3º ano (outubro de 1776); 4º ano (7 de outubro de 1777). A formatura ocorreu em 2 de julho de 1778 e o doutoramento em 10 de janeiro de 1779. Consta nos registros de Coimbra que veio a matricular-se ainda na Faculdade de Matemática, em 4 de novembro de 1775. O irmão Bartolomeu foi seu contemporâneo em Coimbra. Nos documentos de matrícula seu nome figura como Alexandre Roiz Ferreira. Curiosa é a afirmativa de Costa e Sá sobre o título de doutor recebido pelo naturalista: “*que na conformidade da Mercê de Sua Majestade lhe foi dado grátis*”.

Como assistente gratuito de Vandelli, no Museu de Ajuda foi comissionado para estudar a mina de carvão de Buarcos, sua primeira missão técnico-científica em Portugal.

Devo incluir aqui um parágrafo para dizer que no mesmo ano em que se completava a reforma de Coimbra (1772), fundava-se entre nós a primeira associação de caráter científico — a Academia Científica do Rio de Janeiro.

Nesse período, era ministro da Marinha e dos Negócios Ultramarinos de Portugal Martinho de Melo e Castro (1716-1795), considerado patrono das ciências e com grande interesses pelos territórios de além-mar. Já em 1778 havia Vandelli sugerido ao ilustre ministro uma grande expedição ao Brasil, tendo mesmo apresentado uma listagem do material necessário. Outro fato que viria dar maior ênfase a essa expedição, já no reinado de Dona Maria I, foi a criação, em Lisboa, da Academia de Ciências (1779), que mais tarde passaria a adicionar ao seu o adjetivo Real. No ano seguinte (1780), Alexandre Rodrigues Ferreira foi eleito membro correspondente da Academia, fato que lhe granjeou maior prestígio em círculos governamentais.

A decisão final da Viagem Filosófica só veio em 1782. Nos dois anos que decorreram, Rodrigues Ferreira trabalhara como assistente gratuito de Vandelli no Museu de História Natural e Jardim Botânico de Ajuda. Acredito que o naturalista tenha tido sua primeira decepção ao ser informado que, dos prováveis companheiros na Viagem Filosófica, Manuel Galvão da Silva havia sido destacado para fazer viagem seme-

lhante em Moçambique, Joaquim José da Silva em Angola e João da Silva Feijó em Cabo Verde.

Assim é que podemos avaliar, de maneira sucinta, alguns antecedentes da viagem do naturalista ao Brasil, desde a matrícula e doutoramento em Coimbra até seu trabalho no Museu de História Natural de Ajuda. Sua formação científica talvez refletisse as idéias do ilustre Reitor Francisco Lemos de Farias Pereira Coutinho (1777) ao defender, em relatório, as atividades da Universidade de Coimbra, em face do novo governo de Dona Maria I: *"...muitas vezes a liberdade de opinar nas ciências possa induzir os homens a alguns erros de religião, e de política; mas no meio dos males quem pode duvidar, que é menos este, do que o que se põem as nações por estarem presos aos espíritos, e privados de raciocínio que lhes é natural. A faculdade de pensar é livre no homem, por isso não deve ter outros limites, que não sejam os da razão e da religião"*.

Com a reforma de 1772 a Universidade de Coimbra, que até então tivera características medievais, introduziu-se o princípio de que as ciências experimentais constituíam o núcleo do saber e que a ciência competia promover a riqueza. Era necessário modernizá-la, segundo a política Pombalina, para o desenvolvimento do Estado.

Embora houvesse o surgimento de uma nova mentalidade com a reforma de Coimbra, não seria demais lembrar que, provavelmente, a cúpula governamental da época ainda não havia abandonado o princípio estabelecido pelo Marquês de Pombal, na recomendação à Comissão Demarcadora de Limites (1751), para que procurassem manter-se atenta às suas atividades precípuas e *"a tudo que pertence à substância do negócio"* e *"encarregue os estrangeiros o que pertencer à curiosidade e à erudição, como são à História Natural do país e as observações físicas e astronômicas"*.

A despeito dessa recomendação não ter sido feita explicitamente ao jovem doutor de Coimbra, essa mentalidade impregnou a mente de Rodrigues Ferreira, que num de seus manuscritos assim se expressa: *"Em quanto à mim nenhum obséquio faz a filosofia, quem estuda por deleitável". . . "o grau de aplicação que merece uma ciência, mede-se pela sua utilidade"*.

Acredito que com essa mentalidade Alexandre Rodrigues Ferreira tenha partido para sua missão no Brasil, em 1 de setembro de 1783, levando consigo a ordem de Martinho de Melo e Castro *"de averiguar inscrições, costumes, literaturas, comércios, agriculturas, além do peso enorme das produções dos três reinos, mas que há de fazer copiar tudo, cópias para irem e para ficarem"*.

Julgo oportuno situar a missão de Alexandre Rodrigues Ferreira no tempo. Partiu de Portugal 10 dias antes do nascimento de Simon Bolívar; os Estados Unidos da América do Norte só viria a obter sua independência quatro anos depois de sua permanência no Brasil (1787); eram Vice-reis na época Luís de Vasconcellos e Souza (1779-1790) e José Luiz de Castro Conde de Rezende (1790-1801); a Inconfidência Mineira ocorreu quando se encontrava em Mato Grosso (1789); o Brasil tinha aproximadamente dois milhões de habitantes. Esses elementos permitirão ao leitor avaliar melhor os percalços de uma expedição do vulto da Viagem Filosófica pelos sertões do País.

### 3. TRABALHOS NA CAPITANIA DO GRÃO-PARÁ

la voltar à pátria, onde nascera em 27 de abril de 1756, na capitania da Bahia, e recebera os primeiros ensinamentos e primeiras ordens eclesiásticas em 20 de setembro de 1768. Trazia 11 livros e um mapa do rio Amazonas, além de 17 volumes com 424 itens de equipamento. A equipe técnica consistia de dois riscadores (desenhistas) Joaquim José Codina e José Joaquim Freire e um preparador ou jardineiro botânico Agostinho José do Cabo.

Durante a viagem oceânica na charrua Águia Real e Coração de Jesus, escreveu notas sobre peixes marinhos e foram feitas aquarelas. Aportando em Belém em 21 de outubro, após 51 dias de viagem, escreveu a Martinho de Melo e Castro e não escondeu o seu assombro pela Amazônia: *"A terra em si, Senhor excelentíssimo, é um paraíso; aqui mesmo são tantas as produções que eu não sei a que lado me volte"*.

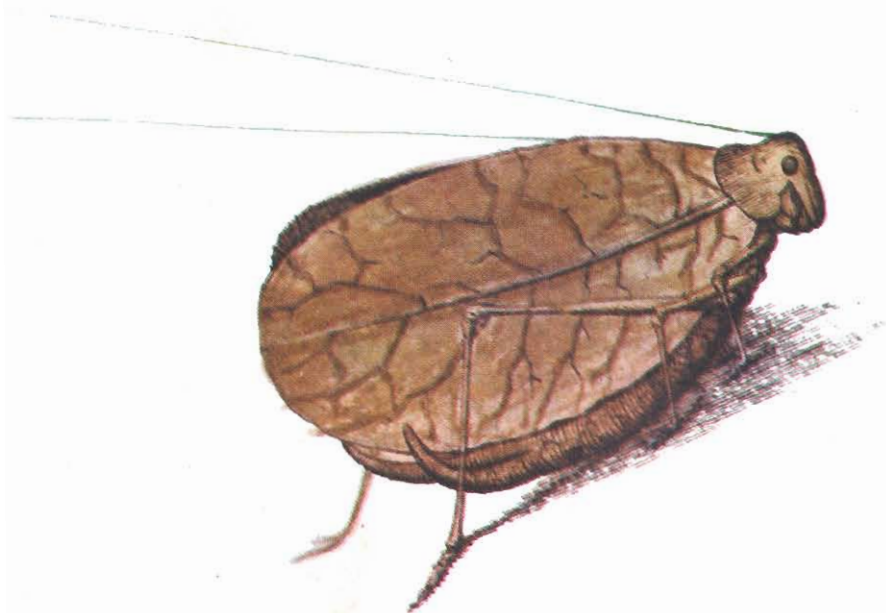
Ao comunicar em 11 de março de 1784, o envio de exemplares, desenhos e relatórios, sentiu o peso da responsabilidade que tinha nos ombros: *"... os que Vossa Excelência avaliará como for servido, lembrando-se de quão extensa foi a comissão que confiou de um só homem, muito novo ainda nos caminhos da sabedoria útil"*. Ninguém duvidará quão "extensa" era sua tarefa e da extensão das regiões que teria que percorrer. O que poucos podem avaliar é quão limitada era então a "sabedoria útil". A terra era coberta de densas florestas, os rios e lagos inteiramente livres de qualquer fluente resultante da ocupação humana. O que não dizer da flora e da fauna em toda sua pujança, das longas distâncias, das chuvas torrenciais, do sol ardente e do calor equatorial. Era ele o primeiro naturalista brasileiro a percorrer a região.

No início de 1784 viajou pelo espaço de duas semanas pelo rio Tocantins, tendo com Freire, visitado Cametá, Baião, Alcobaça e Pederneiras, e Codina permanecendo em Belém. Em fevereiro e março realizou observações nas cercanias da capital e em fins de junho adoeceu por um período de três meses. Sabemos que nesta primeira etapa fez cinco remessas de material para Lisboa.

Iniciou então, com amplo apoio do Governador Martinho de Souza e Albuquerque, os preparativos para a viagem ao rio Negro, que levaram cinco meses. Esta viagem, iniciada em 2 de outubro de 1784, durou até 2 de março de 1785; nela, foram anotados os rios que desaguam no Amazonas, visitados alguns deles, a serra de Paitona e observados trabalhos artesanais em Monte Alegre e Santarém. O material obtido nesse trecho da viagem foi remetido para Lisboa, de Barcelos, após ter sido preparado entre o período da chegada e 20 de agosto do mesmo ano. A barra do rio Negro foi atingida em fevereiro de 1785.

### 4. EXPLORAÇÕES NA CAPITANIA DE SÃO JOSÉ DO RIO NEGRO

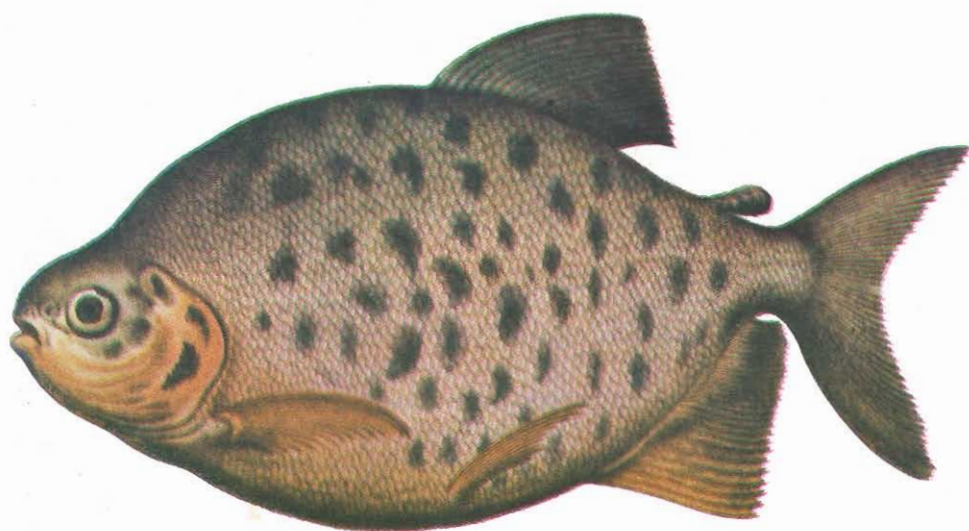
De 20 de agosto a 31 de dezembro, esteve sob as ordens do Capitão General Plenipotenciário e Comandante da Expedição para as demarcações de limites desde 1783, João Pereira Caldas, realizou observações na parte superior do rio Negro (acima de Barcelos), visitando Moreira,



---

Fig. 1 — *Chlorocoelus tanana* Bates, 1862 — tananá. Amazônia. Códice 21.1.3  
Biblioteca Nacional, estampa 42.

---



---

Fig. 2 — *Colossoma bidens* (Spix, 1829) — pirapitinga ou pacupinima. Bacia  
Amazônica. Livro Museu Nacional, peixes, estampa 37.

---



Tomar, Lamalonga, Santa Isabel, São Gabriel, Rio Uaupés até a cachoeira de Ipanoré, rio Içana até a cachoeira de Tunui, rio Xié e Marabitanas, enquanto Freire e Cabo visitavam o rio Dimiti. No regresso, visitou Caldas no rio Cauaboris, que subiu até a foz do Maturacá, passando ainda pelo Padauri e Maracá, para regressar a Barcelos em 30 de dezembro, após quatro meses e um dia de viagem ininterrupta de estudos nessas regiões escassamente habitadas por colonos portugueses. A viagem fora feita numa canoa grande e vagarosa, que servia de verdadeira habitação.

Durante sua estada em São Gabriel foi atingido por uma fásca elétrica, que o deixou com o braço direito adormecido.

Em 15 de março de 1786 recebeu novas instruções do Governador João Pereira Caldas para visitar o baixo rio Negro, inclusive o rio Branco. Deu início aos trabalhos passando por Poiares, Carvoeiro, Moura, Airão e pela Fortaleza da Barra, que alcançou em 1 de maio.

Antes da viagem ao rio Branco, ao terminar a grande remessa que fizera de Barcelos, escreve novamente a Martinho de Melo e Castro (17 de abril de 1786), expressando desejo de regressar a Lisboa, como ficara combinado: “... *quanto mais se prolonga a coleção dos produtos, mais retardará depois o conhecimento individual de cada uma no confuso caos de milhares de produções diversas*”. Do mesmo local, juntamente com seus companheiros (Codina, Freire e Cabo), requer pagamento dos ordenados que há três anos lhes eram devidos, ao mesmo tempo em que anunciam a próxima viagem ao rio Madeira.

Em agosto de 1783 foram arbitrados salários e diárias para os participantes da **Viagem Filosófica**, no montante de quatrocentos mil réis para Rodrigues Ferreira e trezentos para os outros três individualmente, com direito a transportes, pessoal auxiliar e comedorias (diárias), devendo a despesa ser paga pela junta da fazenda real da capitania. Essa cifra foi reajustada posteriormente para 640 mil réis e pagos todos os atrasados desde janeiro de 1787.

Terminada a missão, nessa etapa, dirige-se para o rio Branco, passando por São Felipe, cachoeira Grande e serra Caruamaã, seguindo até o forte de São Joaquim (junho), com penetração pelo rio Maú, até a cachoeira do Urubú.

Regressou a Barcelos em início de agosto, onde permaneceu até partir para o rio Madeira. A ordem de viagem chegara a 3 de setembro de 1787, tendo o naturalista avisado sobre a partida em 28 de maio de 1788 e efetivado em 27 de agosto do mesmo ano. Dois anos foram assim consumidos no preparo e remessa de material, elaboração dos manuscritos e preparo da próxima etapa, como havia sucedido em Belém. Sobre o conteúdo das memórias, remessas de material e ilustrações, comentaremos oportunamente.

Esta foi a etapa mais produtiva de sua viagem, já que de Barcelos foram enviadas 23 memórias, 4 diários (o do rio Negro com 14 participações), 2 descrições, 1 extrato, 1 tratado histórico, 1 notícia, 1 mapa, remessas de material e 1 de amostras de madeira.

Ao ser advertido por Martinho de Melo e Castro pela demora do rio Negro (31 de outubro de 1787) e pela remessa de poucos exemplares, durante os quatro primeiros anos de estada no Brasil, incluindo sua permanência de um ano no Pará, Alexandre Rodrigues Ferreira mostrou-se triste e desapontado, por não ter sido chamado

Tomar, Lamalanga, Santa Isabel, São Gabriel, Rio Uaupés até a cachoeira de Ipanoré, rio Içana até a cachoeira de Tunui, rio Xié e Marabitanas, enquanto Freire e Cabo visitavam o rio Dimiti. No regresso, visitou Caldas no rio Cauaboris, que subiu até a foz do Maturacá, passando ainda pelo Padauri e Maracá, para regressar a Barcelos em 30 de dezembro, após quatro meses e um dia de viagem ininterrupta de estudos nessas regiões escassamente habitadas por colonos portugueses. A viagem fora feita numa canoa grande e vagarosa, que servia de verdadeira habitação.

Durante sua estada em São Gabriel foi atingido por uma fásca elétrica, que o deixou com o braço direito adormecido.

Em 15 de março de 1786 recebeu novas instruções do Governador João Pereira Caldas para visitar o baixo rio Negro, inclusive o rio Branco. Deu início aos trabalhos passando por Poiares, Carvoeiro, Moura, Airão e pela Fortaleza da Barra, que alcançou em 1 de maio.

Antes da viagem ao rio Branco, ao terminar a grande remessa que fizera de Barcelos, escreve novamente a Martinho de Melo e Castro (17 de abril de 1786), expressando desejo de regressar a Lisboa, como ficara combinado: “. . . quanto mais se prolonga a coleção dos produtos, mais retardará depois o conhecimento individual de cada uma no confuso caos de milhares de produções diversas”. Do mesmo local, juntamente com seus companheiros (Codina, Freire e Cabo), requer pagamento dos ordenados que há três anos lhes eram devidos, ao mesmo tempo em que anunciam a próxima viagem ao rio Madeira.

Em agosto de 1783 foram arbitrados salários e diárias para os participantes da Viagem Filosófica, no montante de quatrocentos mil réis para Rodrigues Ferreira e trezentos para os outros três individualmente, com direito a transportes, pessoal auxiliar e comedorias (diárias), devendo a despesa ser paga pela junta da fazenda real da capitania. Essa cifra foi reajustada posteriormente para 640 mil réis e pagos todos os atrasados desde janeiro de 1787.

Terminada a missão, nessa etapa, dirige-se para o rio Branco, passando por São Felipe, cachoeira Grande e serra Carauamaã, seguindo até o forte de São Joaquim (junho), com penetração pelo rio Maú, até a cachoeira do Urubú.

Regressou a Barcelos em início de agosto, onde permaneceu até partir para o rio Madeira. A ordem de viagem chegara a 3 de setembro de 1787, tendo o naturalista avisado sobre a partida em 28 de maio de 1788 e efetivado em 27 de agosto do mesmo ano. Dois anos foram assim consumidos no preparo e remessa de material, elaboração dos manuscritos e preparo da próxima etapa, como havia sucedido em Belém. Sobre o conteúdo das memórias, remessas de material e ilustrações, comentaremos oportunamente.

Esta foi a etapa mais produtiva de sua viagem, já que de Barcelos foram enviadas 23 memórias, 4 diários (o do rio Negro com 14 participações), 2 descrições, 1 extrato, 1 tratado histórico, 1 notícia, 1 mapa, remessas de material e 1 de amostras de madeira.

Ao ser advertido por Martinho de Melo e Castro pela demora do rio Negro (31 de outubro de 1787) e pela remessa de poucos exemplares, durante os quatro primeiros anos de estada no Brasil, incluindo sua permanência de um ano no Pará, Alexandre Rodrigues Ferreira mostrou-se triste e desapontado, por não ter sido chamado

de volta como havia sido combinado e menciona que, mesmo apesar de doentes, os riscadores haviam preparado 400 aquarelas em três anos de atividade no rio Negro. A resposta mostra a humildade, dedicação e cumprimento do dever, bem como a estima e admiração devotada à pessoa do Ministro de Ultramar, seu chefe e protetor. Isso nos é revelado através de toda a correspondência com aquela autoridade. Nesse episódio do rio Negro assim se expressa: *“Recebi com o mais profundo acatamento a repreensão que Vossa Excelência se dignou dirigir-me. . . e não sentindo outra cousa mais do que a desgraça, que tendo, de haver incorrido no desgosto de Vossa Excelência, e o meu primeiro e único protetor nessa Corte, passo a significar a Vossa Excelência que reconhecendo bem a condição do súdito, que sou de Vossa Excelência, não trato de me desculpar na sua presença, porque a Vossa Excelência toca a mandar, e a mim a obedecer”*. Na última carta dirigida a Martinho de Melo e Castro, antes do regresso a Lisboa, chama-o de *“meu amo e, meu senhor da mais profunda veneração”*.

Um ano depois de escrever o *Diário do Rio Negro*, e apenas três dias depois da Participação Geral do Rio Negro, apresenta o *Extrato do Diário da Viagem Filosófica pelo Estado do Grão-Pará, etc.* (31 de outubro de 1787), resumindo todas as atividades da expedição, desde a saída de Portugal até 31 de setembro desse ano. Nesse importante trabalho, ficamos sabendo das remessas, volumes e relações, escritos e desenhos que os acompanharam. Nele estão ainda relacionadas, em ordem cronológica, suas viagens, memórias, participações e tudo mais que escreveu e adquiriu até 1787.

## 5. VIAGEM PELOS RIOS MADEIRA E GUAPORÉ

O início dos preparativos para a viagem ao rio Madeira teve lugar em fevereiro de 1788. Eram necessárias canoas, abastecimento para oito meses e pessoal (soldados, remadores, carregadores, caçadores, cozinheiros, serventes — sabe-se que preparou 6 canoas grandes e 6 outras menores, levava 500 alqueires de farinha e 200 índios, dos quais 118 eram remeiros. Foi pedida também a presença de um capelão para administrar conforto espiritual, tendo sido designado para esse mister o carmelita Frei Antônio de Santa Catarina. Foram gastos oito meses para que estivesse em condições de viajar. A viagem também prevista para 8 teve uma duração de 13 meses. Sabemos que gastou um mês para atingir a foz do Madeira, explorar a foz do rio Aripuanã em outubro, passar por Manicoré em 7 de novembro, e alcançar a cachoeira de Santo Antônio em 30 de janeiro de 1789. Nesse local, teve sérios problemas com deserção de índios e trabalhadores, já que fora obrigado a permanecer no local para reabastecimento durante cinco meses. João Pereira Caldas determinou a Manuel da Gama Lobo d'Almada que lhe remetesse 50 índios remeiros.

Curiosa notícia é a que nos dá pouco tempo depois de deixar Barcelos, referindo-se a doenças catarrais e febres nos índios de sua tripulação. Segundo Rodrigues Ferreira, ordenou-lhes que se abstivessem do uso de peixe salgado. . . *“cheguei a foz deste rio (Negro) na manhã de 6 do corrente, e tendo encontrado uma feitoria de tartarugas onde estavam 8 muras (índios), com eles me arranquei em boa harmonia, comprando-lhes por algumas cuias de farinha minha, acima de 12 tartarugas, e todos*

fizeram o mesmo, de maneira que ao todo se lhes compraram 43”.

Nessa viagem, encontrando sérias dificuldades para fazer descrições minuciosas dos exemplares coligidos, afirma que estudará futuramente por que poderia cometer erros “que a posteridade não perdoaria”. Mesmo assim ainda foi capaz de fazer remessas para Lisboa.

Continuando a viagem, Rodrigues Ferreira diz: “Tudo até agora tem sido deserções nesta cansada viagem”. Alcançou o rio Mamoré, passando ao Guaporé (Itemes) e prosseguindo para Vila Bela. Antes da chegada pôde visitar a gruta do Inferno e a fortaleza de Príncipe da Beira.

Este trecho da viagem é o mais obscuro, talvez pelo grande desgaste sofrido com a fuga de índios, deficiência de alimentos, barreiras físicas de monta e enfermidades. Excetuando a exploração dos rios que desaguam no Madeira, existe parca documentação sobre flora, fauna, indígenas e colonos. O trabalho mais importante é o Diário da Viagem ao Rio Madeira, aquarelas de cachoeiras e notícias de povoações. Nessa etapa, reconheceu 40 espécies de palmeiras.

## 6. PESQUISAS NAS CAPITANIAS DE MATO GROSSO E CUIABÁ

Chegando à Vila Velha em 3 de outubro de 1789, capital da capitania de Mato Grosso, teve ampla hospitalidade por parte do então Governador Luís Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, possuidor de excelente biblioteca, para a época, e vivamente interessado em história natural. Ali estabeleceu a base administrativa da viagem a Mato Grosso e Cuiabá, como já havia feito em Belém e Barcelos.

Aproveitou a biblioteca do governador para ler Buffon e La Condamine e concluiu seu maior trabalho no âmbito da zoologia — *Observações Gerais e Particulares sobre a Classe dos Mammaes* — datado de 28 de fevereiro de 1790.

Alguns dias após a chegada faleceu Agostinho José do Cabo, que conhecia desde o tempo de preparador no Museu de Ajuda, operoso e dedicado amigo. Esse acontecimento muito entristeceu a todos. Foi feito um leilão dos pertences do falecido e o dinheiro auferido remetido à família em Lisboa.

Permaneceu em Vila Bela até fevereiro de 1790, em merecido descanso para restabelecer-se de tão longa e rude viagem pelo Madeira e Guaporé. É de se esperar que tenha ficado orgulhoso com o reconhecimento de Martinho de Melo e Castro, através de carta de Lisboa: “. . . vejo que V. M. tem empregado muito bem o seu tempo nas viagens que tem feito nesses países; e que os tem visto com olhos de um exato e judicioso observador”.

Fez algumas viagens por terra até a serra de São Vicente (25 de fevereiro de 1790) e arraiais próximos a fim de examinar minerações de ouro, regressando a Vila Bela.

Em fins de junho dá início a sua viagem por terra para Cuiabá. Nessa etapa, bastante penosa solicitou ao governador João Albuquerque de Melo e Cáceres em 2 de maio de 1790 o seguinte: 23 homens (1 soldado, 7 pedestres, 1 arreador, 2 preparadores e 12 pretos de serviço). Além dos homens pediu, entre farmácia, armas, munições e utensílios diversos num total de 172 itens. 7 bestas de sela e 33 de carga. A tudo isso acrescenta-se as “comedorias” (rancho).

Nessa viagem caiu severamente doente com febres no Arraial de Lavrinhas, 04 de julho de 1790, após visita à Gruta das Onças (18 de julho de 1790), voltando novamente a Cuiabá, tendo antes visitado o Arraial da Chapada.

Em princípios de março (17 de março de 1791) iniciou sua descida rumo ao Forte de Coimbra, pelos rios Cuiabá, São Lourenço (Porrudos) até alcançar o Paraguai. Para esse trecho pediu a Melo e Cáceres 16 pedestres, 26 remeiros, 4 canoas grandes, 2 pequenas, 40 armas de fogo, 16 facões, "meia arroba de pólvora, com bala e chumbo competente", 58 ítems de utensílios e 16 de farmácia. Após visitar o Forte de Coimbra, esteve na vila de Albuquerque e na Gruta do Inferno (17 a 30 de abril de 1791).

Subindo o Paraguai (12 de abril de 1791), esteve nas lagoas da Gaiba Grande, Mirim e Uberaba, passando a subir o rio Jauru. Nessa viagem perdeu o segundo acompanhante, o riscador Joaquim José Codina, que foi sepultado em Barreiro do sítio de Guarujus. Os membros da viagem ficaram assim reduzidos a Rodrigues Ferreira e José Joaquim Freire. O regresso a Vila Bela, após a chegada ao Registro do Jauru, deu-se em 26 de junho.

Em sua última etapa conseguiu maior produção que no rio Madeira, preparando 5 trabalhos, algumas remessas de material e o seu trabalho de maior vulto científico sobre os Mammaes.

Curioso é o fato de que Rodrigues Ferreira não tenha tido permissão para visitar jazidas diamantíferas em Mato Grosso embora houvesse visitado minas e remetido amostras de ouro para Portugal. A gruta do inferno explorada por Rodrigues Ferreira, recebeu, três meses depois a visita de Freire, com ordem de ilustrá-la.

## 7. REGRESSO E ATIVIDADES EM LISBOA

Iniciou seus preparativos para a viagem de retorno a Belém com três meses de antecedência, deixando Vila Bela em 3 de outubro, levando consigo 3 canoas grandes e 2 menores, com 12 soldados pedestres e vários índios. Alcançou Belém a 12 de janeiro de 1792, gastando apenas 3 meses e meio, em vez de 13 meses consumidos na difícil viagem de encontro as cachoeiras do Madeira e do Guaporé.

Aparentemente o pedido para visitar os parentes na Bahia, feito de Vila Bela e renovado de Belém, não lhe foi concedido. Ficou bem impressionado com a melhoria obtida no tratamento dos índios e da cidade desde a chegada em 1783.

Consta que ao verificar nada ter sido pago ao Capitão Luiz Pereira da Cunha, que dispendera considerável quantidade de dinheiro com remessa de material e que ouvindo desse senhor que com tal despesa teria podido dotar uma filha, Alexandre Rodrigues Ferreira lhe retrucou: "*Isso não servirá de embaraço a seu casamento; eu serei quem receba essa sua filha por mulher*". E assim casou aos 36 anos de idade com Germana Pereira da Cunha e Queiroz, em 16 de setembro de 1792.

O conceito que desfrutava Rodrigues Ferreira, entre as autoridades portuguesas em serviço no Brasil, pode ser deduzido da seguinte carta do governador do Pará Dr. Francisco de Souza Coutinho Martinho de Melo e Castro, por ocasião de seu regresso a Lisboa: "*Ao mesmo Dr. Alexandre com o maior gosto fiz a honrosa recomendação de Vossa Excelência de que ele certamente é bem digno, pois dificilmente se encontrará pessoa, que a*

*tanto talento e merecimento una tão boas qualidades; a todos deixa sentidos a sua ausência, e todos certamente tomam vivo interesse em que ele vá a receber da Real Grandeza de Sua Majestade o prêmio, que a proteção e bondade de Vossa Excelência lhe dá de procurar em satisfação do seu insano trabalho, e as fadigas da diligência que executou”.*

O regresso deu-se em 3 de outubro de 1792, após passar 89 dias no mar, na charrua Príncipe da Beira, sendo bem recebido por Martinho de Melo e Castro e por Domingos Vandelli, os idealizadores da viagem filosófica. Em carta dirigida ao governador do Pará acusando a chegada, demonstra claramente a sua humildade e o modo de expressar na época. *“Desembarquei com efeito pelas 8 horas da manhã do seguinte dia, e dirigindo-me imediatamente a Sua Excelência (Martinho de Melo e Castro), que nada tardou em me falar: Aqui venho, lhe disse eu, mais humilde e rasteiro que uma cobra, a receber o castigo de minhas omissões” . . . “e pareceu-me menos surdo de que eu esperava que fosse, a orelha de um ministro delegado”.*

Logo no ano seguinte recebeu de Dona Maria I a Ordem de Cristo (8 de julho de 1794), que lhe renderia 60 mil-réis de tenças e mais de 12 mil-réis para o hábito da Ordem, já como Oficial da Secretaria d’Estado dos Negócios da Marinha e dos Domínios Ultramarinos, posição que lhe fora concedida logo após a volta (janeiro de 1793). Foi a seguir dispensado desse posto e nomeado administrador interino do Real Gabinete de História Natural e Jardim Botânico de Ajuda com seus anexos, devido ao falecimento do diretor Julio Mattiazi (07 de setembro de 1794). Suas atividades valeram-lhe, também logo a seguir, a nomeação para vice-diretor do Museu de História Natural (11 de setembro de 1795), local onde trabalhara cinco anos (1778 – 1783), sem salário.

As informações que temos é que se ateu apenas às atividades no Museu e, embora já reconhecido por outros centros europeus, através de comunicações de Vandelli e pelo volume e qualidade de suas coleções, não manteve correspondência ou intercâmbio com o exterior.

Com a vinda de Dona Germana para Lisboa (1794) a família foi aos poucos sendo ampliada com os filhos Germano (1795), Maria das Mercês (1801) e Guiomar Joaquina (1807), afilhada de Domingos Vandelli. Foram esses os anos mais produtivos de sua vida em Lisboa. Pouca atividade parece ter exercido com a nomeação para deputado da Real Junta de Comércio (1807), período em que a saúde já se encontrava muito debilitada. Essa é sem dúvida a principal razão pela qual teve dificuldades em estudar suas grandes coleções e colocar em ordem os manuscritos científicos. Segundo Lima (1954) sua correspondência cessa em 1803, ficando entevado em 1807.

Sua posição oficial e prestígio valeram-lhe a inimizade do Padre Félix de Avellar Brotero (1744-1828), conhecido botânico e professor de Coimbra. Segundo este: *“O Doutor Alexandre, subalterno do Vandelli, e Inspetor das Quintas do Infantado, achase há três anos convulso e entevado em uma cama, como é notório, sem esperanças de restabelecimento, conforme dizem os médicos, que apesar de todos os seus conselhos lhe não poderão jamais persuadir a sobriedade, a qual hoje parece ser impossível, visto que o seu embotado estômago exige cada vez maior quantidade de licores, para o estimularem”.* Esse sacerdote, invejoso do prestígio de Rodrigues Ferreira, na Corte, escrevera então a João de Almeida Melo e Castro, Conde de Galvêas (1810), pleiteando-lhe o lugar, o que veio a conseguir somente após a morte do empreendedor da Viagem

Filosófica (23 de abril de 1815) e de Domingos Vandelli (1816).

Coube a José Maria da Costa e Sá (1816) proferir na Academia de Ciências de Lisboa o elogio ao Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. Nele menciona o fato de que o naturalista caíra em estado de "extrema melancolia" por alguns anos. Nem mesmo o posto de zelador da alfândega do Maranhão, que lhe houvera sido concedido (1800) com o salário de 400 mil-réis por mês, o havia interessado.

Apesar do informe de Brotero, que por inimizade e desprezo a Rodrigues Ferreira não nos parece fiel, fica patente que o naturalista passou cerca de 20 anos dos 59 vividos, com problemas de ordem psíquica. As múltiplas dificuldades encontradas no regresso, o desinteresse e falta de recursos para publicar seus manuscritos são bem expressos por Costa e Sá *"não pequenos estorvos (dos), que fazendo mui pouco, não querem que os outros executem a sua aplicação"*.

Em cartas a Martinho de Melo e Castro Rodrigues Ferreira demonstra ter tido problemas de saúde mais de uma vez. Assim é que em 30 de junho de 1784, escreve de Belém: . . . *"desde o meiado do mês de abril até ao presente, em que trato de ir convalescendo"* . . . *"no entanto em toda a cidade, pela qual se espalhou que eu tinha mais que melancolia, um me há tido por cismático, outro por melancólico, e alguns por pateta"*.

Volta novamente a comunicar que durante a viagem ao rio Içana teve oito dias de febres e delírios.

Após a viagem ao Rio Branco, escreve novamente ao Ministro Melo e Castro: *"Eu, e os dois desenhadores, como Vossa Excelência tem visto, e reparado temos padecido muito depois da viagem ao Rio Branco . . . Codina desde que chegou, tem custado a restabelecer das febres, dores do estômago e do ventre, que ali adquiriu"*.

Não devo omitir ainda a comunicação feita de Vila Bela em 16 de abril de 1790, antes da chegada àquela capital: *"O primeiro que logo a entrada do rio Mamoré enfermou gravemente de sezões foi o desenhador Joaquim José Codina. Seguiu-me eu do Forte do Príncipe (da Beira) para cima, que juntamente com o outro desenhador, José Joaquim Freire, chegamos e os termos de ficarmos ambos sepultados no Barreiro do Sítio de Guarujus"* . . . *"Ultimamente, do miserável estado em que esta expedição desembarcou nesta vila são testemunhas oculares todos os seus habitantes . . . os desenhadores enfermaram de sorte que eu já não contava com eles, principalmente com o Freire, a quem não houve moléstia que não sobreviesse, como foram sezões, corrupção, sarna, desinteria, etc. O jardineiro-botânico, que foi o último que adoeceu, logo no sexto dia depois de nossa chegada, me expirou nos braços, acometido de uma tão forte corrupção, que a nenhum remédio da arte obedeceu"*.

Ao visitar a Gruta das Onças perto de Vila Bela, novamente a doença aflige o naturalista, tendo o capitão da guarda mór ido em seu socorro na cidade de Lavrinhas: *"Empregou em meu socorro tudo quanto possuía de conhecimentos médicos, e nenhum remédio omitiu dos que lhe pareceram úteis. Precederam-se os diaforéticos, passou-se aos eméticos e purgantes, derão-se-me diluentes, adoçantes e refrigerantes, nem esqueceram a quina e os absorventes . . ."*

## 8. A GUERRA COM A FRANÇA E O ESBULHO DAS COLEÇÕES MANUSCRITAS E ESTAMPAS

Quando a saúde começara a declinar, sofreu grandes desilusão com o tratamento dado aos companheiros brasileiros na África. Seu infortúnio culminou com a ocupação de Portugal pelas tropas francesas do Marechal Junot. As coleções de Rodrigues Ferreira eram grandes e de alto valor, por englobar espécimes desconhecidos do Novo Mundo.

Segundo Simon (1974) o Museu de História Natural de Ajuda era privado, já que fazia parte dos jardins do Palácio Real, sendo comumente chamado de "Gabinete de História Natural". O trabalho de Rodrigues Ferreira e de seus amigos brasileiros Manoel Galvão da Silva, Joaquim José da Silva e João da Silva Feijó, respectivamente no Brasil, Moçambique, Angola e Cabo Verde, enriqueceu as coleções, que se tornaram conhecidas sobretudo na França e na Inglaterra. Muitos exemplares em duplicata foram cedidos à Real Academia de Ciências, por ordem do Príncipe Regente. Domingos Vandelli remeteu ao Sir Joseph Banks exemplares coligidos por Rodrigues Ferreira bem como a coleção de aquarelas de Frei Velloso (guardadas no Museu Britânico de História Natural), cujos nomes não foram posteriormente mencionados por seus usuários.

Dois meses após a ocupação de Lisboa, o ministro do Interior da França, Emmanuel Crétet (1714-1809), propôs aos Diretores do Museu de História Natural de Paris, que enviassem um naturalista para examinar as coleções existentes em Portugal e levar para Paris aquelas que os interessassem. A intenção de enviar Etienne Geoffroy de Saint-Hilaire (1747-1884) era no sentido de estabelecer permuta de material entre os dois Museus. Apesar desse início cheio de boas intenções, a realidade foi bem outra. O naturalista francês fez uma autêntica limpeza, levando com ele tudo que era de valor (espécimes, manuscritos e estampas). Esse esbulho fez com que o estudo das ciências naturais em Portugal sofresse descontinuidade que durou vários anos.

Antes da partida de Saint Hilaire, o marechal Junot certificou-se da permissão de Vandelli para levar duplicatas para Paris. Foi o próprio Vandelli quem levou Saint-Hilaire para examinar exemplares que, como havia previsto Alexandre Rodrigues Ferreira, ainda se encontravam encaixotados, intocados e sem estudo desde a chegada a Portugal.

A convenção de Sintra, assinada por ingleses e franceses, dava a estes últimos autorização para levar os despojos de guerra, já na posse deles Geoffroy Saint-Hilaire levou 17 caixas, manuscritos, livros e outras raridades encontradas em conventos e residências particulares. Oficiais ingleses e portugueses ainda tentaram convencer Saint-Hilaire a não levar os despojos científicos. O naturalista francês escreveu então a Sir Joseph Banks para que intercedesse junto aos portugueses à fim de poder retirar o que lhe havia sido dado livremente por Vandelli. Em carta a um amigo chegou a esclarecer que houve oposição a sua rapinagem: *"mais Mr. Geoffroy annonce que les anglaise et les portugais l'ont forci de restituir trois de ces caisses d'histoire naturelle"*.

As coleções levadas foram estudadas por Cuvier, de Jussieu, Thouin, Lacépède e o próprio Saint-Hilaire, como já disse, sem sequer mencionarem os coletores.



RELAÇÃO DAS REMESSAS DE MATERIAL ENVIADAS POR  
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA PARA LISBOA,  
SEGUNDO INFORMAÇÕES RETIRADAS DE SEUS MANUSCRITOS

1.	28	outubro 1783 . . . . .	1	volume	
2.	24	dezembro 1783 . . . . .	7	"	
3.	24	março 1784 . . . . .	10	"	
4.	2	setembro 1784 . . . . .	5	"	
5.	10	janeiro 1785 . . . . .	8	"	
6.	26	junho 1785 . . . . .	13	"	
7.	20	abril 1786 . . . . .	19	"	* (629 desenhos ou estam-
8.	18	agosto 1786 . . . . .	6	"	pas e 202 volumes até
9.	17	novembro 1786 . . . . .	12	"	essa data).
10.	24	fevereiro 1787 . . . . .	21	"	
11.	4	maio 1787 . . . . .	11	"	
12.	30	setembro 1787 . . . . .	31	"	
13.	21	junho 1788 . . . . .	58 *	"	
14.	30	agosto 1788 . . . . .		grande número de exemplares.	
15.	1	janeiro 1789 . . . . .	52	volumes e 63 desenhos.	
16.	26	junho 1791 . . . . .	50	volumes de produtos naturais e re-	
				messas anteriores de Vila Velha.	

Depois do restabelecimento da soberania portuguesa, houve em espurgo dos francófilos, que haviam prestado colaboração aos franceses. Domingos Vandelli e o filho, Alexandre Antonio Vandelli, foram exilados (1810) para a Ilha Terceira de Açores e, posteriormente, para a Inglaterra. A suspeição de que havia colaborado com os franceses levou-o ao exílio. O regresso a Portugal foi permitido em 1815, tendo falecido logo depois de Rodrigues Ferreira (1816).

Há indicações de que o naturalista francês Saint-Hilaire levou muito mais objetos de Lisboa do que mencionado. O inventário no Museu de Paris refere-se a 92 caixas de exemplares, artefatos indígenas, livros, aquarelas e os manuscritos de Rodrigues Ferreira.

O esbulho de material científico sofrido pelo país, particularmente do coligido por Alexandre Rodrigues Ferreira, nos é narrado com maior precisão por Carlos França, no Boletim da Sociedade Broteriana, volume 1, 2ª série (1922). Segundo ele Geoffroy Saint-Hilaire pediu a Junot para requisitar os espécimes, as memórias originais e os desenhos de Alexandre Rodrigues Ferreira, usurpando, assim, várias espécies descritas e ilustradas pelo naturalista. No documento transcrito a seguir pode-se verificar que foram levados do Museu de História Natural de Lisboa 417 espécies de animais, perfazendo um total de 592 exemplares.

*"Le Duc d'Abrantes, General en Chef de l'armée du Portugal, autorize Mr. Geoffroy, membre de l'Institut de France envoyé par le Ministre de l'Interieur pour faire des recherches sur les objets de Histoire Naturelle existants en Portugal et utiles au Cabinet de Paris, à enlever et faire encaisser pour être transportés en France les objets spécifiés dans le present. . . par nous depuis l'1 jusqu'a 4 et comprenant 65 espèces et 76 individus de mammifères, 238 espèces et 384 individus des oiseaux 25 espèces et 32 individus de reptiles et 89 espèces et 100 individus de poissons. Le Directeur du Cabinet Mr. Vandelli donnera à Mr. Geoffroy toutes les facilités qui dépendront de lui pour les objects, et la présente ordre restera déposée entre les mains de Mr. Vandelli pour sa decharge.*

*Lisbonne, le 3 juin 1808 – Le Duc d'Abrantes".*

Na opinião de Carlos França, na época diretor do Museu de Bocage da Faculdade de Ciências de Lisboa ou Museu de Zoologia de Lisboa, equivalente ao antigo Real Museu de Ajuda, "a viagem do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira é um dos mais brilhantes padrões de glória da nossa história colonial" . . . "o Brasil pode, como Portugal, contá-lo entre os seus filhos mais ilustres e ousados".

Segundo Bocage (1862) Saint-Hilaire levou para Paris 76 mamíferos, 387 aves, 32 répteis, 100 peixes, 508 insetos, 12 crustáceos e 468 conchas, num total de 1.583 exemplares, além de 59 minerais, 10 fósseis, o herbário de Rodrigues Ferreira com 1.114 plantas, o herbário de J. Velloso e 8 herbários de outras procedências.

Na expressão de Corrêia Filho (1939) "nem sequer refugou os manuscritos, com os quais acabou de acogular (abarrotar) o surrão de saqueio, para conhecer mais tarde". Nele foi colocado ainda a Flora Fluminense (11 volumes) de Frei Velloso e mais 4 outras do gênero.

Conforme nos relata Goeldi (1895) lendo o "Catalogue méthodique de la

collection de mammifères du Muséum d'Histoire Naturelle de Paris. I. <sup>ere</sup> partie: Introduction et catalogue des primates par Isidore Geoffroy St. Hilaire", Paris, 1851, podemos ter uma idéia das dimensões da colheita feita em Lisboa pelo zoólogo francês.

Assim é que o filho Isidore relata que o pai Etienne... "*dont Mr. Geoffroy St. Hilaire, par son voyage en Portugal, avait procuré avant tous aux Muséum les riches productions. . . . "La collection que Mr. Geoffroy St. Hilaire a formée en 1808, en Portugal, enfermait, avec un très-grand nombre d'espèces bresiliennes". . .*

Ainda é Goeldi que nos confirma serem, apenas de macacos, um total de 19 espécies seqüestradas do Real Museu de Lisboa, a maioria deles tipos das espécies de Geoffroy, das quais pelo menos 15 seriam de Alexandre Rodrigues Ferreira. A lista dos primatas poder-se-á acrescentar ainda o guará (lobo), a uiara ou boto-vermelho da Amazônia e o rato *Dactylomys* I. Geoffroy. Para Goeldi, isso representa "uma das maiores injustiças que jamais se praticaram" no campo da zoologia, pois nem o pai e nem o filho daquela dinastia de zoólogos nem sequer uma sílaba escreveram para confessar a quem a ciência deve o descobrimento de tantos animais.

Escrevendo sobre Rodrigues Ferreira 102 anos após o regresso à Portugal Goeldi expressa ter pena do colega injustiçado; "*profunda compaixão por um colega cujos merecimentos não foram devidamente apreciados, nem pelos contemporâneos nem pela posteridade*".

Segundo George S. Myers (1964), Alexandre Rodrigues Ferreira era o único naturalista na Europa, na sua época, a possuir uma boa coleção de peixes brasileiros para estudar, havendo já anotados, suas principais características. Sentindo dificuldade em classificá-los, Vandelli enviou dois espécimes à Lacépède em Paris, antes modificando o nome de *Loricaria spinosa*, que lhe dera Rodrigues Ferreira, para *histris*. Por motivos que desconhecemos, Lacépède nada fez com o exemplar, e após sua morte, foi o mesmo descrito por Valenciennes (in Cuvier e Valenciennes, 1840), com o nome de *Rinelepis histris*, sendo atualmente conhecido como *Pseudacanthicus histris*. Coube ainda a Félix de Brito Capello descrever a mesma espécie, denominando-a *Chaetotomus histris* (1870). Na remessa enviada por Rodrigues ao Real Gabinete de História Natural, aos 20 de abril de 1786, consta um desenho desta espécie feito por Freire na própria localidade com o nome de *Paraensibus Uacary Guaçu*, oferta do Excelentíssimo Senhor João Pereira Caldas (Vide relação de 20 de abril de 1786).

Fato semelhante ocorreu com o candiru *Vandellia cirrhosa* (Valenciennes, 1846). Pelo menos o nome genérico do aruanã,\* *Osteoglossum Vandelli*, 1829 (in Agassiz), proposto por Alexandre Rodrigues Ferreira em seu manuscrito, foi mantido, sem contudo ter reconhecida sua autoria. Segundo Myers, provavelmente o nome referente ao candiru surgiu na literatura ictiológica devido ao rótulo *vandelli*, que acompanhava os dois exemplares-tipos. Mais adiante, diz o mesmo autor: "*Geoffroy Saint-Hilaire foi quem efetivamente "limpou" o Real Gabinete (Museu de Ajuda) e enviou para Paris, como presa de guerra, os exemplares duramente coligidos por Rodrigues Ferreira. Eles prestaram pouca atenção a seus manuscritos*".

\* A meu ver, esse foi o motivo pelo qual se perdeu a "Descrição do peixe Aruanã, 1787, 2a pág. de fol."

RELAÇÃO DO MATERIAL DE HISTÓRIA NATURAL SUBTRAÍDO  
POR GEOFFROY SAINT-HILAIRE DO MUSEU DA AJUDA

As coleções zoológicas, que constavam de mamíferos, aves, répteis, peixes, insetos, crustáceos e conchas: ao todo 1.583 exemplares (muitos dos quais da expedição ao Brasil).

Minerais e fósseis, no total de 69 exemplares.

10 herbários, a saber:

- 1 Herbário feito no Brasil, por Alexandre Rodrigues Ferreira, com 1.114 plantas;
- 1 Dito feito no Brasil, pelo Doutor J. J. Velloso, com 129 plantas;
- 1 Dito feito J. M. Velloso, com 117 plantas;
- 1 Dito feito na costa de Angola por M. da Silva, com 256 plantas;
- 1 Dito feito no Cabo por M. Macá, com 83 plantas;
- 1 Dito feito no Peru, com 289 plantas;
- 1 Dito feito no Cabo Verde por J. da Silva Feijó, com 562 plantas;
- 1 Dito feito em Gôa, com 35 plantas;
- 1 Dito feito na Conchinchina por Loureiro, com 88 plantas;
- 1 Dito feito na Suécia pelo Dr. Thunberg, com 182 plantas; Manuscritos sobre botânica e zoologia, especialmente taxonomia.

(In Silva 1947)

RELAÇÃO DOS MACACOS LEVADOS DO REAL MUSEU DA AJUDA POR  
ETIENNE GEOFFROY SAINT-HILAIRE EM 1808

- 1) *Saimiris ustus*. — *Type de l'espèce*. Du voyage de M. Geoffroy St. Hilaire en Portugal 1808 (mâle). — (Geoffroy St. Hilaire, Tableaux des Quadrumanes 1812). (pág. 38).
- 2) *Callithrix amictus*. *Type de l'espèce*. (Du voyage de M. Geoffroy St. Hilaire en Portugal 1808). (Geoffroy S. H., Tableaux des Quadrumanes 1812). (pag. 40).
- 3) *Cebus cirrifer*. — *Type de l'espèce*. (*Du voyage de M. G. S. Hil. etc.*) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (pag. 44).
- 4) *Cebus barbatus*. — *Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) — type du *Cebus albus*, tout blanc — (Geoffroy St. Hilaire, 1812) (pág. 45).
- 5) *Cebus flavus*. — *Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire 1812) (pág. 45).
- 6) *Ateles marginatus*. — *Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, Annales du Musée tom. XIII, pág. 92, 1808) (pag. 49).
- 7) *Lagothrix canus*. — *Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, Tableaux des Quadrumanes, 1812) (pág. 50).
- 8) *Eriodes arachnoides*. — *Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. St. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, Annal du Mus. tom. XIII, pág. 270, 1806) (pág. 51).
- 9) *Mycetes ursinus*. — (Deux individus du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy descreveu em 1812 (Tabl. Quad.) com o nome de *Stentor ursinus* este macaco, do qual elle tinha levado de Lisboa em 1808 um macho velho e um de sexo desconhecido). (pág. 52 seg.).
- 10) *Mycetes niger*. — *Type du Stentor niger*. (Du voyage de M. A. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1811) (pág. 53), (um casal levado de Portugal).
- 11) *Pithecia monachus*. — *Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) ("espèce longtemps très-rare", pág. 55). (Macho novo).
- 12) *Pithcia satanas*. — (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (macho). Descripto por Hoffmannsegg 1807, pela primeira vez em certa publicação em Berlim).
- 13) *Hapale jacchus*. — Du voyage de M. G. S. H. etc. (Já descripto por Linneo et Buffon) fema, de Lisboa).
- 14) *Hapale aurita*. — *Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (sexo desconhecido).
- 15) *Hapale humeralifer*. *Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (macho).
- 16) *Hapale leucocephala*. — *Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (sexo desconhecido) (pág. 66).
- 17) *Hapale melanura*. — *Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (macho) (pág. 66).
- 18) *Midas rosalia*. — (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (macho) (pag. 62). Espécie já descripta por Buffon.
- 19) *Midas labiatus*. — *Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (pag. 63) (sexo desconhecido).

Segundo Goeldi (1895)

## RELAÇÃO DOS MACACOS LEVADOS DO REAL MUSEU DA AJUDA POR ETIENNE GEOFFROY SAINT-HILAIRE EM 1808

De acordo com Angel Cabrera (1957), as espécies de Saint-Hilaire, correspondem aos seguintes nomes citados em seu Catálogo dos mamíferos da América do Sul:

*Saimiri ustus* (I. Geoffroy, 1844) – *Saimiri sciureus ustus*.

*Callithrix amictus* Geoffroy, 1812 – *Callicebus torquatus amictus*.

*Cebus cirrifer* Geoffroy, 1812 – *Cebus apella nigrilus*.

*Cebus barbatus* Geoffroy, 1813 – *Cebus apella apella*.

*Cebus flavus* Geoffroy, 1813 (fide Goeldi); *Cebus albus* Geoffroy, 1812 (fide Cabrera)

*Cebus nigrivittatus olivaceus*.

*Ateles marginatus* Geoffroy, 1809 – *Ateles belzebuth marginatus*.

*Lagothrix canus* Geoffroy, 1812 – *Lagothrix cana cana*.

*Ateles arachnoides* Geoffroy, 1806 – *Brachyteles arachnoides*.

(Há engano evidente na inclusão desta espécie como sendo levado em 1808 por E. G. Saint-Hilaire, já que a mesma foi descrita em 1806).

*Stentor ursinus* Geoffroy, 1812 – *Alouatta guariba guariba*.

*Stentor niger* Geoffroy, 1812 – *Alouatta caraya*.

*Pithecia monachus* Geoffroy, 1812 – *Pithecia monachus monachus*.

*Pithecia chiropotes* (Humboldt, 1811) – *Pithecia satanas chiropotes*.

*Pithecia satanas* Hofmannsegg, 1807 – *Pithecia satanas satanas*.

*Jacchus vulgaris* Geoffroy, 1812 – *Callithrix jacchus*.

*Jacchus auritus* Geoffroy, 1812 – *Callithrix aurita aurita*.

*Jacchus humeralifer* Geoffroy, 1812 – *Callithrix jacchus*.

*Jacchus leucocephalus* Geoffroy, 1812 – *Callithrix geoffroy*.

*Jacchus melanurus* Geoffroy, 1812 – *Callithrix argentatus melanurus*.

*Midas rosalia* Linnaeus, 1766 – *Leontideus rosalia*.

*Midas labiatus* Geoffroy, 1812 – *Leontocebus labiatus labiatus*.

Quando Cuvier publicou o seu *Reino Animal* (1817 e 1829) os exemplares de Rodrigues Ferreira começaram a aparecer. Espécies de mamíferos, aves, répteis e peixes foram descritas com a anotação “presente do Museu de Lisboa” para os tipos, sem sequer menção do coletor. Entre os peixes descritos de material da *Viagem Filosófica* estão o pirarucú (*Arapaima gigas*), o aruanã (*Osteoglossum bicirrhosum*), o pacu (*Myloplus rhomboidalis*), a piranha (*Serrasalmus piraya*) e cerca de uma quinzena de outras espécies. Embora o herpetologista português Barboza du Bocage, como diretor do Museu de Lisboa, pleiteasse o retorno dos exemplares, eles continuam no Museu de Paris. Acredito que esses comentários explicam o desaparecimento da Memória e Descrição do Peixe Aruanã, segundo a relação de Antonio Azevedo Coutinho.

Outros pontos de referência a esse respeito são o trabalho de E. T. Hamy (1908) e o *Catalogue des objects choisis parmi ceux des collections d’Ajuda*. . . (Original dos Arquivos Nacionais da França, Paris).

Segundo Bocage (1862): *“a tradição porém refere que o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, ao chegar ao reino, os exemplares que coligira à custa de tantas fadigas e remetera com o maior desvelo para o Gabinete da Ajuda, deteriorados na maior parte e confundidos todos, perdidos ou trocados os números e etiquetas que traziam. Acrescenta ainda a tradição que não fora isto efeito do acaso ou do desleixo, mas obra premeditada da mais ruim maldade, planejada e levada à execução por um empregado do Gabinete da Ajuda, a quem os ciúmes do talento do nosso (sic) grande naturalista. . .”* “console-nos ao menos, se a tradição não mente, a certeza de que o autor de tamanha infâmia não era português”. Coube a França (1922) dar “nome aos bois” afirmando que essa pessoa *“foi o italiano Domingos Vandelli. . . criatura sem escrúpulos. . . audacioso, ingrato e plagiário (segundo carta de Pedro Arduino, seu conterrâneo e Linnaeus). . . tal era o homem que se apoderou de uma parte dos trabalhos do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira”*.

Um dos mais elucidativos trabalhos sobre Alexandre Rodrigues Ferreira e a *Viagem Filosófica* é o de Silva (1947), membro da Sociedade Geográfica de Lisboa, designado pela mesma a pedido da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1944), para prestar “colaboração ou associação” no “estudo sistemático da vida e obra do naturalista luso-brasileiro (sic)”.

Desincubindo-se da missão e baseado na bibliografia que teve em mãos, recapitula de maneira bastante completa a *Viagem Filosófica*, citando largos trechos dos escritos do naturalista. Ao final apresenta 58 documentos (cartas), que supõe inéditos, encontrados no Arquivo Histórico Colonial de Lisboa, e que elucidam numerosos eventos e atividade da vida de Rodrigues Ferreira.

Lima (1953) apresenta importante contribuição sobre a *Viagem Filosófica* citando com comentários, 135 documentos manuscritos oriundos da viagem, notadamente cartas de (ou para) Rodrigues Ferreira. No ano seguinte (1954) volta ao assunto, referindo-se a 144 documentos 43 dos quais foram incluídos em Silva (1947). Na opinião de Lima o Doutor Alexandre era bem pago pelo Governo Real, já que recebia como Sellador da Alfândega do Maranhão (em vez da alfândega de Pernambuco, como havia pleiteado) e como oficial da Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos, lugares que nunca exerceu. A esposa, Dona Germana, por sua vez,

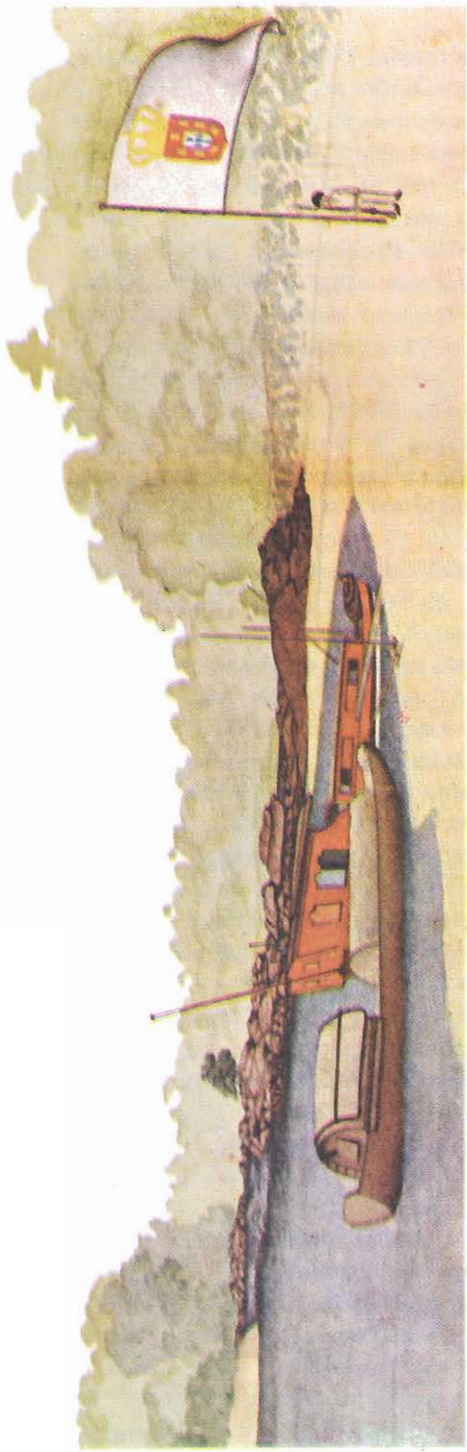


Fig. 6 — Cachoeira e arraial do rio Ixié, afluente do Alto Rio Negro. Ilustração de Codina.

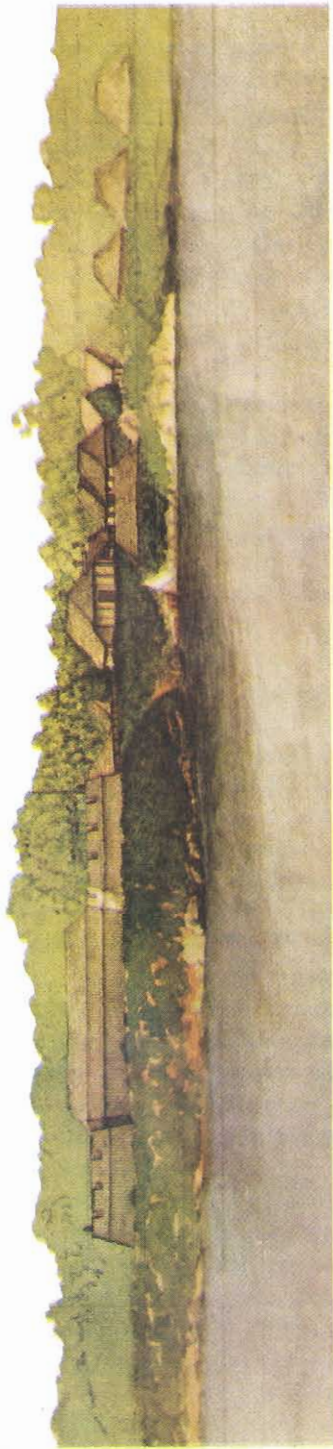


Fig. 7 — Fortaleza e Povoação de São José de Marabitanas. Alto Rio Negro. Ilustração de Freire.



recebia pensão de 400\$00 (quatrocentos mil réis) enquanto viva fosse.

A alegação de Lima, não deixa de ter sua razão, já que Rodrigues Ferreira fora nomeado para 6 postos de confiança do Governo real: 1) Oficial da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios de Ultramar (1793); 2) Hábito de Cristo (1794); 3) Vice-Diretor do Real Gabinete de História Natural e Jardim Botânico, efetivo (1795); 4) Administrador das Reais Quintas da Bemposta, de Caxias e de Queluz (1795); 5) Sellador da Alfândega do Maranhão (1800); 6) Vogal da Junta de Comércio (1807). Segundo esse autor embora tardiamente, foi conferida semelhante recompensa, tão desejada (houve solicitação de Rodrigues Ferreira, do Pará, em 6 de fevereiro de 1792). Após essa última nomeação, seu padrinho e benfeitor, Martinho de Melo e Castro ainda viveu dois anos.

Discorda de Silva (1947) quanto aos conceitos emitidos sobre Vandelli, que tachava de "ignobil italiano" e "agente baixo e sinistro". O fato de ter sido padrinho de uma das filhas de Rodrigues Ferreira, em 1807, demonstra a camaradagem que devia existir entre ambos. Afirma ter recebido do Doutor Bettencourt Ferreira, que tinha colaboração de Santos Junior, 70 fotocópias (representando 33 documentos autógrafos correspondentes à Viagem Filosófica).

Carvalho (1930) procura de certa forma atenuar as informações sobre Saint-Hilaire e sua missão, dadas por Azevedo (1920). Refere-se ao trabalho de Hamy (1908), onde existe referência a Johann Centurius, Conde de Hoffmansegg, autor da Flora Lusitânica, que viajara a Portugal de 1797 a 1799. Esse naturalista tinha enviado ao Brasil Franz Wilhelm Sieber, para coletar produtos de história natural, comprometendo-se Hoffmansegg a ceder duplicatas ao Museu de Ajuda. No regresso de Sieber, conseguiu ele com o auxílio de uma casa comercial alemã, enviar para a Alemanha a maior parte das caixas que trazia, sem entregar as duplicatas. Sabendo do fato, o governo português embargou a saída das caixas, que ainda estavam em Portugal.

Feita a invasão francesa em Portugal, Hoffmansegg escreveu ao Museu de Paris pedindo a interferência da instituição para recuperar as caixas embargadas. Foram tomadas providências a esse respeito em 21 de outubro de 1807, ao mesmo tempo em que Geoffroy Saint-Hilaire, solicitado pelo mesmo naturalista alemão, escrevia ao amigo general Margaron, comandante da Cavalaria do exército invasor, avisando-o de que iria a Lisboa e que fosse procurar no Museu de Ajuda tudo que pudesse adquirir, visto que em Portugal havia acumulado grande quantidade de riquezas naturais sem proveito para a ciência. Margaron enviou a carta a Junot, que aprovou a vinda de Saint-Hilaire, do qual era amigo "pour y faire le tirage de tout ce que pourrait convenir au Muséum".

Saint-Hilaire conseguiu que o Ministro do Interior, o Conde de Cretét, pedisse a proteção do Imperador para sua missão, e a 7 de janeiro escrevia aos diretores do Museu de Paris, consultando-os sobre a utilidade do pedido e a indicação de cientistas. Sabe-se que além de Saint-Hilaire, foram ainda indicados Pedro Antonio Delalande e Mathieu Tondi. A resposta de Cuvier foi enviada em 8 de janeiro (1808): "*Nous savons qu'il y a en Portugal plusieurs publics, riches en productions des trois règnes de l'Inde et du Brésil, dont nous sommes privés, faut de relations avec ces contrées éloignées. Le Portugal lui même produit plusieurs objets qu'il sera intéressant de procurer à la France, et comme tout cela doit s'y trouver en grande nombre, on peut,*

*avec le modération, nous enrichir beaucoup sans appauvrir sensiblement le pays*”.

No dia 10 do mesmo mês voltava o Ministro a pedir novas informações sobre tempo e recursos necessários. A resposta do Museu de Paris dizia que a missão custaria por dia 12 francos para despesas de viagem e 24 francos pelas diárias em Portugal para cada membro. O tempo deveria oscilar entre dois e meio a três meses. Segundo Carvalho, para tirar as últimas dúvidas que tivesse o Ministro, foi-lhe dito: *“Les minéraux et les animaux du Brésil et de la côte d’Afrique rassemblées dans le Cabinet Royal et les plantes des mêmes pays cultivées dans les jardins sont, à ce qu’on nous assure, d’une rareté et d’une beauté inappréciables”*.

A 17 o Ministro aprovava tudo e recomendava pressa na partida da missão. Finalmente Carvalho informa que no trabalho de Hamy existem cartas de Saint-Hilaire e testemunhas de religiosos no sentido de louvar o procedimento que aquele sábio francês tivera, limitando a colheita.

Tudo faz crer, que a intenção foi boa, mas a realidade desastrosa para o Museu de Ajuda. Não sabemos de nenhuma remessa que tenha sido enviada a Lisboa em permuta pelos exemplares levados por Saint-Hilaire.

Outro trabalho de natureza geral sobre a Viagem é o de Glória Marly Fontes (1966) que tece comentários geral sobre bibliografia, dispersão e fragmentação da obra de Rodrigues Ferreira, suas atividades como geógrafo, botânico e zoólogo, incluindo no texto valiosa bibliografia. Transcreve, na íntegra, pela primeira vez entre nós, o texto das *“Enfermidades Endêmicas da Capitania de Mato Grosso”*. As ilustrações de animais incluídas (9 delas) não devem pertencer a coleção original da Viagem, conforme será mencionado adiante no item Iconografia.

## 9. A SAGA DOS MANUSCRITOS

Terminado o relato dessa fase tão difícil da vida de Alexandre Rodrigues Ferreira, é ainda Carlos França quem noticia terem sido os manuscritos devolvidos de Paris. Com a morte do naturalista em 23 de abril de 1815 (Joaquim José Freire, o riscador e companheiro de viagem faleceu em 1814, todos os papéis pertencentes à **Viagem Filosófica** foram entregues a Félix de Avelar Brotero, por Dona Germana, a fim de serem catalogados. A relação intitulada *Notícia dos escritos do senhor Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira* diz: *“Esta notícia he fielmente extraída do inventário dos papéis do Senhor Doutor Alexandre, que, como pertencentes à sua viagem, foram por ordem do Senhor Visconde de Santarém entregues ao Senhor Félix de Avellar Brotero, aos 5 de julho de 1815; sendo no dito inventário que me foi confiado, não só compreendidos todos os seus escritos, mas ainda outros muitos papéis não pertencentes à dita viagem. As composições do Senhor Alexandre vêm aí designadas com as iniciais do seu nome”*. No recibo desses papéis, assinado por Brotero, figuram quatro testemunhas, uma delas, Antônio de Azevedo Coutinho, relacionou o montante de 18 folhas contendo 57 escritos sobre a **Viagem Filosófica**, 17 sobre obras diversas não pertencentes à viagem e 29 não assinadas ou sem a rubrica do autor mas *“sendo que pela natureza, e outros argumentos se devem reputar do Senhor Doutor Alexandre”*.

A fim de que se possa fazer um melhor juízo sobre esse acervo, julgo oportuno transcrevê-lo, no original, como segue:

**NOTÍCIA DOS ESCRITOS DO SENHOR DOUTOR  
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA**

(Costa e Sá, 1818)

Esta Noticia he fielmente extrahida do Inventario dos Papeis do Sñr. Dr. Alexandre, que como pertencentes á sua viagem, forão por ordem do Sñr. Visconde de Santarem entregues ao Sñr. Felix de Avellar Brotero aos 5 de julho de 1815: sendo no dito Inventario que me foi confiado, não só comprehendidos todos os seus escritos, mas ainda outros muitos Papeis não pertencentes á viagem. As composições do Sñr. Dr. Alexandre vem ahí designadas com as iniciaes do seu nome.

I

Obras pertencentes á viagem filosofica do Grão-Pará, Rio Negro, Mato-Grosso e Cuyaba.

Prospecto da Cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, 52 pág. de fol. Deixou outras copias desta Obra.

Miscellania historica para servir de explicação ao Prospecto da Cidade do Pará, 1784. 77 pág. de fol. Deixou outras duas copias desta Obra.

Estado presente da Agricultura do Pará em 1784. 25 pág. de fol. Esta Obra de que deixou outra copia, foi depois consideravelmente accrescentada, ampliando-se a 75 pág. de fol.

Noticia historica da Ilha de Joannes ou Marajó, 34 pág. de fol. Deixou outras duas copias.

Memoria sobre a Marinha interior do Estado do Grão-Pará, 1787, 170 pág. de fol.

Extrato do Diario da viagem filosofica pelo Estado do Grão-Pará, 1787, 54 pág. de fol. Deixou mais duas copias desta Obra.

Memoria sobre os engenhos de branquear o arroz no Estado do Pará, 10 pág. de 4º.

Miscellania de observações filosoficas no Estado do Pará no anno de 1784. 19 pág. de 8º.

Diario da viagem filosofica pela Capitania de S. José do Rio Negro, com a informação do estado presente dos Estabelecimentos Portuguezes na sobredita Capitania, 140 pág. de fol. Esta Obra de que deixou outra copia, foi depois consideravelmente augmentada formando assim outros M.S. de 544 pág. de fol.

Participação geral do Rio Negro, e seu territorio: Extracto do Diario da viagem filosofica pela dita Capitania, 1785, e 1786, 226 pág. de fol. Deixou outra copia.

Tratado historico do Rio Branco, 58 pág. de 4º.

Diario do Rio Branco, 27 pág. de 4º.

Relação circunstanciada do Rio da Madeira, e seu territorio, desde a sua foz até a sua primeira cachoeira chamada de Santo Antonio, feita nos annos de 1788, e 1789, 101 pág. de fol. Deixou outra copia incompleta.

Supplemento ao Diario do Rio da Madeira, 16 pág. de fol.

Supplemento á Memoria dos Rios de Mato-Grosso, 14 pág. de 4<sup>o</sup>.

Prospecto Filosofico e Político da Serra de S. Vicente, e seus Estabelecimentos, 1790, 44 pág. de fol.

Enfermidades endemicas da Capitania de Mato-Grosso, 110 pág. de fol.

Viagem á gruta das Onças em 1790, 16 pág. de fol.

Catalogo da verdadeira posição dos lugares abaixo declarados pertencentes ás Capitánias do Pará e Mato-Grosso, 12 pág. de fol.

Noticia da voluntaria redução de paz e amimidade da froz Nação do Gentio Mura, nos annos de 1784, 1785, e 1786, 105 pág. de fol. Deixou duas copias desta Obra.

Memoria sobre o mesmo Gentio Mura, 12 pág. de fol., de que tambem deixou duas copias.

Memoria sobre os Gentios Uerequenas que habitão nos rios Yçana e Ixié, 1787, 11 pág. de fol. Deixou outra copia desta Memoria.

Memoria sobre os Gentios Capirunas que habitão na margem occidental do Rio Yatapu, 1787, 4 pág. de fol. Deixou mais tres copias.

Memoria sobre os Gentios Cambebas que habitão as margem e ilhas da parte superior do Rio Solimões, 1787, 14 pág. de fol. Deixou duas outras copias.

Memoria sobre os Gentios Yurupixunas, 1787, 3 pág. de fol.

Memoria sobre os Gentios Mauhas, habitantes do Rio Cumiary e seus confluente, 1787, 3 pág. de fol.

Memoria sobre os Gentios da Nação Miranha, huma das mais populosas do Rio Solimões, 1788, 2 pág. de fol.

Memória sobre os Índios Hespanhoes desertados da Provincia de Santa Cruz de la Sierra, 1787, 6 pág. de fol.

Memoria sobre os Gentios luaicurus, 1791, 12 pág. de fol.

Memoria sobre huma das Gentias da Nação Catauixi, habitante no rio dos Purús, 1788, 4 pág. de fol.

Memoria sobre os instrumentos de que usa o Gentio para tomar o tabaco Paricá, 1786, 3 pág. de fol.

Memoria sobre as cuias que fazem as Indias de Monte-alegre, e Santarém, 1786, 7 pág. de fol.

Memoria sobre a louça que fazem as Indias de Monte-alegre, e Santarém, 1786, 7 pág. de fol.

Memoria sobre as mascaras e farças que fazem para os seus bailes os Gentios Yurúpuxinas, 1787, 15 pág. de fol. Desta Memoria deixou quatro cópias talvez com mudanças, c.

Memória sobre as salvas de palhinha pintada que fazem as Índias da Villa de Santarém, 1786, 2 pág. de fol.

Memoria sobre as Malocas dos Gentios Curutús, situados no Rio Apaporis, 1787, 4 pág. de fol.

Relação das cinco remessas dos productos naturaes do Pará, que remetteo a Lisboa, 5 pág. de fol.

Mappa geral de todos os productos naturaes e industriaes que remetteo do Rio Negro, em fol.

Relação das oito remessas dos productos naturaes do Rio Negro, que remetteo a Lisboa, 160 pág. de fol. Deixou outra copia talvez com mudanças, em 208 pág. tambem de fol.

Relação circunstanciada das amostras de ouro, que remetteo para o Real Gabinete de História Natural, 50 pág. de fol.

Observações geraes e particulares sobre a classe dos Mammaes, observados nos territorios dos três Rios das Amazonas. Negro, e da Madeira: escritas em 387 pág. de fol. no anno de 1790. Desta Obra deixou huma outra copia em 466 pág. de fol.

Relação dos animaes silvestres que habitão nos matos de todo o Certão do Estado do Grão-Pará.

N.B. Desta Obra me deo noticia o Sñr. José Bonifácio de Andrada e Silva, o qual possui huma copia incompleta em 4º.

Memória sobre as Tartarugas, 11 pág. de fol.

Memoria sobre as Tartarugas Yurará-rete, 1786, 9 pág. de fol.

Memoria sobre a Tartaruga Matamata, 3 pág. de 4º.

Descrição da mesma Tartaruga, 1784, 6 pág. de 4º.

Memoria sobre o uso que dão ao Peixe Boi no Estado do Grão-Pará, e sobre outros objetos, 39 pág. em fol.

Memoria sobre o Peixe Pirarucú, 1787, 8 pág. de fol. Deixou outras duas copias desta Memoria.

Descrição do Peixe Arananã, 1787, 2 pág. de fol.

Relação das amostras de algumas qualidades de madeiras das margens do Rio Negro, 1788, 30 pág. de fol.

Diario sobre as observações feitas nas plantas que se recolherão na Capitania do Rio Negro, 1786, 118 pág. de fol.

Diario sobre as observações das plantas que se recolherão no Rio Branco, 12 pág. de fol.

Diario das observações das plantas que se recolherão no Rio da Madeira, 36 pág. de fol.

Memoria sobre as palmeiras, 11 pág. de fol.

Collecção das experiencias de Tinturaria que se fizerão em a viagem da Expedição filosofica pelo Rio Negro, com doze amostras tintas em lã.

Relação dos preparos necessarios á Expedição filosofica que executou, os quaes pedio em 1786, 36 pág. de fol.

Papeis avulsos de Memorias e escritos pertencentes á viagem Ec.: fazião 1840 pág. de fol. e 428 pág. de 4º.

## II

Obras sobre diversos assumptos não pertencentes á viagem.

Oração Latina por occasião dos annos do Serenissimo Sñr. D. José, Principe do Brazil, feita no anno de 1779, em 4º.

Falla que fez para recitar no dia da posse dos Exmos. Sñr. General do Pará Martinho de Sousa de Albuquerque, e Bispo D. Fr. Caetano Brandão, 2 pág. de fol.

Falla que fez na noite de 19 de setembro de 1784 ao despedir-se do Illmo. e Exmo. Sñr. Martinho de Sousa e Albuquerque, 3 pág. de fol.

Falla que fez na tarde de 2 de março de 1785 ao Illmo. e Exmo. Sñr. João Pereira Caldas, quando entrou a visitá-lo na Villa de Barcellos, 4 pág. de fol.

- Falla que fez ao mesmo no dia 4 de agosto de 1785, dia em que fazia annos, 4 pág. de fol.
- Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela Coroa de Portugal, 1792, 47 pág. de fol.
- Propriedade e posse Portugueza das terras cedidas aos Francezes, 1802, 9 pág. de fol.
- Memoria ou parecer sobre a plantação dos olivae nas terras que na Vila de Coruche tinha Joaquim Rodrigues Botelho. Desta Obra achei noticia no caderno das Memorias particulares do Sñr. Dr. Alexandre, do anno de 1783.
- Memoria sobre as matas de Portugal, dividida em tres partes, e lida na Academia Real das Sciencias no anno de 1780, 82 pág. de 4<sup>o</sup>.
- Abuso da Conchyologia em Lisboa, para servir de introducção á sua Theologia dos Vermes, 1781, 26 pág. de 4<sup>o</sup>. Foi tambem lida na Academia Real das Sciencias.
- Descripção de huma planta desconhecida pelo Cirurgião Mór do Regimento d'Alcantara, 14 pág. de 4<sup>o</sup>. Creio que esta Obra que assim vem annunciada no Inventario dos papeis do Sñr. Dr. Alexandre, que tenho citado, he a mesma que passamos a annunciar segundo a indicação do seu caderno de Memorias particulares, onde se diz que também fôra lida na Academia.
- Exame da planta medicinal, que como nova applica e vende o Licenciado Antonio Francisco da Costa, Cirurgião Mór do Regimento de Cavallaria d'Alcantara <sup>(a)</sup>.
- Relação dos animaes quadrúpedes, aves, peixes, vermes, amphibios, e frutos Ec. que se comem: 69 pág. de fol. He incompleto.
- Descripção do Raconéte, em 1795, 4 pág. de fol.
- Descripção do Macaco Simia Mormom, 1801, 6 pág. de 4<sup>o</sup>.
- Memorias para a Historia particular da Marinha Portugueza, apanhadas da Historia geral do Reino e Conquistas: 26 pág. de fol. He incompleto.
- Noticia, em forma de carta, dos trabalhos que a Classe Filosofica da Universidade de Coimbra tinha executado Ec: 20 pág. de 4<sup>o</sup>.

### III

N.B. Ainda que as composições que ficão mencionadas, fossem só as que no Inventario dos papeis do Sñr. Dr. Alexandre vem com a indicação das iniciaes de seu nome, com tudo sempre passarei a referir como suas as seguintes, que vindo alli faltas de semelhantes indicação, tambem não trazem a de nenhum outro Autor, sendo que pela sua natureza, e outros argumentos se devem reputar do Sñr. Dr. Alexandre.

- Roteiro das viagens da Cidade do Pará até ás ultimas Colonias dos Dominios Portuguezes em os Rios Amazonas e Negro: 112 pág. de fol.
- Memoria de alguns successos do Pará, 20 pág. de fol.

---

(a) Julgo que tambem seria composição do Sñr. Dr. Alexandre a Memoria, que com o titulo de *Observações dos effeitos* que tem obrado as pirolas desencrassantes, de que era Autor este mesmo Cirurgião Mór do Regimento de Cavallaria d'Alcantara, vem annunciada sem nome do Inventario dos seus papeis.

- Notícia da fundação do Convento de Nossa Senhora das Mercês da Cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, extrahida do Archivo do dito Convento no anno de 1784: 43 pág. de fol.
- Notícia dos mais terriveis contagios de bexigas que tem havido no Estado do Pará, no anno de 1720 em diante: 4 pág. de fol.
- Instrucções que regulão o methodo por que os Directores das povoações de Indios do Estado do Grão-Pará se devem conduzir no modo de fazer as sementeiras: 7 pág. de fol.
- Memoria sobre a lavoura do Macapá, 3 pág. de fol.
- Lembrança das fazendas de gado vacuum que se achão estabelecidas na costa do Amazonas: 5 pág. de fol.
- Individual noticia do Rio Branco, 6 pág. de fol.
- Diario da viagem feita no Rio Dimiti no anno de 1785, 4 pág. de 4<sup>o</sup>.
- Noticia da Nação Juioana, a que chamão hoje Iacáca: 2 pág. de fol.
- Roteiro da viagem de Mato Grosso, 3 pág. de fol.
- Reflexões abbreviadas dos principaes motivos que obstarão ao maior e desejado progresso da lavoura e commercio do Estado do Grão-Pará, 14 pág. de fol.
- Breve Instrucção sobre o methodo de recolher e transportar algumas producções, que se achão nos Certões e costas do mar: 21 pág. de 4<sup>o</sup>.
- Supplemento sobre a guerra ordenada contra as Nações de Indios que infestão a Capitania do Piauhy: 19 pág. de fol.
- Relação dos nomes das madeiras proprias para a construcção de embarcações, moveis de casa, e outros destinos, que se tem descoberto no Estado do Pará: 6 pág. de fol.
- Memoria sobre huma porção de cabo formado de casca de Guambé-cima, 10 pág. de fol.
- Observações sobre a cultura e fabrica do Urucú, 5 pág. de fol.
- Instrucção para extrahir o anil, 3 pág. de fol.
- Relação de todos os passaros e bichos do Estado do Grão-Pará, que se remettêrão ás Quintas Reaes pelo Exmo. Sñr. João Pereira Caldas, 1773 até 1779: 19 pág. de fol.
- Relação das madeiras do Estado do Pará, de que forão amostras á Secretaria d'Estado da Marinha, remettidas pelo Governador e Capitão General João Pereira Caldas.
- Memoria sobre o anil do Pará e Rio Negro, 11 pág. de fol.
- Virtudes, preparação e uso da raiz de caninana nas enfermidades venereas, tanto recentes como chronicas: 4 pág. de fol.
- Memoria sobre o Alicorne do mar, 10 pág. de 4<sup>o</sup>.
- Memoria a respeito dos Muharas, a algumas cousas mais a outro fim, 24 pág. de fol.
- Nota sobre a linha recta mandada tirar desde a foz do Rio Jaurú até o de Sarare, segundo o Artigo 10 do Tratado de limites: 4 pág. de fol.
- Memoria sobre o lenho de Quassia, extrahida das Dissertações de Linneo: 23 pág. de 4<sup>o</sup>.
- Descripção sobre a cultura do canhamo, sua colheita, maceração n'agoa até pôr no estado para ser gramado, ripado, e assedado: 15 pág. de fol.
- Nomes vulgares de algumas plantas do Rio de Janeiro, reduzidas aos triviaes do systema

de Lineo, e da Flora Fluminense: 26 pág. de fol. He incompleto.  
Directorio que Sua Magestade manda observar no seu Real Jardim Botânico, Museu,  
Laboratorio Chymico, e Casa do Desenho c: 10 pág. de fol.

Para que o Conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá pudesse opinar sobre a conveniência da publicação dos referidos papéis, foram os mesmos transferidos do Museu para a Academia de Ciências, com o título Notícias dos Escritos do Senhor Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, acompanhando o **Elogio histórico** do naturalista, escrito pelo mesmo Costa e Sá (1818).

Que houve intenção e preparativos para a publicação dos escritos podemos deduzir pela notícia dada por França (1922). Segundo esse colega português, em 1815 já haviam sido gravadas em cobre 83 estampas da viagem.

A notícia dos escritos foi também reproduzida na Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil,<sup>1</sup> pelo Desembargador Rodrigo de Sousa da Silva Pontes.

Costa e Sá alegou que *"não farei juízo, nem maior análise dos trabalhos". . . "fica ponderado os inconvenientes que teve para sua redação em um corpo seguido e sistemático". . . "tendo a primazia da originalidade em muitas causas totalmente desconhecidas no tempo". . . "tornarei a repetir. . . a publicação dos trabalhos". . . "por todos os lados por onde os queiramos considerar, são do maior interesse científico, e para o Império do Brasil ainda a este une outros muito importantes, econômica e politicamente considerados"* (1838).

Alfredo do Valle Cabral (1876-1877), que também fizera belo e fiel elogio de Rodrigues Ferreira, transcreve a Notícia das obras manuscritas e inéditas relativas à **Viagem Filosófica**, com o *" . . . intuito de dar divulgação à obra, deveriam os manuscritos vir para o Brasil, segundo se diz, por ordem do Governo Português. A história da vinda desses manuscritos e de sua completa debandada, segundo Alfredo do Valle Cabral (1876), "é bem curiosa, mas não cabe aqui narrá-la: acresce que, contá-la, equivaleria a ofender sem dúvida algumas dezenas de suscetibilidades, e tal não é o nosso intuito"*. O Ministro do Brasil em Lisboa, Antônio de Menezes Vasconcellos Drummond, enviou para o Rio de Janeiro cinco volumes que encerraram 912 estampas, acreditando-se que todas elas foram copiadas dos originais ainda em vida de Alexandre Rodrigues Ferreira, e provavelmente sob sua direção, no Real Museu da Ajuda, e passam, por conseguinte, na opinião de Valle Cabral, comi autênticas. Outros códices, segundo ainda Valle Cabral, *"uns todos escritos da própria mão do autor e outros por letra de seu amanuense, mas que trazem correções e acrescentamentos do próprio punho do naturalista, ou sua assinatura autógrafa"*, também acham-se na Seção de Manuscritos de nossa Biblioteca Nacional".

Em 31 de outubro de 1840 Antônio de Menezes Vasconcellos de Drummond escreve ao Cônego Januário Cunha Barbosa, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sobre os manuscritos de Alexandre Rodrigues Ferreira: "Os governos português e brasileiro deveriam entrar em entendimentos para publicá-los o quanto antes, para não desaparecerem de todo, já que a Academia Real de Ciências não possui fundos".

1. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, 2:503-9, 1840.



Carlos França (1922) nos informa que *“Em 1842 o Ministro do Reino, Conde de Tomar, ordenava ao Museu de Lisboa que entregasse ao Ministro do Brasil em Portugal, Vasconcellos Drummond, os manuscritos de Alexandre Rodrigues Ferreira para serem impressos por conta do Governo Brasileiro e, depois, regressar ao seu legítimo possuidor — o Museu . . . Foram-lhe entregues (1842) 230 manuscritos, 8 mapas geográficos, 26 estampas e desenhos, 12 chapas de cobre gravadas e 2 volumes de aquarelas”*. Essa informação é repetida por Rodolfo Garcia (1946).

Transcrevo a seguir o recibo do Ministro brasileiro:

*“Recebi do Exmo. Snr. Conselheiro Joaquim José da Costa Macedo os manuscritos, estampas, mapas, desenhos e mais papéis mencionados no inventário acima, constante de 282 verbas numeradas seguidamente, excluindo as dos seguintes números que não recebi a saber: 1, 3, 21, 28, 39, 53, 76, 79, 80, 83, 88, 90, 111, 132, 133, 134, 259, 263, 264, 265, 268, 275, 276, que fazem ao todo 23.*

*E por ser vedade faço o presente que assino.*

*Lisboa, 14 de janeiro de 1843. Ant<sup>o</sup> de Men<sup>o</sup> Vasconcellos de Drummond”*.

Tudo indica que as estampas passaram a outras mãos após sua vinda para o Brasil. Em 1838 já haviam desaparecido os códices relativos a botânica (os diários sobre as plantas do rio Negro, rio Branco e rio Madeira e relação das madeiras do rio Negro).

Hoje sabemos, segundo Valle Cabral (1876) que existiam na Biblioteca Nacional 51 códices, dos quais 48 pertenciam a coleção Lagosiana. Saldanha da Gama (1885) nos informa: *“Em março de 1873 (foi) comprado de Dona Germana Francisca da Costa Ferreira Lagos, viúva do comendador Manoel Ferreira Lagos, toda a sua coleção de manuscritos que sobem a mais de 300. Por esta ocasião entraram as obras do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira relativas à sua viagem científica pelo Pará, Amazonas e Mato Grosso”*. A esses 51 códices se ajuntavam 10 outros documentos (cartas, etc.). Um total de 25 dos códices pertenceram ao Ministro Drummond (3, 7, 11, 15, 18, 21, 22, 23, 23, 24, 27, 28, 29, 32, 33, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 49, 50, 51).

Ainda Valle Cabral (1877) registra 36 códices pertencentes ao Doutor João Antonio Alves Carvalho, dos quais pelo menos 10 são autógrafos. Entre eles o precioso volume de Prospectos de cidades, vilas, povoações, etc.; Desenhos de gentios, animais quadrúpedes, etc. e 72 estampas de animais (vide Iconografia).

Nessa mesma relação inclui 1 documento adquirido da viúva do comendador Lagos (o nº 1 da coleção Drummond) e o notável volume sobre as *“Plantas do Pará”*, pertencentes ao Doutor Augusto F. Maria Glaziou, dividido em 4 partes: 1) com 169 gravuras; 2) com 169; 3) com 170; 4) com 157, num total de 665 estampas. Segundo Valle Cabral *“São os próprios originais a aquarela desenhados pelos dois desenhistas da Expedição Filosófica José Joaquim Freire e Joaquim José Codina”*.

Mais um volume das *“Plantas do Pará”* retornou a Biblioteca Nacional por doação de Julio Benedito Ottoni (1911), perfazendo 962 desenhos.

Menciona ainda o códice referente a *“Relação dos animais quadrúpedes silvestres que habitam as matas do Grão-Pará”*, em mãos de um amador.

José Honório Rodrigues (1952), ao ser informado de que o Congresso Nacional havia autorizado a impressão das obras completas de Rodrigues Ferreira, transcreve o

catálogo dos códices, incluindo o elogio de Costa e Sá, a **Notícia** de Antônio de Azevedo Coutinho e a de Alfredo do Valle Cabral. A relação da Biblioteca Nacional inclui 89 códices do naturalista, 10 de correspondência, sete documentos sobre ele, 46 documentos ao mesmo, oito manuscritos não pertencentes à Biblioteca, 24 bibliografias de Rodrigues Ferreira e 69 sobre ele, num total de 253 citações bibliográficas.

Segundo José Honório Rodrigues *“a publicação das obras de Alexandre Rodrigues Ferreira é um ideal longamente mantido pelos melhores espíritos da cultura brasileira”*. Nesse sentido, a Câmara dos Deputados, pelo Projeto nº 629, de 17 de outubro de 1949, abriu um crédito de Cr\$ 500,00 destinado à reprodução, pelo Ministério da Educação e Cultura, dos manuscritos da *“Viagem Filosófica”*. Novamente o Projeto nº 560, de 4 de junho de 1951, do Congresso Nacional, mandou abrir, no Ministério da Educação e Cultura, um crédito de um milhão e quinhentos mil cruzeiros antigos, a serem distribuídos em parcelas de 300 mil cruzeiros durante 5 anos, para imprimir as obras completas do naturalista, através de proposição dos deputados Coutinho Cavalcanti, Afonso Arinos de Melo Franco e Nelson Carneiro afirmando serem os recursos insuficientes, passa a descrever as fases em que a tarefa teria que ser realizada: pesquisa preparo da edição crítica e publicação.

A Lei nº 1706, de 22 de outubro de 1952, também autorizou o Poder Executivo a imprimir as obras de Alexandre Rodrigues Ferreira. Nenhuma dessas iniciativas foi coroada de êxito.

A Comissão do Ministério da Educação e Cultura que tinha a seu cargo a organização das obras do naturalista conforme Portaria nº 241, de 2 de agosto de 1955, ex vi da Lei nº 1.706, tendo em conta o interesse demonstrado pelo então Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Professor Olympio Ribeiro da Fonseca Filho, em avocar para esse Instituto o empreendimento, assim como a capacidade científica e financeira do INPA para realizá-lo, resolveu propor ao MEC fosse dada por finda a atividade da Comissão e deferida a pretensão do Instituto. Tal fato foi aceito pelo Ministro e comunicado ao INPA pelo ofício nº 983/55, de 20 de dezembro de 1955. Composta dos Professores João Ribeiro Mendes, Jorge Agostinho da Silva e Glória Marly Duarte Nunes de Carvalho Fontes procedeu o inventário dos códices, não sendo, todavia, continuado o trabalho, por escassez de recursos.

Coube ao Conselho Nacional de Cultura, por iniciativa do Doutor Arthur Cezar Ferreira Reis, retomar essa determinação, tantas vezes projetadas e não executada, salvo casos especiais, em que algumas monografias ou memórias foram reproduzidas em publicações brasileiras.

Nesse afã, foram terminados os dois volumes da iconografia, sob coordenação do Doutor José Cândido de Melo Carvalho, que assumira essa tarefa já em fase adiantada de impressão: o volume 1 – Geografia e Antropologia, com 140 estampas, e o volume 2 – Zoologia, com 168 estampas.

Foram publicados, ainda, dois volumes de memórias: Zoologia, 11 trabalhos e Botânica, 5 trabalhos (1971) e Antropologia, 20 trabalhos (1974).

Como acontece constantemente com os manuscritos de Alexandre Rodrigues Ferreira, esgotaram-se novamente os recursos e ficaram sem publicação os códices de geografia, assuntos gerais e estampas de botânica.

Entre as homenagens prestadas ao naturalista por cientistas brasileiros, lembro o

gênero *Ferreirea* Allem, in *Trab. Soc. Vell.*, 26, 1851, erigido por Freire Allemão, atualmente na sinonímia de *Sweetia Strangel*, *Dist. Veg.*, ed. 16(27:171 (1825) e o prêmio Alexandre Rodrigues Ferreira, proposto por Roquete Pinto (1929), no Museu Nacional, para crianças de até 11 anos, hoje já no esquecimento.

## 10. TRABALHOS ELABORADOS DURANTE A VIAGEM

Conforme referi no início desta exposição passo agora a fazer alguns comentários acerca dos trabalhos elaborados no decorrer da viagem pelo Brasil. Pelo vulto dos manuscritos, vou apontar apenas os tópicos que julgo de maior relevância técnico-científica, econômica e social. O meu intuito é dar uma idéia geral dos diversos assuntos abordados.

### 10.1 ANTROPOLOGIA

No âmbito da antropologia, entre os 20 trabalhos considerados dentro do assunto há substancial informação sobre os índios do rio Negro.

Com Alexandre Rodrigues Ferreira houve, segundo Eduardo Galvão e Carlos A. Moreira Neto (1974), um marco inicial de conhecimento do Brasil por brasileiros. Suas memórias, ilustrações e coleções mereceram destaque na Exposição do Quarto Centenário do Descobrimento da América, em Madri (1892).

Nota-se que em algumas delas houve meramente a transmissão de informações obtidas de terceiros, numa época em que a sociedade colonial e a da metrópole eram flagrantemente antiindigenista. Talvez como fruto desse conceito e pela sua formação religiosa, Rodrigues Ferreira advogasse os descimentos ou seja, a reunião dos índios em aldeias sob a batuta de um diretor e de um padre. Propugnou assim, a guisa de civilizá-los, vir a submetê-los aos duros trabalhos da agricultura sedentária e conseqüentemente escravização. Alega que a resistência por parte dos índios a esse ato é um obstáculo ao desenvolvimento e chega mesmo a propor "*surra e cativo aos aprisionados*".

Embora tenha proposto rejeição à legislação pombalina, que favorecia os indígenas, aconselha evitar excessos nos descimentos. Reconhece a inadaptabilidade do índio ao trabalho braçal e recomenda o incremento da introdução de escravos negros. Isso tem justificativa no fato de que dos 6.642 habitantes do rio Negro, 5.760 eram índios ou seja 90% do total. Não obstante, aos conceitos da época, sobre os silvícolas, transmitiu informações valiosas sobre algumas tribos que já se extinguíram.

Em suas informações narra as ocupações de 139 índios da Vila de Barcelos; relata detalhes das malocas dos Kurutus do Apaporis, obtidos da Comissão de Limites; comenta informações dos índios da região do Guaporé (1759); através de um "língua" (intérprete) informa sobre a tribo dos Mauás do Japurá, os famosos índios espartilhados, cujo processo descreve com minúcia; detalha o feito da cerâmica das índias de Barcelos e a fabricação das cuias pelas índias de Monte Alegre.

Sobre os curiosos índios Jurupixunas, do rio Cauaboris, descreve o fabrico das

máscaras e roupas para danças, afirmando: *"Presenciei eu mesmo um desses bailes"; ... "as mulheres de nenhuma forma são admitidas nas danças"*. Discorre sobre o simbolismo das danças indígenas e acusa os religiosos quando afirma: *"os missionários, que têm sido entre nós as pessoas encarregadas de espreitar as suas opiniões e práticas religiosas, desconfiam de tudo quanto vêm fazer os gentios"*. . . *"não vêem senão obras do demônio"*.

Em Santarém observou o feito das salvas de palhinha, pintadas pelas índias, feitas de palmeira tucumã e coloridas com carajuru. Demonstra certa revolta quando escreve sobre o pagamento irrisório que recebiam os índios e o curto período que tinham para entregar seu trabalho: *"Se a índia, que bem percebe a desigualdade do partido, se demora mais tempo do que o consignado pelo diretor (prefeito) para concluir a obra, é notada de preguiçosa e castigada com palmatoadas"*. . . *"Conjete-se, pelo que digo, qual é o estímulo que deve ter esta gente para aumentar a sua indústria, vendo ela, que todo o seu trabalho cede em proveito dos brancos, e, se não cede, é punida com incúria própria"*.

Sobre os índios Cambebas (Omáguas) diz que tinham a cabeça chata por artifício. Foram reunidos em sete aldeias, pelos carmelitas, no alto Solimões. Para ele, eram os mais razoáveis dos gentios e com eles aprenderam os portugueses a explorar a seringueira (borracha). O último dos Cambebas que viu só sobreviveu porque desertou de uma exploração militar em Mato Grosso. Descrevendo os Caripunás, que tinham malocas no Jatapu, afirma: *"nenhuma idéia há de propriedade. Tudo é para todos"*.

Dedica bastante atenção aos índios Muras e aos seus descimentos ou "reduções". Eram considerados maléficos, ferozes, vingativos e pilhadores de outras tribos. A submissão desses gentios durou de 1784 a 1786. Havia aldeias com mais de 200 indivíduos. Segundo um oficial, deviam ser tratados com todo o cuidado, pois qualquer mau trato *"acenderia mais os furores de guerra sanguinolenta, que eles nos têm feito, e continuariam na horrorosa carnicaria de que estavam de posse"*.

Os Urequenas do rio Içana foram uma das poucas tribos com as quais teve contato direto em suas malocas, mencionando que furando as orelhas mantinham nelas batoques de pau, que às vezes alcançavam os ombros. Refere-se à prática da eutanásia: *"um rasgo de piedade entre eles, que para nós que pensamos é uma impiedade"*.

Demora-se na descrição dos Guaikurus de Mato Grosso, que eram índios criadores de cavalos. Os informes lhe foram dados por uma crioula, escrava desses índios. Apresenta informes minuciosos e interessantes; *"E incrível a voracidade com que comem"*, e sobre a fidelidade conjugal: *"Porém se mostram em tão grande zelo da fidelidade conjugal que em nenhum caso ou por nenhum motivo, se apartam delas" (mulheres)*. Segundo ele: *"Ajuntam-se em matrimônio como os animais, voltando a mulher as costas a seu marido"*. . . *"cobrem com ligeiras tangas as partes vergonhosas"*. Afirma, ainda, que fazem suas necessidades fisiológicas na presença um do outro; *"Triste condição dos homens que, como diz um filósofo, são animais de costume e quanti quanti sunt educationi debentur"*.

Volta a descrever como os Jurupixunas do rio Parcos, afluente do Japurá, conseguem com que suas bocas fiquem pretas, através do uso dos espinhos da pupunha e

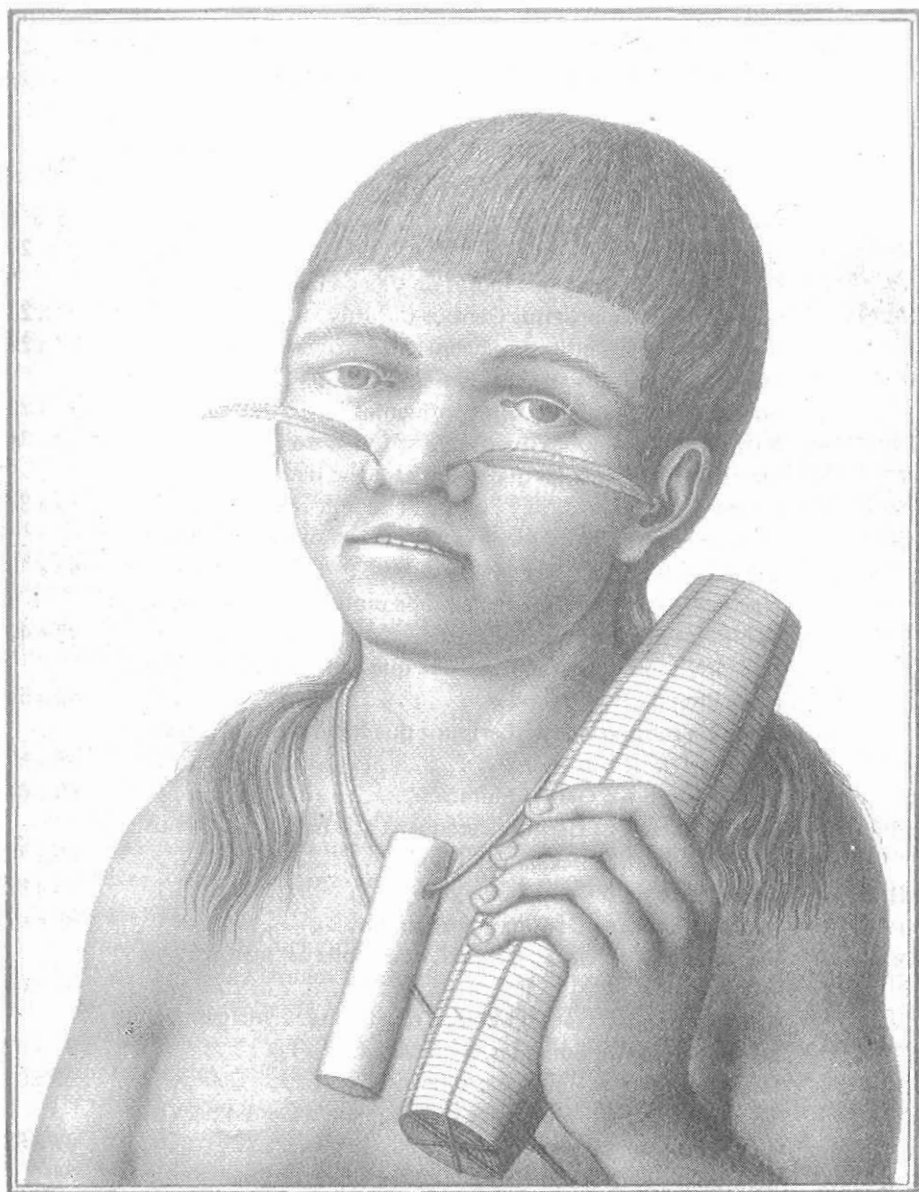


Fig. 9 — Índio da tribo Miranha. Códice Biblioteca Nacional 21.1.0 estampa 7.

**RELAÇÃO DAS "MEMÓRIAS" DE ANTROPOLOGIA PUBLICADAS  
PELO CONSELHO FEDERAL DE CULTURA (1974)**

		Págs.
	Prefácio . . . . .	5 a 8
	Introdução . . . . .	9 a 20
I	— Detalhe dos Serviços dos Índios da Vila de Barcelos . . . . .	
II	— Memória das Malocas dos Gentios Curutús . . . . .	23 a 25
III	— Memória sobre Gentios que habitaram e habitam no Guaporé . . . . .	27 a 29
IV	— Memória sobre a Figura que tem os Gentios Mauhas, habitadores do Rio Cumiari e seus afluentes . . . . .	31 a 32
V	— Memória sobre a louça que fazem as Índias do Estado. . . . .	33 a 34
VI	— Memória sobre as cuias que fazem as Índias de Monte Alegre e Santarém. . . . .	35 a 39
VII	— Memória sobre as máscaras e camisetas que fazem os Gentios Yurupixunas. . . . .	41 a 46
VIII	— Memória sobre as Salvas de Palhinha pintadas pelas Índias da Vila de Santarém. . . . .	47 e 48
IX	— Memória sobre o Gentio Cambeba que habitava às margens e nas Ilhas do Rio Solimões. . . . .	49 a 54
X	— Memória sobre o Gentio Caripuna que habitava na margem ocidental do Rio Jatapu . . . . .	55 a 57
XI	— Memória sobre o Gentio Mura . . . . .	59 a 67
XII	— Memória sobre os Gentios Urequena que habitam os Rios Içana e Xiê, afluentes do Rio Negro . . . . .	69 a 73
XIII	— Memória sobre o Gentio Guaikuru . . . . .	75 a 83
XIV	— Memória sobre os Gentios Yurupixunas. . . . .	85 e 86
XV	— Memória sobre a Nação Catauxi, que habita às margens do Rio Purus. . . . .	87 a 89
XVI	— Memória sobre o Gentio Miranha que habita à margem Setentrional do Rio Solimões, entre Japurá e o Iça . . . . .	91 e 92
XVII	— Memória sobre os Índios Espanhóis. . . . .	93 a 95
XVIII	— Memória sobre os instrumentos de que usa o Gentio para tomar o Tabaco — Paricá . . . . .	97 e 98
XIX	— Memória — Notícia da Nação Juioana a que chamam hoje Sucaca. . . . .	99 a 101
XX	— Notícia da Voluntária redução de Paz e Amizade da feroz Nação do Gentio Mura . . . . .	103 a 161
	Bibliografia Básica . . . . .	163

cinza de suas folhas. Dos Catauixis, dos quais recebeu informações também por terceiros, cita as manchas brancas e negras pelo corpo, que sabemos serem causadas pelo *Treponema caraceum*, provocando despigmentação da pele. Para ele, a doença é hereditária, embora, como diz, as crianças nasçam sem a doença. Sobre os Miranhas, que viviam entre o Japurá e o Iça, menciona a característica de terem as ventas furadas, onde introduzem penas da cauda da arara.

Descreveu também cinco índios, que chamou de **Hespanhoes**, fugidos de Santa Cruz de La Sierra e vindo acampar em Borba, no rio Madeira, onde foram presos e remetidos para Barcelos.

Muito o impressionou o aparelho utilizado para aspirar Paricá, cuja cerimônia era precedida de oito dias de flagelação mútua, entre os gentios que chama de Magués (Maués). Por último, mencionarei a sua Notícia da Nação Juioana, elaborada em Monforte (1783). Segundo ele, é devido a esses índios que Marajó recebeu anteriormente o nome de ilha de Joanes. Não faz referência a respeito da cerâmica marajoara ou de Santarém.

Informações exaustivas sobre os trabalhos no âmbito da antropologia poderão ser obtidas nas memórias publicadas pelo Conselho Federal de Cultura (1974) e nos seus diários de viagem. Na parte iconográfica, a meu ver, a mais valiosa da área antropológica, ilustrou várias armas hoje inexistentes como: cuidaru, murucu, bragança, zarabatana, dardo, lança, maça, arco e flecha, além das belas estampas sobre representantes de tribos.

Na área da lingüística, anota Valle Cabral (1876) acima de 2.000 vocábulos tupis registrados em seus escritos.

## 10.2 BOTÂNICA

No campo da botânica, foram relativamente sóbrias as informações de Rodrigues Ferreira, talvez por ter consigo um jardineiro-botânico, Agostinho José do Cabo, que faleceu durante a viagem. Sabemos que na Europa pessoas com esse título conheciam bastante as plantas.

No volume sobre as memórias de zoologia e botânica (1971), editado pelo Conselho Federal de Cultura, foram transcritos apenas cinco códices, encontrados na Biblioteca Nacional. Na memória sobre as madeiras usadas para construir canoas, tanto pelos índios como pelos mazombos (brancos), cita 30 espécies, inclusive as que fornecem breu e entrecasca, utilizada como estopa. Das madeiras que servem para construção de casas e obras de marcenaria, menciona 11 espécies, e das utilizadas para curtir couros, cinco espécies, entre elas o paricá-verdadeiro, tido como dos melhores. As memórias sobre as palmeiras, que a meu ver refundiu posteriormente, abrangem 11 espécies na primeira, e, na segunda 21. Eram usadas para cobrir casas, fabricar esteiras, toldos, flechas de zarabatana, fios, redes, e alimentação. Muitas são nossas conhecidas: assaí, bacaba, patauí, tucumã, tucum, pupunha, paxiúba. Curioso é que em sua viagem pelo Madeira já menciona 40 espécies de palmeiras, sem contudo descrevê-las.

Desconheço o conteúdo da relação de amostras de madeira do rio Negro,

**RELAÇÃO DAS "MEMÓRIAS" DE BOTÂNICA PUBLICADAS  
PELO CONSELHO FEDERAL DE CULTURA (1972)**

<b>BOTÂNICA</b>	<b>Págs.</b>
XII. Memória sobre as madeiras mais usuais de que costumam fazer canoas, tanto os índios, como os mazombos do Estado do Grão-Pará. . . . .	225-228
XIII. Madeiras que servem para casa e para obras de marcenaria . . . . .	229-230
XIV. Memórias sobre as cascas de paus que se aplicam para curtir couros . . . . .	231
XV. Memórias sobre as palmeiras do Estado do Grão-Pará cujas folhas servem para se cobrirem as casas e para outros usos . . . . .	233-236
XVI. "Memória sobre as palmeiras" – São as palmeiras que eu vi, e me informaram os práticos que haviam nas matas do Estado do Grão-Pará. . . . .	237-242

(Memórias: Zoologia, Botânica, Parte II)



“diário” das plantas colecionadas nessa capitania, “diário” idêntico para o rio Branco, idem para o rio Madeira. A relação das madeiras do Estado do Grão-Pará e a relação dos nomes das madeiras para construir embarcações e móveis de casa também não foram vistas. Resta, ainda na área da botânica, a memória sobre a casca do guambi-cima e virtudes da raiz de caninana nas enfermidades venéreas, cujos códices não foram vistos.

Sobre a iconografia botânica, referir-me-ei a ela ao abordar esse assunto mais adiante. Nas memórias publicadas pelo Conselho Federal de Cultura estão incluídos glossários dos nomes científicos correspondentes a nomes indígenas, citados por Rodrigues Ferreira.

Já mencionei anteriormente o desaparecimento, antes de 1838, de quatro códices de botânica.

França (1922) discute com pormenores a atividade botânica de Alexandre Rodrigues Ferreira. Segundo ele foram levadas para Paris por Saint-Hilaire 1.114 plantas. O Instituto Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa possui 1.213 exemplares da expedição, representando 96 famílias, 445 gêneros e 812 espécies, fato que coincide de certa forma com o número de estampas preparadas durante a viagem. Na “Relação dos Produtos Naturais e Industriais que deste Real Museu se remeteram para a Universidade de Coimbra em 1806”, existente no Museu Bocage, com anotações de Rodrigues Ferreira, existe anotação autógrafo, com o seguinte teor: “O asterisco indica estar nomenclada ou descrita na Flora Paraense, que se não publica emquanto faltam as Flores, e outras obras botânicas, que se devem consultar” (1806). Os manuscritos dessa Flora levados para Paris (1908) acham-se desaparecidos e não constam do inventário de escritos (1815). As ilustrações originais (abrangendo 800 espécies) estão na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

### 10.3 GEOGRAFIA

Passo a comentar alguns dos escritos de Rodrigues Ferreira no campo da geografia. Entre eles, a meu ver, o mais significativo é o *Diário de Viagem ao Rio Negro*<sup>2</sup>. Recebendo instruções dos superiores em agosto de 1785, empreendeu uma viagem de aproximadamente cinco meses ao alto rio Negro. Iniciou a visita pela vila de Moreira (Caboquena), em 23 de agosto, transcrita em sua primeira participação. Como nas demais que se seguiram, descreve acidentes geográficos, igreja, casa do diretor (prefeito), porto das canoas, armazém, casas de moradia dos brancos e dos índios, agricultura (café, cacau, arroz, feijão, mandioca, algodão e anil), manufaturas, comércio e detalhes históricos.

Notou a chuva demasiada a intempestiva, escrevendo sobre a lavoura: “o que de fato se produz é muito pouco, por que o trabalho de fazer é muito grande, e a preguiça muito mais”. Da vila de Thomar lembra a grande epidemia de varíola e sarampo

---

2. Transcrito na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 48(1-2):1-77, 1885; 49(1-2):123-288, 1886; 50(2):11-141, 1887; 51(2):5-166, 1888, reeditado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, em livro, 1983.

que grassou entre 1720 e 1776, e informa sobre os índios: *"os que escaparam de contágio não escaparam do cativoiro"*. Para ele o trabalho dos gentios não passava *"além da marinha"*. . . *"nem eles têm vagar para muito mais"*. Ao visitar Lamalonga observa as plantações de anil e o seu preparo.

Na participação sobre Santa Isabel relata a história de Ajuricaba, herói e tuxaua dos índios manaus. Curiosa é a sua observação sobre essa vila, quando trata da inadaptabilidade do gentio ao sistema de vida dos colonos: *"são galos do campo, que por mais milho que se lhes deite, com dificuldade se habituarão às capoeiras"* (engradado de galinhas). Comenta o comércio de drogas do sertão em detrimento ao da agricultura. Teve dificuldades em alcançar São Gabriel, devido às múltiplas corredeiras e cachoeiras. Descreve a vila, e a fortaleza ali estabelecida, penetrando depois pelo rio Uaupés, até à cachoeira de Ipanoré, regressando para explorar o Içana e o Xiê. Nessa etapa, coube a Agostinho José do Cabo e a José Joaquim Freire a exploração do rio Dimiti, o que foi feito entre 8 e 14 de novembro. Subindo até Marabitanas, regressou a São Gabriel, local em que preparou uma de suas grandes remessas, contendo 18 volumes de produtos, 118 desenhos, 12 prospectos de vilas, nove cachoeiras, 96 plantas e animais e mapa do rio Negro.

Antes do regresso a Barcelos visitou Caldas, no rio Cauaboris, que subiu até à foz do rio Maturacá, explorando a seguir o Padauri e o Uaracá (Maracá).

Na segunda etapa visitou, em viagem para o rio Branco, o curso inferior do rio Negro, saindo de Barcelos em 23 de abril de 1786. Na primeira participação desse trecho, descreve com minúcias a vila de Barcelos e sua história, fazendo a apologia da transferência para outro local, alegando a pobreza do rio Negro e a fartura do Solimões. Segundo ele, Barcelos tinha 43 casas de brancos e 29 de índios (1780), inclusive uma *"Casa de Paricá"*, destinada a aspirar a droga e a beber pajauru. Informa que das 8.498 tartarugas pescadas um total de 3.650 morreram. A população era de 2.396 habitantes e havia apenas 42 cabeças de gado.

De Poiares relata que o agricultor J. R. Pissinga tinha algumas cabras e ovelhas e que esse senhor lhe dissera: *"mas as onças por várias vezes m'as comeu"*. Volta a censurar o sistema de trabalho que observara, de maneira candente: *"A quase geral preguiça dos habitantes do País; a má distribuição e aplicação que costumam fazer dos seus servos e escravos, são os motivos do atraso reinante"*. Após completar observações em Carvoeiro e Moura, alcança a vila da Fortaleza da Barra, onde encontrou oito casas de brancos e 36 de índios, num total de 602 pessoas. Ao concluir a sétima participação no baixo rio Negro, deixa patente que só visitou as seções dos rios navegados pelos portugueses. Uma canoa de aviso gastava 19 dias entre a Barra e Cucuí, na fronteira com a Venezuela. Na quarta participação noticia a guerra ordenada contra os índios do Piauí (1761-1766); a introdução de escravos no Pará, comércio, agricultura e sujeição dos índios Muras, além da menção de sete memórias de sua autoria.

Nessa importante participação geral escreve tudo sobre o rio: sua história, cor das águas, navegação, instruções sobre os espanhóis, foz, extensão até Cucuí, direção, largura, profundidade, leito, margens, ilhas, pedrarias, rios que nele desagüam, gentios, fortalezas, povoações, habitantes, governo, população, agricultura, comércio, manufaturas, clima, dietética e enfermidades. Anexa uma relação de animais silvestres caçados ou pescados pelos índios, mapa dos habitantes e lista dos governadores (1758-1786).

Através dessa participação ficamos sabendo que o rio Negro daquela época tinha 67 tribos indígenas, 26 povoações e quatro fortalezas.

As 14 participações e escritas de Barcelos, trazem o local e a data, como mostra a relação abaixo:

Alto rio Negro: 1) Moreira, 17.1.1786; 2) Thomar, 30.1; 3) Lamalonga, 5.2; 4) Santa Isabel, 19.2; 5) São Gabriel, 30.3; 6) Marabitanas, 14.6; 7) Cauaboris, Padauri e Maracá, 18.6. Baixo Rio Negro: 1) Barcelos, 31.10.1786; 2) Poiares, 16.11; 3) Carvoeiro, 12.12; 4) Moura, 4.5.1787; 5) Airão, 7.6; 6) Fortaleza da Barra, 30.6; 7) Rio Negro em geral, 28.10.1787.

Dando seqüência às explorações do rio Negro, Alexandre Rodrigues Ferreira dirige-se ao rio Branco. Sabemos que explorou esse rio seguindo até o forte de São Joaquim, na foz do rio Tacutu, onde chegou a 18 de junho de 1786. Desse lugar andou oito dias por terra até alcançar a serra dos Cristais, na fronteira com o Suriname. Nessa missão realizou observações idênticas às que fizera para o rio Negro.

Na relação circunstanciada no rio Madeira<sup>3</sup> apresenta relativamente pouca documentação sobre suas atividades diárias. Repete nesse trabalho praticamente os mesmos itens mencionados na Participação Geral do Rio Negro, exceto fortalezas e governo, incluindo, por sua vez, furos, lagos e igarapés. Tratando-se de viagem fluvial difícil, com passagem por terra em várias cachoeiras, é de se esperar que não tenha feito grandes penetrações na floresta, que afirma ser limpa em comparação com a do rio Negro. Em uma cópia existente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (incompleta) descreve as primeiras sete cachoeiras. No suplemento do *Diário do Rio Madeira* (que a meu ver seria a *Relação do Rio Madeira*) apresenta informações complementares sobre geografia, hidrografia e história. Prosseguiu com a descrição dos rios Beni, Mamoré, Itunanas e Baures.

Como seqüência desse trabalho escreveu a descrição do rio Guaporé e realizou estudo do seu curso do ponto de vista geográfico e econômico. Nele repete apenas alguns itens tratados em trabalhos anteriores (largura, profundidade, leito, margens, ilhas, afluentes, praias e pedraria).

No campo da geografia, procurou, ainda, resumir as descrições dos rios que conheceu na *Descrição de rios da Amazônia e Mato Grosso*, na qual sintetiza suas observações sobre os mesmos. Para suplementá-lo escreveu o *Suplemento à Memória dos Rios*, incluindo rios de Mato Grosso. Apresentou memória sobre nova gruta que se descobriu no arraial de Lavrinhas (1788); sobre a pororoca do rio Guamá; observações várias sobre as serras de São Vicente (1790), Morro do Grão-Pará e serra do Guarajus. Fez recenseamento da população de Albuquerque (1791); elaborou pequena carta geográfica do rio Negro e Amazonas, entre Óbidos e Barcelos. Visitou a gruta das Onças (5 de outubro de 1790), a gruta do Inferno (4 de abril de 1791) e o Forte Coimbra (5 de maio de 1791). A primeira viagem de maior vulto que realizou no Brasil foi seguramente aquela em que nos dá na *Notícia Histórica da Ilha de Joannes ou Marajó*, demonstrando-se na vila de Monforte.

Uma informação detalhada da obra de Rodrigues Ferreira no campo da

3. Transcrita em Mendes, J.R. (X<sup>a</sup> Congresso Brasileiro de Geografia, serviço Gráfico IBGE, Rio de Janeiro, 1945).

geografia poderá ser encontrado no trabalho de João Ribeiro Mendes (1945), inclusive com indicação de mapas ou cartas geográficas produzidas durante e após a viagem.

## 10.4 ZOOLOGIA

Quanto à zoologia, parece-nos ter sido esse o campo de estudos da predileção de Alexandre Rodrigues Ferreira. Nessa área, relacionamos 20 títulos, que foram incluídos no volume publicado pelo Conselho Federal de Cultura (1971). No primeiro título acreditamos que a descrição do peixe pirarucu e sua memória são uma unidade de trabalho. Segundo mencionei nessa publicação *“fosse esta memória publicada antes de 1829, época em que o primeiro Cuvier e logo a seguir, no mesmo ano, Agassis, publicaram descrições deste peixe, sua autoria seria de Alexandre Rodrigues Ferreira, por ser apresentada em latim e em nomenclatura binominal, conforme as Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica”*. Descreve, o peixe com o nome de **Pirarucu paraensibus**, explica a etimologia do nome, sua alimentação, modo peculiar da desova e a criação dos alevinos, que se abrigam dentro dos opérculos. Menciona os tipos de sua pesca e até a utilização da língua, como ralador de guaraná, e das escamas, como lixa.

Na relação dos peixes do Pará cita 64 espécies de água doce e 19 da costa marítima. A maioria dos nomes são na língua geral (tupi). Nela estão referências e os nomes latinos correspondentes, fornecidos por colegas do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Sobre as tartarugas apresenta três memórias, que a meu ver foram aos poucos ampliadas. Inclui 14 nomes comuns, para os quais mencionei o nome científico correspondente. Há minuciosa descrição da lularáuacu ou lularareté, sua biologia, métodos de pesca e principais pesqueiros. Demonstra preocupação conservacionista quando comenta: *“Este anfíbio, tão útil ao Estado, ainda não mereceu cuidados ou providências que são requeridas para evitar os abusos que se praticam contra ele.”* Mais adiante escreve: *“De 2.896 tartarugas, que entraram no ano de 1785 para o curral da capitania, morreram 1.600, que não se aproveitaram. No fim de 1784, entraram 2.710 e morreram 1.217. No de 1783 entraram 2.892 e morreram 833. Em uma palavra, das 55.468 tartarugas, que desde o ano de 1780 até o ano de 1785 entraram em ambos os currais da Demarcação da Capitania, aproveitaram-se tão-somente 36.007 e morreram 17.461”*. Refere-se também com detalhes à utilização da sua carne, do óleo ou da manteiga.

Relaciona corretamente os jacarés amazônicos, e diz: *“não vi tantos nem tão grandes como na Ilha Grande de Joannes, também chamada Marajó”* . . . *“em suma abundância no trecho do Amazonas chamado de Solimões”*. . . *“há uma variedade muito parecida com o lagarto”*, que chamou de jacaréana ou jacaré ilegítimo, sáurio que por ser muito parecido como o jacaré deixou-o confuso.

Ao relacionar os animais quadrúpedes do Grão-Pará, inclui 59 nomes — em sua maioria na língua geral —, que foram relacionados por mim, com pequenas notas, com os respectivos nomes latinos. Como observo nos comentários, tivesse Rodrigues Ferreira descrito em nomenclatura binária esses mamíferos, certamente teria tido a prioridade sobre pelo menos 13 das espécies.

Outra memória interessante e valiosa é a referente ao luarauá ou peixe-boi. Nela

RELAÇÃO DAS "MEMÓRIAS" DE ZOOLOGIA PUBLICADAS  
PELO CONSELHO FEDERAL DE CULTURA (1972)

ZOOLOGIA	Págs.
I. Memória sobre o Peixe Pirarucú, de que já se remeteram dois da Vila de Santarém para o Real Gabinete de História Natural e agora se remetem mais cinco desta Vila de Barcelos, os quais vão incluídos nos cinco caixões que constituem parte da sexta remessa do rio Negro . . . . .	13 – 16
II. Relação dos peixes dos Sertões do Pará . . . . .	17 – 23
III. Memória sobre as Tartarugas . . . . .	25 – 31
IV. Memória sobre as variedades de Tartarugas que há no Estado do Grão-Pará e do uso que lhe dão . . . . .	33 – 35
V. Memória sobre a Jurararetê — As Tartarugas que foram preparadas e remetidas nos caixões nº 1 até 7 da primeira remessa .	37 – 43
VI. Memórias sobre os Jacarés do Estado do Grão-Pará . . . . .	45 – 46
VII. Relação dos animais quadrúpedes, silvestres, que habitam nas matas de todo o Continente do Estado do Grão-Pará, divididos em três partes: primeira dos que se apresentam nas mesas por melhores; segundo, dos que comem os índios em geral e alguns brancos quando andam em diligência pelo sertão; terceira, dos que não se comem . . . . .	47 – 57
VIII. Memória sobre o peixe-boi e do uso que lhe dão no Estado do Grão-Pará. . . . .	59 – 65
IX. Observações gerais e particulares sobre a classe dos mamíferos no território dos Rios Amazonas, Negro e Madeira. . . . .	67 – 204
X. Índice dos desenhos zoológicos que constam do volume 1 da Viagem Filosófica do Pará. . . . .	205 – 214
XI. Lista dos animais que fazem objeto das caçadas e das pescarias dos índios . . . . .	215 – 222

(Memórias: Zoologia, Botânica, Parte I)

descreve com minúcias o animal, sua biologia, hábitos, métodos de pesca, usos e comércio. Inclui até mesmo a indagação do vigário, que perguntara a ele *"se o peixe-boi era peixe ou mamífero, porque escrupulizava-se a comer ou ver comer nos dias de jejum ou de abstinência de carne"*. Lança também um brado de alerta para a proteção desse animal: *"sem dúvida de tantas utilidades quantas são as que deste mamífero se tiram, nenhum policiamento é feito de sua pesca"*. . . *"um arpoador fica feliz quando encontra um filhote para mais fácil arpoar a mãe"*. . . *"por isto não deve causar espanto, a sua raridade em alguns lagos onde já não os encontramos há alguns anos"*. . . *"certifico que nos dois anos. . . havendo mortandade de 8.500 peixes-bois"*. Diz que nos lagos de vila de Faro ou Nhamundá é notável a sua quantidade. Segundo ele, um peixe-boi pode chegar a dar de três a quatro arrobas.

Devo alertar ainda para a lista dos animais, objeto das caçadas e das pescarias dos índios, transcrita no *Diário de Viagem ao Rio Negro*, onde são mencionados 56 espécies de mamíferos, 104 de aves, 21 de répteis, 73 de peixes, dois insetos, dois crustáceos e dois moluscos. Nela, em alguns casos, faz confusão entre espécie, raça ou variedade, predominando os nomes em língua geral. Muito curiosa é a afirmativa do naturalista, quando diz: *"N.B. Que no segundo prospecto vão tão-somente indicados pelos seus nomes animais, que fazem o objeto das caçadas e das pescarias dos índios; donde se vê, que nem aqui se trata de especificar a todos quantos há, nem de os descrever segundo a arte, porque uma e outra coisa se fará a seu tempo, quando dever aparecer a Zoologia Paraense"*. A esse tópico demonstra claramente que se esperava poder escrever um compêndio de zoologia sobre a fauna regional.

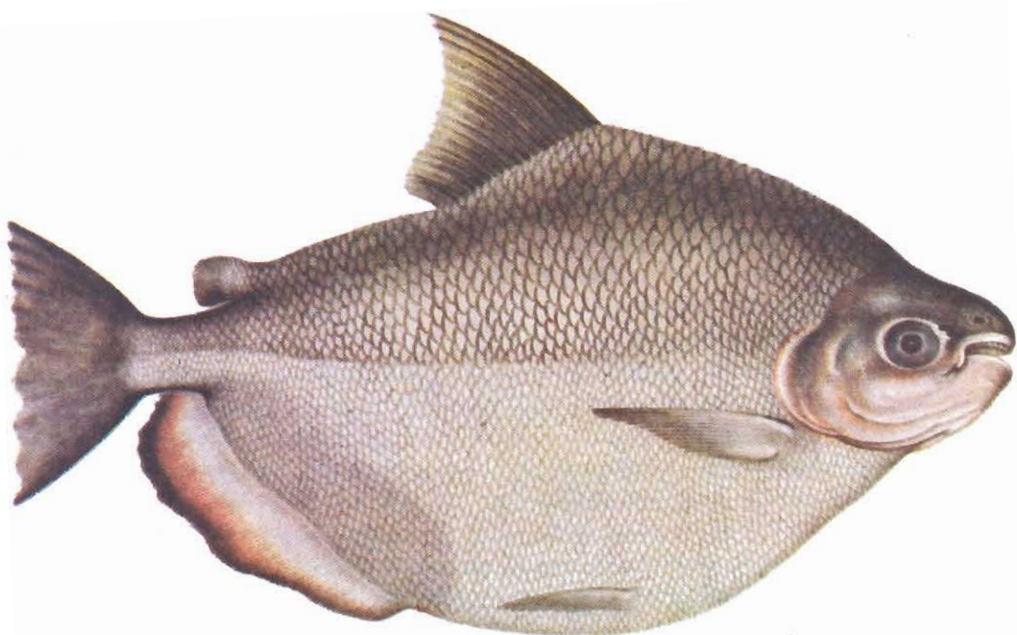
Uma relação nominal dos animais incluídos por Rodrigues Ferreira em seus manuscritos e ilustrações nos é fornecida pelo catálogo de obras existentes no Museu de Ajuda (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Códice 1.21.2.23 nº 2 (pasta), no qual acham-se mencionadas 135 estampas. Pela relação, vê-se que foram elaborados os seguintes manuscritos sobre zoologia, não encontrados entre nós: Memória e Descrição sobre a tartaruga matamatá; Descrição do peixe aruanã e Relação de todos os pássaros e bichos do Estado do Grão-Pará que se remeteram às Quintas Reais pelo Exmo. Sr. João Pereira Caldas 1763-1779; Descrição do Guacari-guaçu, *Loricaria spinosae* (em latim).

Para encerrar o conteúdo zoológico da *Viagem Filosófica*, já tendo sido relatado na primeira parte o esbulho sofrido por Rodrigues Ferreira pelo seqüestro de seus exemplares e manuscritos, passarei a comentar o seu maior e mais bem elaborado trabalho zoológico, intitulado: *"Observações gerais e particulares sobre a classe dos Mammaes, observados nos territórios dos três rios, das Amazonas, Negro e da Madeira"*, concluído em Vila Bela, Mato Grosso, em 29 de fevereiro de 1790.

Ele foi publicado pela *Revista do Instituto Histórico da Bahia*<sup>4</sup>, com a seguinte nota: *"Pertenceu ao Barão da Penha, que o ofereceu a seu neto, Dr. Ernesto Lopes da Fonseca Costa. Cópia datilografada, feita por ordem do Dr. Arthur Neiva e por este oferecida"*. . . (à revista).

Alexandre Rodrigues Ferreira inicia seu trabalho mencionando a décima segunda edição do *Systema Naturae* de Linnaeus (1758), obra pioneira e fundamental para os

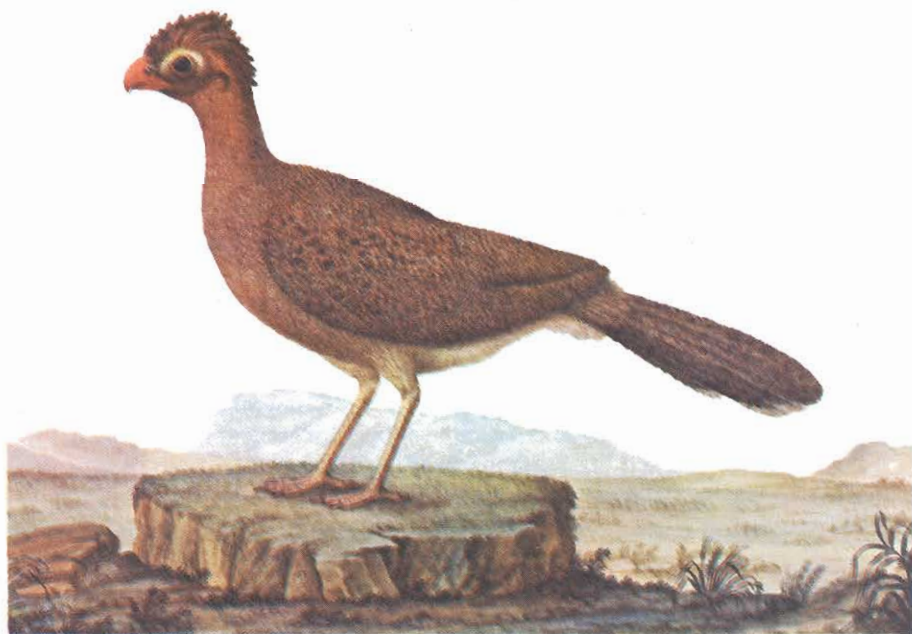
4. *Revista do Instituto Histórico da Bahia*, 60:1-217, 1934.



---

Fig. 3 — *Mylossoma* sp. — pacupeba. Bacia Amazônica. Livro Museu Nacional, peixes, estampa 30.

---



---

Fig. 4 — *Nothocrax urumutum* (Spix, 1825) — urumutum. Alto Amazonas. Livro Museu Nacional, aves, estampa 30 A.

---

estudos taxonômicos dos reinos animal e vegetal.

Nas observações gerais, introdutórias, demonstra estar em dia com as obras clássicas da época e provavelmente as tinha consigo em Vila Bela. Discute as diferenças entre mamíferos europeus e americanos. Afirma que: *"a maior parte das terras estão reduzidas a matas impenetráveis cobertas de arvoredos grossos e altos. O que se vê é um país selvagem e sombrio, uma terra bruta e abandonada a si mesma". . . "apesar de todos estes vastos abrigos e mesmo da variedade de climas, os mamíferos da América Meridional são menos volumosos e robustos que os já citados para o antigo hemisfério". . . "o maior de todos aqui é a anta, e em ferocidade, a onça". . . "só quem por aqui viaja é que pode formar uma justa idéia das nuvens de insetos que toldam o céu".*

Não demonstra afeição pelos insetos ao mencionar odiosas mutucas, marimbondos, cabas, muriçocas, carapanãs, piuns e maruins. Conta a história do "Tribunal de Divina Providência", levado avante em São Luís do Maranhão, para as formigas que disputavam com os frades a despensa, narrada pelo Padre Manoel Bernardes, da Congregação do Oratório. Decidiu-se que elas, sob pena de excomunhão mudassem logo de habitação, visto que ambas as partes podiam ser acomodadas sem prejuízo e assim foi e assim aconteceu.

Relata a descoberta de ossos fósseis em Minas Gerais, por informações de amigos, e afirma: *"Estas descobertas não dão lugar a milhares de conjeturas"?*

Ao iniciar suas considerações sobre os primatas, afirma que Linnaeus divide os mamíferos em seis ordens. Na ordem dos primatas **"o homem ocupa o primeiro lugar"**. Relata a seguir que os tapuias reconhecem os tapuitingas (brancos) e tapuiunas (pretos).

Passa a seguir a descrever as características dos tapuias. Refere-se aos Catauixis como "Purupurus", com os pés e mãos malhados de branco. Dedicava bom espaço a considerações sobre a cor dos tapuias e sua pele.

Da constituição física discute os caracteres corporais: cabeça, face, testa, olhos, orelhas, nariz, boca, barba, tronco, extremidades. Cita casos de deformações propositalmente. Ao se referir à constituição dos tapuias, diz: *"O que tenho observado nesta parte da América, é que a agilidade excede a força"*. Abordando o item espiritual escreve: *"Andam tão contentes seminus, como o rei mais suntuoso vestido de suas galas". . . "As riquezas para eles não tem o menor atrativo". . . "unicamente ocupados com o presente sem inquietação alguma pelo futuro". . . "É notável a propriedade com que arremedam as cutias, os porcos, os veados, e outros quadrúpedes, assim como os papagaios, cujubis, inambus, mutuns, macucos e outras aves"*.

Discorre com minúcias sobre alimentação e preparo de alimento, o processo de marcar os anos pelas castanhas do caju, fazer contas, medir o tempo e a religião.

Referindo-se à constituição moral, relata que o homem roça, caça e pesca, e a mulher planta, colhe, transporta e cozinha. Trata, também, das relações entre os membros da família.

Quanto à constituição política explica: *"Chamam de nações de índios uma sociedade tão pequena e insignificante em número de indivíduos que às vezes não ultrapassa mais de 300, 400 e 600 almas"*. Comenta a organização política, guerras e a língua. Curiosa a menção: *"A parte da língua, impressa em Coimbra em 1695 por José de Anchieta, por ser o primeiro parto deste gênero, saiu muito diminuta e con-*



fusa". Também menciona os primeiros catecismos dos jesuítas e a *Arte Gramática da Língua Brasílica* (1687), do Padre Luiz Figueira. Faz divagações sobre a origem do homem americano. Mais adiante escreve: "*Depois de ter perguntado quem povoou a América, indago: quem a descobriu*"?

No fim do capítulo sobre primatas, escreve: "*não farei mais do que apontar os nomes e as obras daquelas que se dedicaram a outro qualquer ramo da história que não tenha sido a natural*". E assim relata numerosos autores e trabalhos (inclusive manuscritos), que até aquela data (1790) cuidaram de assuntos pertinentes ao tema, nacionais e estrangeiros.

Muito curiosa é a revelação que nos faz sobre Marcgrav: "*Todavia como também faleceu em viagem à África, as suas obras, mesmo imperfeitas e indigestas como as acharam, foram entregues a João de Laeth por ordem do Conde de Nassau, para ordenar e publicar. Assim se cumpriu. A ele é devido o cuidado que teve em verter ao alfabeto vulgar tudo quanto Marcgrav, receoso de alguém, por sua morte, se apossar do seu trabalho, havia escrito em outro alfabeto seu particular e secreto*".

Na parte bibliográfica, relativa à história natural, restringe-se ao Brasil. Diz que foi por ordem do Exmo. Sr. Marquês de Lavradio (D. Antônio Álvares da Cunha, Conde da Cunha, vice-rei do Brasil), que se estabeleceu e cultivou no Rio de Janeiro um pequeno horto botânico (1763-1767). Nessa época, foram enviados para o Real Gabinete de História Natural de Lisboa os mais belos e decorados quadros de borboletas brasileiras, além de muitas aves, pedras e cristais preciosos. Uma boa parte da decoração deste Gabinete é devida ao bom gosto e delicadeza do seu sucessor, o Exmo. Luiz de Vasconcellos e Souza (1779-1790), em cumprimento das ordens expedidas pelo Ilmo. e Exmo. Martinho de Melo e Castro, fundador e conservador do referido gabinete. Segundo Alexandre Rodrigues Ferreira: "*Luiz de Vasconcellos fez recolher, acondicionar e remeter entre muitos outros produtos naturais, a mais rara, mais variada e mais industriosa coleção de aves preparadas que jamais se viu na Europa*".

Muito importante para elucidar sua produção escrita é o relato que faz dos trabalhos já elaborados por ele até esse ano (1790), num total de 25, com as respectivas datas, 13 relações, as observações gerais e particulares sobre a classe dos Mammaes (que ora comentamos) e quatro outras em preparo.

No fim dessa parte do trabalho, agradece aos seus superiores e benfeitores: Martinho de Mello e Castro (ministro-secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos de Portugal); Martinho de Souza e Albuquerque e João Pereira Caldas, governadores que muito o distinguiram.

Passa a seguir a relatar os mamíferos brasileiros, dizendo que segue a distribuição de Linnaeus quanto às classes, porém, "*com o devido respeito a tão grande mestre, nem todas as classes eu sigo as ordens*".

Inicia sua dissertação com o *Homo sapiens* (quadrúpede, terrestre, ungüiculado, var. *americanus*; em tapuia, apegau (macho) e cunhã (fêmea). Define o tapuia, o americano e o mestiço, historiando suas descobertas. Os mestiços são: mazombos, mameucos, mulatos, caboclos, curibocas e crioulos.

Ao descrever os tapuias, divide-os em monstrosos por artifício (Cambebas ou Omáguas, Uereqenas ou Orelhudos, Miranhas, Turezes, Caripunhas, Gamelas, Jurupixunas ou Bocas-pretas, Mauás e Tucurias) e monstrosos por natureza (Catauixis ou Purupurus).

Refere-se, com dúvida, aos Cauanazes (foz do Japurá), com menos de cinco palmos de altura, e aos Uginas, tapuias caudados.

Sobre estes tapuias, transcrevo aqui o relato de Alexandre Rodrigues Ferreira:

“ — era certo, que a dos Uginas, no mesmo rio, consta de tapuias caudatos? Veja-se a certidão abaixo:

*Frei José de Santa Thereza Ribeiro, da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, da antiga observância, etc. Certifico e juro in verbo sacerdotis aos Santos Evangelhos que, sendo eu missionário na antiga Aldeia de Paravari, a qual depois se mudou para o lugar que hoje se chama Nogueira, chegou à dita Aldeia, no ano de 1751 ou 1752, um homem chamado Manuel da Silva, natural de Pernambuco ou da Bahia, vindo do Japurá com alguns índios resgatados. Entre esses índios, trazia um bruto, infiel e de idade mais ou menos de 30 anos, o qual, me certificou Manuel da Silva, tinha rabo. Por eu não ter dado crédito a tão estranha novidade, mandou chamar o índio e o fez despir-se, com o pretexto de tirar algumas tartarugas que eu tinha num curral, para, deste modo, eu poder examinar a sua verdade: com efeito vi, sem parecer engano algum, que o citado índio tinha um rabo da grossura de um dedo polegar e do comprimento de meio palmo, coberto de couro liso e sem cabelos. Afirmou-me o mesmo Manoel da Silva que o índio lhe dissera que todos os meses cortava o rabo para não ser muito comprido, pois crescia bastante. Não examinei a nação do índio e a parte certa onde habitava, nem se tinham rabo os demais índios de sua nação. Porém, há quatro anos mais ou menos, chegou-me a notícia que, no rio Juruá, há uma nação de índios com rabo.*

*Por tudo ser verdade, passei esta de minha letra e sinal, Castro de Avelaens em 15 de outubro de 1768. (Roteiro de Viagem da Cidade do Pará para a Capitania de São José do Rio Negro)“.*

Fundado neste documento, foi que depois, falando destes gentios, o Dr. Francisco Xavier Ribeiro Sampaio escreveu o que consta do seguinte extrato:

*“Diz-se que os índios desta nação têm rabo de comprimento de três ou quatro palmos, ou mais. Atribui-se à origem desta nação o ajuntamento das mulheres com os monos coatás, e, por isso, se chamam coatá-tapuia. Parecerá esta relação uma fábula ou melhor dizendo, uma quimera, mas nada tem de impossível a relatada origem, como mostra o testemunho de um grande número de índios que desceram o Juruá e conheceram aquela nação e, sobretudo, o incontestável documento de uma certidão jurada que eu vi escrita pelo Reverendo Padre Frei José de Santa Thereza Ribeiro, com o qual falei na vila de Serpa, na ocasião em que se recolhia para a cidade do Pará, etc.” (Diário de viagem em correição e visita das povoações da Capitania de São José do Rio Negro nos anos de 1774 e 75).*

Alexandre Rodrigues Ferreira afirma que os ascendentes desses índios originários do cruzamento das mulheres com os monos coatás nunca se propagariam por serem híbridos. Para ele: *“O que o padre certifica ter visto foi um índio com cauda, e não uma nação de índios caudatos“.*

A lenda do coatá-tapuia ainda é contada à beira do fogo nos acampamentos amazônicos.

No gênero *Simia*, menciona o guariba, confirmando o que se sabe sobre sua voz

lúgubre e pavorosa, ao nascer e ao pôr-do-sol. Escreve: *"Durante o furor da berraria, têm alguns assistentes do mestre o cuidado de lhe limparem a baba que cai"*. Distingue entre o guariba-vermelho e o guariba-preto. Do cuxiu informa que *"as fêmeas não se menstruam"*. Refere-se ainda ao maricá-açu (barrigudo), coatá, caiarára, tapuá (macaco-prego), parauacu, uiá-peçá, sagüim, mico-leão (mariquina), jurupixuna (boca-preta).

Descreve as preguiças, o tamanduá-guaçu, repetindo para este animal o erro de que: *"sustenta-se de toda a qualidade de formigas saúvas, tocandiras, maniuaras"*, lembrando ainda dos cupins (que motivaram o nome de *Myrmecophaga* aos tamanduás — para os europeus da época cupim era uma formiga-branca — e por essa razão Linnaeus talvez tenha dado ao animal o nome de comedor de formigas). Hoje sabe-se que tal animal se alimenta exclusivamente de cupins. Não omite o tamanduá-mirim e o tamanduá.

Passa, a seguir, aos tatus: tatu-guaçu, tatu-etê, tatu-peba e tatu-apara. Dos canídeos silvestres faz menção ao jaguara-caapora (cachorro-do-mato) e ao auará (raposa) e cita o jaguara-membaua (cão doméstico).

Dos felídeos tece comentários sobre o jaguetê, a suçuarana, a jaguaruna e o maracajá. Segue aludindo ao quati, à jaritataca, que expele insuportável catinga. Ultimamente, diz Alexandre Rodrigues Ferreira, *"Padre Gumilla escreve que a referida catinga procede de ventosidades que solta. Deste último modo é que, em todo o Brasil, tenho ouvido dizer a este respeito"*.

Continua suas descrições com a irara, jupará, guaxinim, gambás (mucura-açu e mucura-mirim), coandu, tapeti, preá, acuti, acutipiranga, acuti-pixuna, acutiauaia, paca, gabiru, acutipuru e variedades do taiacu (porco-do-mato): guaçu, etê, tirica, caititu.

Entre os veados, reconhece o suguaçu-apara, suguaçu-anhangá, suguaçu-cariacu, suguaçu-piranga e suguaçu-tingá. Ao carneiro doméstico denomina suguaçu-mé e ao boi tapiira. Descreve com minúcias o tapiretê e a capivara. A ariranha é chamada de iauacaca. Ao citar o andiraguaçu, confunde-o com o hematófago: *"tenho visto apenas alguns homens e meninos bastante pálidos e debilitados pela grande perda de sangue, ocasionada pelas mordidas de morcegos"*. Isto na prática não ocorre e naturalmente foi mal informado por outras pessoas.

Dedica largo espaço ao iuarauá (peixe-boi), ao qual dá o nome latino de Linnaeus e que seria posteriormente substituído pelo nome de Johannes Natterer, para a espécie amazônica. Repete notas já apresentadas anteriormente em sua Memória sobre o peixe-boi e seu uso no Grão-Pará. Mantém neste trabalho o alerta anterior em relação a sua depredação exagerada e afirma que em Vila Franca, em dois anos, foram abatidos 1.500 peixes-bois.

Finalmente descreve o Pirá-laguara (boto) e fala nas *"duas castas (espécies): grande e pequeno"*, dando à última o nome de tucuxi.

Termina o seu mais bem elaborado trabalho sobre a fauna amazônica naquela época, datando-o de Vila Bela, 28 de fevereiro de 1790.

Nele mostra a sua erudição e naturalmente reflete os conhecimentos que adquiriu em Coimbra, enfeixando suas observações com o Salmo 103 de David, escrito em latim.

A meu ver, repito aqui, deu mais um passo avante, ao se referir no *Diário da Viagem ao*

**Rio Negro** (1786) aos animais caçados e pescados pelos índios: *“donde se vê, que nem aqui se trata de especificar a todos quanto há, nem de os descrever segundo a arte, porque uma e outra cousa se fará a seu tempo, quando dever aparecer a Zoologia Paranaense”*. Quis o destino, entretanto, que sua zoologia jamais fosse publicada.

As considerações sobre os mamíferos, nos quais inclui o homem; a descrição do tapuia sob vários aspectos; trabalhos de autores que o antecederam (inclusive trabalhos do próprio naturalista); fatos históricos de relevo; descrição minuciosa de alguns mamíferos, sua importância médica, econômica e uso alimentar, constituem informações interessantes sobre essa década (1780-1790).

Embora, algumas vezes, transmita informações talvez um pouco fantasiosas ou menos verídicas, que eram correntes na época, nada melhor para concluir estas notas sobre o seu trabalho do que usar suas próprias palavras: *“A medida que se vão adiantando os conhecimentos, e que a natureza vai sendo observada por olhos mais exercitados, assim também se vê que vão desaparecendo as maravilhas que encantavam os séculos da ignorância”*.

Ao desaparecerem as abusões, tais como a lenda sobre os coatás-tapuias, vão surgindo outras maravilhas que o engenho e a arte humana, através da ciência e da cultura, fazem chegar até nós. Alexandre Rodrigues Ferreira, sem desprezar as primeiras, contribuiu em sua época para alargar o conhecimento sobre essa importante classe da fauna brasileira.

Nas memórias de zoologia, editadas pelo Conselho Federal de Cultura, foi apresentada uma relação atualizada das espécies citadas por Rodrigues Ferreira nas observações gerais.

## 10.5 ICONOGRAFIA

A parte iconográfica da *Viagem Filosófica* pode ser dividida em quatro assuntos: geografia, antropologia, botânica e zoologia. As estampas referentes a esses temas, estão enfileiradas atualmente nos seguintes volumes existentes entre nós:

1) **Desenhos de gentios, animais quadrúpedes, aves, anfíbios (répteis), peixes; armas, instrumentos musicais e mecânicos, ornatos e utensílios domésticos dos mesmos gentios, etc.** No alto da folha de rosto existe um frontispício alegórico da expedição. Algumas legendas pela letra de Alexandre Rodrigues Ferreira. As estampas são a nanquim e não trazem nome do desenhista. Acham-se encadernadas em volume de fólio pequeno. São 17 estampas de gentios, 37 de mamíferos, 12 aves, 6 répteis, 7 peixes e 26 armas. No volume existe o carimbo do Museu Real de Ajuda. Valle Cabral refere-se a 106 estampas, mas em contagem recente (1983) encontramos 102. O volume acha-se depositado na Biblioteca Nacional.

2) **Prospectos de cidades, vilas, povoações, fortalezas e edifícios, rios e cachoeiras da Expedição Filosófica do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1784-1792).** Ao todo 109 estampas, sendo as cinco primeiras referentes a cidade de Belém, a sexta é um esboço a lápis por Joaquim José Codina, seguem-se doze plantas da autoria do capitão Antonio José Landi, frontarias e prospectos de casas por Codina e José Joaquim Freire, algumas assinaturas e datas em que foram feitas. A continuação das gra-

vuras representa vilas, cidades, fortalezas, serras, cachoeiras, palácios, malocas, cópias de desenhos, a partir da cidade de Belém, subindo o rio Amazonas até Barcelos e alto rio Negro, rio Branco e cabeceiras. O fólho onde estão encadernadas traz o carimbo do Real Museu de Ajuda.

Segundo Valle Cabral, esse volume numerado como I, indica que houve outros volumes, de igual gênero de estampas, de que não se tem notícias. Lembro a informação de Rodrigues Ferreira, que na descida do Madeira iria ilustrar suas principais cachoeiras por estarem de águas baixas. Contagem recente das gravuras revela que ainda é mantido o número citado por Valle Cabral na Biblioteca Nacional.

Falcão (1970) informa que "este é o primeiro livro de composições plásticas originais, feitas in loco, autenticadas com as assinaturas dos desenhadores Codina e Freire, que estiveram no Brasil. É o único que resta, de tal categoria, entre nós, recolhido à Biblioteca Nacional. Os demais foram copiados, conforme explícita declaração no frontispício, no Real Jardim Botânico de Ajuda (Lisboa), a cargo de desenhistas oficiais da repartição".

3) **Desenhos de gentios, animais quadrúpedes, aves, anfíbios (répteis), peixes e insetos, da Expedição Filosófica do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Copiados no Real Jardim Botânico. Volume 1** — No alto da folha de rosto existe um frontispício alegórico, semelhante ao do volume da Biblioteca Nacional. Possui no alto dessa folha: "*Ant. de Men. es Vas. los Drummond, Ministro do Brasil em Lisboa, e mais abaixo o carimbo do Real Museu de Ajuda*". No alto da primeira estampa encontra-se a assinatura autógrafa do Conselheiro Drummond. Segundo Valle Cabral "*todas elas foram copiadas dos originais ainda em vida de Rodrigues Ferreira, e provavelmente sob sua direção, no Real Museu de Ajuda, e passam por conseguinte, como autênticas*". Não compartilho dessa opinião, já que os artistas usam composições de fundo que nada têm a ver com a paisagem amazônica. Em minha contagem (1983) encontrei 163 estampas e não 161 como mencionadas. Acha-se na Biblioteca do Museu Nacional.

4) **Prospectos de cidades, vilas, povoações, edifícios, rios, cachoeiras, serras, etc. da Expedição Filosófica do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Copiados no Real Jardim Botânico — Volume 2.** No alto da folha de rosto e da primeira estampa as mesmas indicações citadas para o anterior. O total de estampas coincide com o número mencionado anteriormente ou seja 80 (mais uma apenas esboçada a lápis). Tudo indica que seu término foi abreviado, já que o volume da Biblioteca Nacional possui 109 estampas.

5) **Plantas da Expedição do Pará copiadas no Real Jardim Botânico.** O conjunto consta de 5 volumes:

1) com 220 desenhos e numeração irregular 1-117 (preto e branco) e 178-280 (coloridos); 2) 174 desenhos (faltam oito, números duplicados: 3, 7, 12, 23, 35, 61, 84, 91, 132; triplicados: 14); 3) 158 desenhos, faltam 17, números duplicados: 3, 46, 82, 94, 153; 4) 172 desenhos, faltam seis números duplicados: 9, 25, 26, 32, 112, 128, 147; 5) 157 desenhos, faltam 14, número duplicado: 121. Existem nas estampas anotações de Freire, Codina e Rodrigues Ferreira. Total de estampas: 881.

Em contagem recente (1983), embora haja discrepância de números nos volumes 3 a 5, o total das estampas encontrado foi de 880. A meu ver são os originais da iconografia botânica.

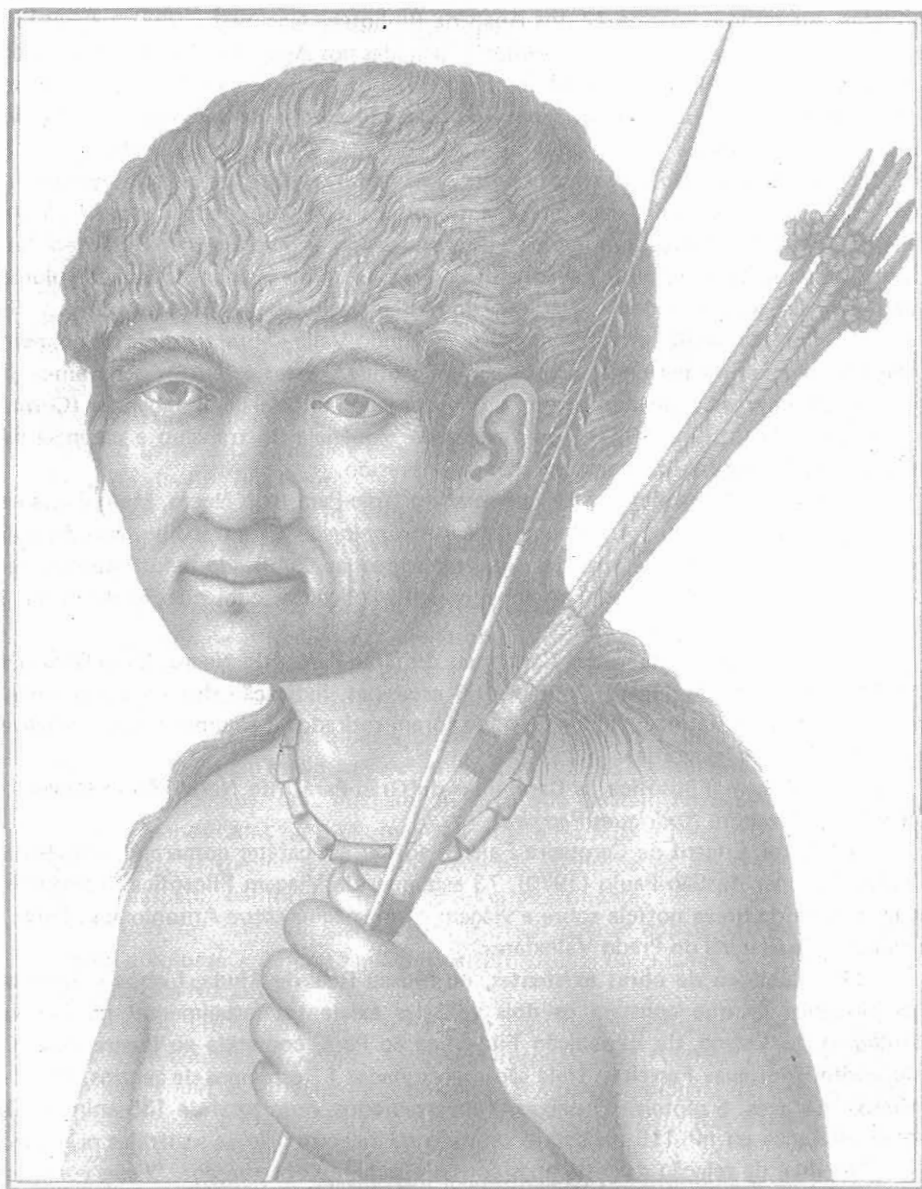


Fig. 8 — Ilustração de um índio de tribo não identificada. Códice Biblioteca Nacional 21.1.0. estampa 10.

6) **Plantas da Expedição do Pará. Copiadas no Real Jardim Botânico.** São três grossos volumes in fólho grande. O número de estampas é de 668. Houve um lapso evidente, quando no volume 72 dos Anais da Biblioteca Nacional (1952), página 135 afirma: *"Pertencente ao Arquivo Militar"*. (Citadas nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. II, pág. 196). No referido volume II (1877) dos Anais esse códice é mencionado logo adiante do Arquivo Militar, como pertencente ao Museu Nacional. A descrição fornecida, dimensões e a afirmativa de que *"são elas primorosamente desenhadas a mão e a cores, mas não trazem os nomes das plantas, flores, frutos, etc. representados"*. Tais indicações conferem plenamente com os 3 volumes depositados na Biblioteca do Museu Nacional. Com menos 219 gravuras que os 5 volumes da Biblioteca Nacional, certamente não pôde ser concluído a tempo, o que já foi notado para volume análogo (Prospectos de cidades, vilas, etc.) do Museu Nacional.

7) **Coleção de 62 estampas animais.** Segundo Valle Cabral não trás título, nem indicação alguma de pertencer à **Viagem Filosófica**. Essas estampas achavam-se já em fase de impressão quando assumi a coordenação editorial da Iconografia (Conselho Federal de Cultura, 1971). Em virtude da seqüência do trabalho e carência de tempo para pesquisa, não foram retiradas da impressão.

8) **Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Iconografia, Vol. 1: Geografia e Antropologia:** Esse trabalho, coordenado por mim, engloba 140 estampas das áreas mencionadas. Publicado pelo Conselho Federal de Cultura (1971), cada estampa possui explicação, com citação do autor e livro de onde cada uma foi retirada.

9) **Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Vol. 2: Zoologia.** Contém 168 estampas, indicação dos nomes comuns, nomes científicos (latinos), livros de onde foram retirados e algumas notas, inclusive sobre distribuição geográfica.

10) **Viagem Filosófica às Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá — Alexandre Rodrigues Ferreira.**

O Doutor Edgard de Cerqueira Falcão, editou em caráter comercial, através da Gráfica Brunner de São Paulo (1970), 73 estampas da **Viagem Filosófica**. No volume acha-se incluída breve notícia sobre a viagem e uma página sobre Antonio José Landi, de autoria de Clarival do Prado Valladares.

11) **Catálogo de obras existentes, no Museu Real de Ajuda, Lisboa — Índices dos desenhos de que constam os dois volumes existentes (atualmente) no Museu Zoológico de Lisboa, da Expedição Filosófica ao Pará, cometida ao ilustre Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira.** Nele são mencionadas 17 estampas de gentios, 23 mamíferos, 41 aves, 5 répteis, 41 peixes, 7 invertebrados, num total de 135 animais. O nome referente ao nº 116 da lista é omitido da relação. São as aquarelas originais.

No final da relação das estampas consta a seguinte observação: *"Estes volumes (mais de um) têm escrito nas guardas que estão juntas dos frontispícios o seguinte: — "Este volume de desenhos originais da Expedição Filosófica do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, entregues em 1842 por uma portaria do Conde de Tomar ao Ministro do Brasil "Drummond" foi encontrado em 1861 em poder de uma mulher a quem o Diretor da Seção de Zoologia do Museu o comprou"*. Oferecido à biblioteca do Museu por José Vicente Barboza du Bocage.

Em 1972 me referi a elas como "provavelmente sejam esses os desenhos originais de animais e da viagem a Mato Grosso que se perderam após serem copiados por ordem do Ministro Drummond e enviados ao Rio de Janeiro. Atualmente entre nós existem apenas os originais do volume I referentes ao Pará e Amazonas"

A relação dos animais foi publicada por mim no volume das memórias de zoologia e botânica (Conselho Federal de Cultura, 1972). O volume II com 76 estampas, conforme havia dito representam as ilustrações da viagem ao rio Madeira e Mato Grosso. Ele contém ilustrações de Borba, Cachoeiras de Santo Antonio (5), Morrinhos (2), Caldeirão (2), Girau (2), Três Irmãos (2), Paredão (3), Pederneiras (2), Araras (2), Ribeirão (3), Misericórdia (2), XII Cachoeira do Madeira (2), Foz do rio Madeira, Lages (2), Pau-Grande (2), Bananeira (3), Guajará-grande (2), Guajará-mirim, Raza, Forte e povoação de Príncipe da Beira (5), serra de Santo Antonio dos Guarujus, planta de Vila Bela, figura de soldado pedestre, arriador de tropa, povoação Casal Vasco (2), gruta das onças (3), Registro de Jauru, Vila Maria, Vila do Bom Jesus de Cuiabá (2), mineração de ouro (4), Albuquerque (3), Presídio de Nova Coimbra (2), gruta do Inferno (2), vista de canoas (5), marco da divisa entre Portugal e Espanha e planta de vila Boa dos Goiazes.

Esses dois volumes (o primeiro de gentios e animais e o segundo que acabo de mencionar são originais. Juntos com o volume I de Prospectos de cidades, vilas, povoações, etc. e com o volume de Plantas do Pará (ambos da Biblioteca Nacional devem perfazer a documentação iconográfica original da Viagem Filosófica.

Pela grande diferença de citações relativas ao número de gravuras de animais pelos diversos autores pode-se deduzir que várias delas se extraviaram. As estampas de animais são todas cópias dos originais, exceto as do livro da Biblioteca Nacional (21.1.3) que contém estampas e aquarelas também atribuídas à Viagem Filosófica, não mencionadas em qualquer relação (de manuscritos ou estampas)".

Hoje sabemos, sem margem de erro, que existem no Brasil duas coleções de estampas depositadas na Biblioteca Nacional e no Museu Nacional, ambas compondo dois livros: 1) Desenhos de gentios, animais quadrúpedes, etc.; 2) Prospectos de cidades, vilas, etc. conforme mencionamos anteriormente.

Tudo faz crer que vieram para o Brasil apenas cópias das estampas originais, exceto o volume I da parte geográfica (Prospectos de cidades, vilas, povoações, etc.) da Biblioteca Nacional.

Falcão (1970) afirma: "*de acordo com informações particulares da parte do Dr. Carlos Oberacker Júnior, há pouco recebidas de Portugal, os dois volumes de aquarelas originais, atualmente guardados no Museu Zoológico de Lisboa, pelas datas apenas, devem corresponder: o primeiro à excursão pelo Rio Negro (1785-1787) e o segundo à pelo Rio Madeira (1789-1790)*".

O assunto não se esgota com a informação transmitida por Oberacker Junior, uma vez que há evidência de que as estampas originais dos animais da expedição encontram-se em Lisboa, segundo nos relata Cabrera (1957) ao se referir ao tipo do macaco barrigudo, *Lagothrix cana cana* (Geoffroy, 1812): "*El holotipo de esta espécie, que está en el Museo de Paris, adonde fué llevado por Geoffroy del de Lisboa, había sido obtenido por el viajero Alexandre Rodrigues Ferreira en su expedición al rio Negro y Mato Grosso, a fines del siglo XVIII, y se encuentra admirablemente pintado del*



*natural en el album inédito de dibujos de dicho explorador, actualmente conservado en el Museo de Lisboa”.*

Cabe-nos assim a colocar uma interrogação ou mesmo duvidar da informação de França (1922) de serem estes os desenhos entregues ao Ministro Drumond (1842), já que as cópias que lhe foram entregues acham-se nos volumes sob guarda do Museu Nacional do Rio de Janeiro. As datas também são muito diferentes, visto que as estampas mencionadas por Bocage foram encontradas em 1861 e se acham no Museu de Zoologia de Lisboa (antigo Real Museu da Ajuda). O assunto demanda pesquisa comparativa entre as três coleções de gravuras aparentemente existente em Portugal e no Brasil.

É essa a documentação que segundo meu conhecimento registra a produção iconográfica dos riscadores e copistas da *Viagem Filosófica*.

Para completar essa parte, transcrevo aqui a impressão sobre a parte iconográfica, expressa por Valle Cabral (1877) ao se referir aos volumes guardados na Biblioteca do Museu Nacional.

*“É admirável a perfeição do desenho d’estes cinco volumes, os quais encerram nada menos de 912 estampas iluminadas e primorosamente trabalhadas em sua quase totalidade. As cores ou iluminuras ainda estão tão vivas que parece foram empregadas há cerca de um mês! Tal é a beleza, esmero e nitidez das estampas destinadas a acompanhar as memórias do sábio naturalista”.* O naturalista Goeldi (1895) comenta, por outro lado, que muitas delas acham-se fora de proporções, faltando-lhes as minúcias que era de se esperar num trabalho científico. O total de ilustrações atribuídas a *Viagem Filosófica* é de 1.207 gravuras.

## 10.6 HISTÓRIA, AGRICULTURA, MEDICINA E ECONOMIA EM GERAL

No campo da História apresenta valiosa documentação bibliográfica de publicações anteriores à sua viagem, abordando vários aspectos da vida brasileira. Demonstrou interesse em garantir ao domínio português as terras do cabo Norte e discutiu problemas ligados à posse do território do rio Branco no Tratado Histórico do Rio Branco.

A sua Memória sobre a Marinha do Grão-Pará procura informar Martinho de Melo e Castro sobre madeiras utilizadas na construção de embarcações, preparo de cordas e estopas para calafetos e ainda o preparo do breu. Sob forma de apenso anexa uma coleção de documentos sobre esse tema no Estado do Grão-Pará.

Procura historiar a cidade de Belém, hospitais, igrejas, conventos, colégios, Palácio do Governo e outros locais, não esquecendo de acrescentar mapas dos bispos da região, dos falecimentos em Belém e das cômruas recebidas pelos padres, militares e civis nas capitânicas do Grão-Pará e rio Negro. Informações desse gênero estão permeadas em todos seus manuscritos de natureza geral.

Dados sobre a agricultura estão também esparsos em seus diários. Ao que sabemos, o manuscrito Estado Presente da Agricultura do Pará é o único que procura enfiar informações exclusivamente dedicadas ao assunto. O engenho de branquear (descascar) o arroz do seu futuro sogro, mereceu dele especial atenção. Relacionou ainda os engenhos de açúcar, aguardente, curtumes, olarias e caieiras na capitania.



Fig. 5 — *Gymnoderus foetidus* (Linnaeus, 1758) — anambé-açu, uira-nambé, anambé-pombo. Amazônia. Livro Museu Nacional, aves, estampa 37.

**RELAÇÃO DOS LIVROS COM DESENHOS DE  
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA**

Nome dos Livros	Nome da instituição onde estão depositados				
	Museu Nacional		Biblioteca Nacional		Museu Bocage
Desenhos de gentios, animais quadrúpedes, etc.	1877	1983	1877	1983	
Gentios	13	15*	17	17	17
Mamíferos	43	45**	37	37	23
Aves	41	41	12	12	41
Répteis	4	4	6	6	5
Peixes	56	54***	7	7	41
Invertebrados	4	4	—	—	7
Armas, utensílios, etc.	—	—	26	26	—
Prospectos de cidades, vilas, povoações, etc.	83	81	109	109	76
Plantas da expedição do Pará					
Volume 1	233	233	220	220	—
Volume 2	227	227	174	168****	—
Volume 3	208	208	158	173****	—
Volume 4	—	—	172	147****	—
Volume 5	—	—	157	172****	—
Coleção de 72 estampas de animais – BN:	—	—	72	72	
Viagem Filosófica, etc. Iconografia – Zoologia, CFC:					
Gentios		2		—	—
Mamíferos		40		13	—
Aves		36		17	—
Répteis		5		10	—
Peixes		50		14	—
Invertebrados		4		3	—
Viagem Filosófica, etc. Iconografia – CFC:					
Antropologia		13		29	—
Geografia		—		98	—
Viagem Filosófica, etc. E. C. Falcão:					
Geografia		—		63	—
Antropologia		—		2	—
Zoologia		—		2	—

\* Introduzidas nesse volume 2 estampas (maloca dos curutus e fabrico de cuias pintadas) do volume Prospectos de cidades, vilas, povoações, etc.

\*\* Introduzidas no volume 2 botos que não constavam do original.

\*\*\* São 56 desenhos e 54 estampas (contendo duas figuras para o acari-cachimbo e candiru).

\*\*\*\* O total de estampas é o mesmo, foram trocadas estampas nestes volumes.

Sobre o comércio apresentou extrato dos diários, sob o título Observações Filosóficas e Políticas sobre as verdadeiras causas que retardam os progressos do comércio e da navegação interior entre as capitanias do Pará, rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá; tratou das Minas de Mato Grosso e Cuiabá, escreveu memórias sobre as salinas do Cunha e minas de sal do Jaurú, e informou sobre regulamento e fretes cobrados pelas embarcações na capitania de rio Negro. De Vila Bela remeteu amostras de ouro para o Real Gabinete de História Natural em Lisboa.

Embora não fosse médico, procurou "vulgarizar" os conhecimentos "que possuía, ou fossem próprios, ou alheios" a fim de suprir a falta de livros de medicina. Nessa obra, como diz: "*Empreendi pois a execução deste plano, e depois de empregadas nela as minhas horas de descanso, saiu ultimamente este pequeno sinal do meu zelo, e não do meu Instituto*". Desse esforço originou o trabalho "Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso",\* muito curioso, pelas informações que nos transmite sobre a medicina na época. Provavelmente escreveu um catálogo dos escritores médicos do Brasil, uma vez que em seus documentos encontrava-se o manuscrito para se acrescentar ao catálogo dos escritores médicos do Brasil. Foram estas as duas incursões que realizou nesse campo.

Restaria ainda comentar os documentos gerais sobre a **Viagem Filosófica**, inclusive cartas, requerimentos, ofícios, representações, requisições, portarias, solicitações, relações, memoriais e outros. É, a meu ver, tarefa para tempo bastante longo, que seria consumido no Brasil e em Portugal, revendo arquivos e anotando documentos, para poder deles tirar as conseqüentes ilações. Lamento não ter oportunidade para estender ainda mais esta minha fala. Não poderia terminá-la sem, contudo, apresentar algumas conclusões, que a meu ver sintetizam alguns aspectos dessa grande expedição.

## 11. CONCLUSÕES

A saga dos manuscritos de Alexandre Rodrigues Ferreira tiveram início quando o naturalista estava ainda no Brasil, pois Portugal procurava sonegar a outros países informações de caráter econômico, que viessem a pôr em risco o monopólio de usufruto dos recursos naturais da colônia. É o próprio Costa e Sá, que fizera o elogio do cientista (1818) quem diz: "*não obstante quando razões políticas pareciam recomendar toda a reserva na publicação das memórias*"... "*razões que tanto para nós como para o Brasil, totalmente hoje desapareceram*". Tudo nos faz crer que tais manuscritos se destinavam somente para uso oficial e não para publicação. Nas instruções que recebera para a viagem consta que "*não são os governadores os que devem ser informados da qualidade do produto, ou sua quantidade, lugar, uso; só a Secretaria de Estado dos Negócios de Ultramar se devem revelar estes segredos*". Lima (1954) afirma que sua missão foi "*mais obra de um inspetor, do que a de um naturalista*".

Os poucos trabalhos de natureza meramente científica passaram pelas mãos de Vandelli, a quem Rodrigues Ferreira dedicava amizade e respeito. Sendo médico por formação e professor de química, embora um cultor das ciências naturais e militante

---

\* Publicado por Glória Marly Fontes (1966).

na área, não tinha a formação científica que lhe permitisse orientar, como era de se esperar, a publicação das descrições das espécies coligidas. O exemplo das informações perdidas a Lacépède, sobre o candiru e o aruanã, é bem típico dessa atitude. A falta de intercâmbio de Rodrigues Ferreira com centros mais avançados, e inexistência de coleções para comparação do material, praticamente o inabilitava para esse mister. Faltou-lhe, sobretudo, bibliografia para levar adiante suas investigações. A meu ver, o esbulho das coleções por Saint-Hilaire veio impedir definitivamente a elaboração dos trabalhos que porventura ainda cogitasse terminar.

Como já foi dito, as informações antropológicas refletem, em boa parte, os conceitos da época, frutos da mentalidade escravista, que já era acentuada antes da expulsão dos jesuítas (1759) e que veio a se exacerbar alguns anos depois. Muitas dessas informações carecem de formação básica universitária e foram obtidas através de terceiros, em publicações de relatórios anteriores ou de "línguas" (intérpretes), que tiveram contato com o naturalista. Reconhecendo, corretamente, a incompatibilidade do trabalho indígena na agricultura sedentária, não propõe solução alternativa. Mesmo assim advoga os descimentos ou reunião dos silvícolas em aldeias próprias, dirigidas por um diretor branco: *"É para sentir, que viva tanto gentio embrenhado no mato, sem servir nem a si nem a ninguém; e que eles não descem, nem hão de descer acariados das nossas dádivas, dos nossos costumes e das imunidades, que lhes concedem as leis do Estado, quotidianamente o mostra a história dos descimentos. Liberdade não os-convida, porque absolutos e livres em todo o sentido são eles no mato; costumes também, não, porque muito mais apertados são os nossos do que os seus; quanto ao sustento e vestido corre por conta da natureza"*.

Praticamente não visitou áreas desabitadas ou tribos em seu ambiente natural, com exceção de um baile dos Jurupixunas, no rio Cauaboris. O contato foi sempre com índios que viviam nos descimentos ou lhes transmitiam informações como "línguas". As notícias que dá sobre numerosas tribos da região são todavia de grande interesse, uma vez que quase todas, ou praticamente todas com que teve contato, se extinguíram por causas físicas naturais ou aculturação. A sinopse dos índios do rio Negro apresentada na Sétima Participação nos fornece uma boa indicação dos grupos que ali viviam.

Seguindo as instruções da Corte, deu prioridade para os informes de natureza social e econômica. Apresenta verdadeiro retrato da agricultura praticada na Amazônia no fim do século XVIII e se interessa pela implantação de novos processos agrícolas. Em complemento a considerações anteriores, convém ainda anotar sua observação: *"e sem que de ordinário nunca formem certo e permanente estabelecimento de agricultura, abandonando com a maior facilidade a sementeira ou plantação de qualquer gênero"*.

Em suas comunicações ao Governo de Portugal nota-se vários informes sobre a atuação da Igreja na Amazônia, estado material das igrejas, residência dos padres e trabalho de evangelização.

No âmbito da geografia, embora não tenha elaborado mapas, nos dá também muitas informações, obtidas através do Amazonas, rio Negro, Madeira, Guaporé, Paraguai, Cuiabá e São Lourenço. Alguns detalhes que julguei acertado mencionar poderão ser lidos em algum dos seus principais trabalhos de natureza geográfica. Nos campos

da zoologia e da botânica, podemos afirmar que há acentuado desnível entre a *Viagem Filosófica* e as expedições de Humboldt (1799-1804) e Martius e Spix (1817-1820), quanto à produção científica. Desta última expedição, da qual participaram outros naturalistas, foram publicados cerca de 120 trabalhos, inclusive belíssimos infólios. Curioso é notar a similitude da viagem de Rodrigues Ferreira com a de Johannes Natterer (1817-1835), que também fez sozinho coleções muito grandes, mas que embora não tenha tido tempo em vida para estudá-las outros cientistas o fizeram.

A documentação iconográfica é das mais valiosas, sobretudo os prospectos de cidades, vilas, cachoeiras, e alguns objetos. As estampas de gentios são singulares e únicas para sua época. O volumoso material iconográfico de botânica aguarda estudo crítico. As estampas de animais atribuídas a Codina e Freire, como autênticas, embora fiéis, carecem de minúcia científica e proporções relativas.

Cabe finalmente mencionar a curiosa e rebuscada linguagem da época, como aquela expressão *"aqui venho... mais humilde e rasteiro como uma cobra, a receber o castigo de minhas omissões"*... ou a outra, logo a seguir, referindo-se à Melo e Castro *"pareceu-me menos surdo de que eu esperava que fosse, a orelha de um Ministro Delegado"*.

Tendo já enfrentado também as soalheiras, a fome, as peripécias sem fim da subida e descida das cachoeiras, chuvas diluvianas, tremedeira das febres que esgotam e tiram o ânimo, picadas de carapanãs, muriçocas, piuns, mutucas, tocandiras, formigas-de-fogo, mordidas de candirus, de morcegos hematófagos e outros percalços das viagens em tempos idos, só me resta manifestar a minha admiração por esse extraordinário viajante e primeiro brasileiro a desbravar cientificamente os sertões do rio Negro, rio Branco, Madeira, Guaporé e Mato Grosso.

Em minha viagem ao rio Negro (1949), ainda não tinha, sequer, conhecimento dos trabalhos de Alexandre Rodrigues Ferreira, embora tivesse lido Wallace e Bates. Atribuo este fato a pouca divulgação de seus manuscritos. Ao inteirar de modo mais profundo sobre sua vida e memórias, vejo que poderia ter visto a região com outros olhos e comparar informações. De qualquer forma, me sinto abalizado para manifestar minha admiração pelo imenso esforço que realizou, pela dedicação incedível no cumprimento de sua missão, pelo seu estoicismo e pelas amarguras sofridas. Tamanho esforço e dedicação permanecerão através dos tempos como um marco ou melhor a saga de um brasileiro a serviço de Portugal durante trinta e sete anos de sua vida como naturalista e cidadão.

ROTEIRO E CRONOGRAMA DA VIAGEM FILOSÓFICA,  
SEGUNDO O DIÁRIO PARTICULAR DE  
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA \*

1783

- setembro 1 Partida da cidade de Lisboa pelas 6 horas e 1/2 da manhã e pelas 6 horas da tarde de 21 de outubro cheguei ao porto da cidade do Pará;
- novembro 7 Sai da cidade pelas 11 horas da noite, e tendo navegado 8 léguas, costa abaixo, com mais 7 de travessia para a Ilha Grande de Joanes, cheguei à Vila de Monforte, pelas 4 horas da madrugada de 9;
- novembro 17 Ilha de Joanes. Deixei a vila de Monforte pelas 7 /12 da manhã, e costeando a ilha, água acima, pelas 10 1/2 passei pela vila de Monsarás.  
Naveguei mais 5 léguas até a foz do rio Arari, por onde subi cousa de 24 léguas, até as 5 da tarde de 21.  
Os vinte e nove dias que decorreram até 29 de dezembro, os empreguei em reconhecer os produtos naturais e a extensão daquela ilha, que achei ter de comprimento L.O. quasi 40 léguas, e de maior largura N.S. 30.  
N.B. Que as povoações que tinha, entre vilas e lugares, erão 9. Os habitantes de todas elas incluída a freguezia de N. S. da Conceição do Arari, pouco mais de 5.500; fazendas de gado vacum e cavalari 153. Engenhos Reais de açúcar 3. Molinetes de aguardente de cana 11;
- dezembro 21 Voltei do rio Arari pelas 6 horas da tarde de 24, cheguei à cidade do Pará onde me dispuz a partir para o rio dos Tocantins.

1784

- janeiro 15 Rio dos Tocantins. Pela meia noite embarquei na canoa São Francisco, e com 19 léguas de viagem pelo rio Moju acima cheguei ao canal do Igarapemirim, dali numa distância de mais de 11 léguas subi à baía do Marapatá, que é a foz do sobredito Tocantins. Naveguei 13 léguas por ele até o lugar de Azevedo, e a distância de mais 1 légua acima pelas 4 horas da tarde de 19 aportei na vila de Cameté.

---

\* Autógrafo. Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, 2:355, 1945 (J. R. Mendes) e Boletim do Museu Nacional, IX (2):103-115, 1933 (E. Roquete Pinto).

- janeiro 21 Segui viagem pelas 7 horas da manhã e tendo navegado 30 léguas até as 4 horas da tarde de 26, cheguei ao lugar de Alcobaça; N.B. Observei — primeiro que nas altas margens deste rio se criam inumeráveis castanheiras, que além da castanha do Maranhão, também dão a estopa precisa para o calafeto das canoas; segundo que nas mesmas margens se mostram claros indícios de muito pau-cravo que tem pelos centros de seus sertões; terceiro que as muitas ilhas que há na sua barra, abundam de certa espécie de castanhas de cuja massa se extrai o azeite de andiroba; quarto que nas ditas ilhas principalmente estão situadas os cacauais dos habitantes das suas povoações, as quais não sendo mais do que 4, contém pouco menos de 7.000 almas. Dali regressei para a cidade do Pará, onde cheguei pelas 11 horas da noite de 20;
- fevereiro 15 Embarquei pelas 10 horas da manhã na diligência de descobrir sítio apropriado para a plantação de linho canhamo, na conformidade das ordens com que fui instruído pelo Ministério, e achando-me na distância de légua e meia para baixo da cidade ali me demorei, em mandar roçar o mato, e plantar o referido linho até 3 de março que me recolhi ao Pará;
- maio 4 Quarta vez sai da cidade pelas 4 horas da madrugada, em viagem às ilhas adjacentes à sua barra, e depois de ter explorado diferentes ilhas, como foram a ilha das Onças, Guarapiranga, Periquitos, Jutuba, Paquetá, Ilha Nova, Cutijuba e Tatuoca, recolhi-me ao Pará pelas 4 horas da tarde de 13;
- julho 10 Quinta vez parti da cidade pelas 5 horas da manhã em demanda do canal de Carnapijo, navegando 7 léguas até sair a baía de Marajó; dali na distância de 3 léguas e 1/2 por entre ilhas da costa da parte esquerda cheguei à Vila do Conde, e 2 léguas a 1/2 acima desta aportei na vila de Beja. Aquele distrito o explorei no espaço de 9 dias, findos os quais, dispuz-me a subir pelo rio das Amazonas, em viagem para o Rio Negro, e pela sobredita viagem nos termos mais resumidos foi a seguinte;
- setembro 19 Tendo saído da cidade do Pará, embarcado na canoa São José Belém que largou pelas 9 horas da noite andou até o canal de Igarapemirim; dali à baía de Marapatá; travessia desta e da outra baía que segue até o engenho de Limoeiro; andamento do canal de japim, até sair a baía de Maruaru; travessia desta baía; comprimento da segunda até o engenho de Pedro Furtado; defronte do engenho e distante dele 7 léguas, está situado a vila de Oeiras, na margem ocidental, e superior 2 léguas a barra do rio Araticu, cuja disgressão fiz para a examinar até ao dia 23; do mencionado



engenho até a boca do canal de Tagipuru; na entrada deste canal estão situadas duas famosas povoações que também quis examinar nos dias 25, 26, a saber: a vila de Melgaço em uma das ilhas que formam a sua entrada, e distante dela 4 léguas ao rumo de S.O. e no continente do S. da vila de Portes, distante da vila de Melgaço outras 4 léguas no mesmo rumo; andamento do canal de Tagipuru até sair ao rio das Amazonas;

- outubro 2 Dali até a vilado Gurupá; do Gurupá ao lugar de Carrazedo; dali até o sítio da Boa-Vista;
- outubro 12 A vila de Porto de Móz, na foz do Xingú; dentro neste rio, visitei as vilas de Veiroz-Pombal, e Souzel, e o lugar de Vilarinho do Monte;
- outubro 20 Do Porto de Móz a boca do canal de Aiquiqui andamento do canal até sair ao Amazonas para a vila de Almeirim, donde subi pelo rio Paru até a Tapera de Belforte;
- novembro 8 Da saída do Aiquiqui até a boca do rio Guajará; dali até o furo de Uruará; dali até a boca principal desse rio; daqui pela costa de Curupatuba, até a foz do Cussari estão as suas barreiras dentro do ribeiro de Curupatuba, desde 1 de novembro até 9 de dezembro, que visitei por terra a serra de Paitona e todas as imediações daquele distrito;
- dezembro 9 Do Cussari até a foz do rio Curuá; do Curuá até a boca do canal do Ituqui; andamento do dito canal, até subir no Amazonas de frente do rio Surubiu; dali até a boca do rio Muicá; e deste até a vila de Santarém na foz do rio dos Tapajós; vi neste rio as vilas de Alter do Chão, vila Franca, Boim e Souzel e o lugar de Aveiro, até 9 de janeiro sai das ditas vilas;

### 1 7 8 5

- janeiro 10 Da sobredita foz do rio Tapajós, a vila de Óbidos, Bosforo do rio Amazonas; donde descí a examinar o sítio de Paricatuba;
- janeiro 25 De Óbidos a boca de Tupinambaranas; dali a boca do rio Madeira; atravessei o rio das Amazonas para a vila de Serpa onde estive desde a manhã de 9 até a de 10 de fevereiro; do Madeira a imediata boca do Guataz; ultimamente do Madeira a foz do rio Negro que fica boas 300 léguas acima da cidade do Pará;

- fevereiro 17 Da sua foz até a Fortaleza da Barra; da dita até a boca inferior do canal de Anavilhanas; do dito até a sua saída na margem meridional do rio Negro; dali até a ponte de pedras chamada Igreja; rio acima até o lugar de Airão;
- fevereiro 23 De Airão à vila de Moura; de Moura até a foz do rio Branco;
- fevereiro 25 Dela ao lugar de Carvoeiro; do Carvoeiro ao lugar de Poiães;
- março 2 De Poiães à vila capital de Barcelos; onde residi empregado em descrever os produtos recolhidos durante a viagem, e em arranjar as remessas que devia fazer, desde 2 do referido mês de março até 20 de agosto, que segui viagem rio Negro acima a saber;
- agosto 20 Da vila de Barcelos ao lugar de Moreira;
- agosto 23 Dali até a foz do rio Guarirá rio acima até a vila de Thomar;
- setembro 1 Da dita ao lugar de Lamalonga;
- setembro 5 Do dito à foz do rio Chibaru; do Chibaru à tapera de Santa Isabel; da tapera de Santa Isabel a nova;
- setembro 11 Da dita até a foz do Maruíá; do Maruíá à foz do rio Juambu; de Juambu à foz do rio Abuará; do Abuará ao lugarejo do Castanheiro Novo; do dito ao lugarejo de N. S. de Loreto de Maçarabi;
- setembro 2 De Maçarabi ao lugarejo de São Pedro; do dito ao lugarejo de São José; de São José do Castanheiro Velho; dali até a foz do rio Marié; daquele ao outro rio Curicuriari; do dito rio ao lugarejo de São Bernardo do Camanau; daquele ao de Nossa Senhora de Nazaré de Curiana;
- setembro 26 De Curiana à Fortaleza de São Gabriel das Cachoeiras;
- outubro 18 De São Gabriel ao lugarejo de S. Miguel; dali até a foz do rio Uaupés; aqui se acabaram as quatorze cachoeiras que subi pelo rio Negro; subindo pelo Uaupés naveguei até a sua primeira cachoeira grande, chamada do Ipanoré;
- outubro 29 Da foz do Uaupés ao lugarejo de Sant'Ana; daquele ao outro lugarejo de São Felipe; dali até a foz do rio Içana; naveguei neste rio acima de 45 léguas até a sua primeira cachoeira grande;
- novembro 9 Da foz do Içana até o lugarejo de N. Senhora da Guia; do dito ao

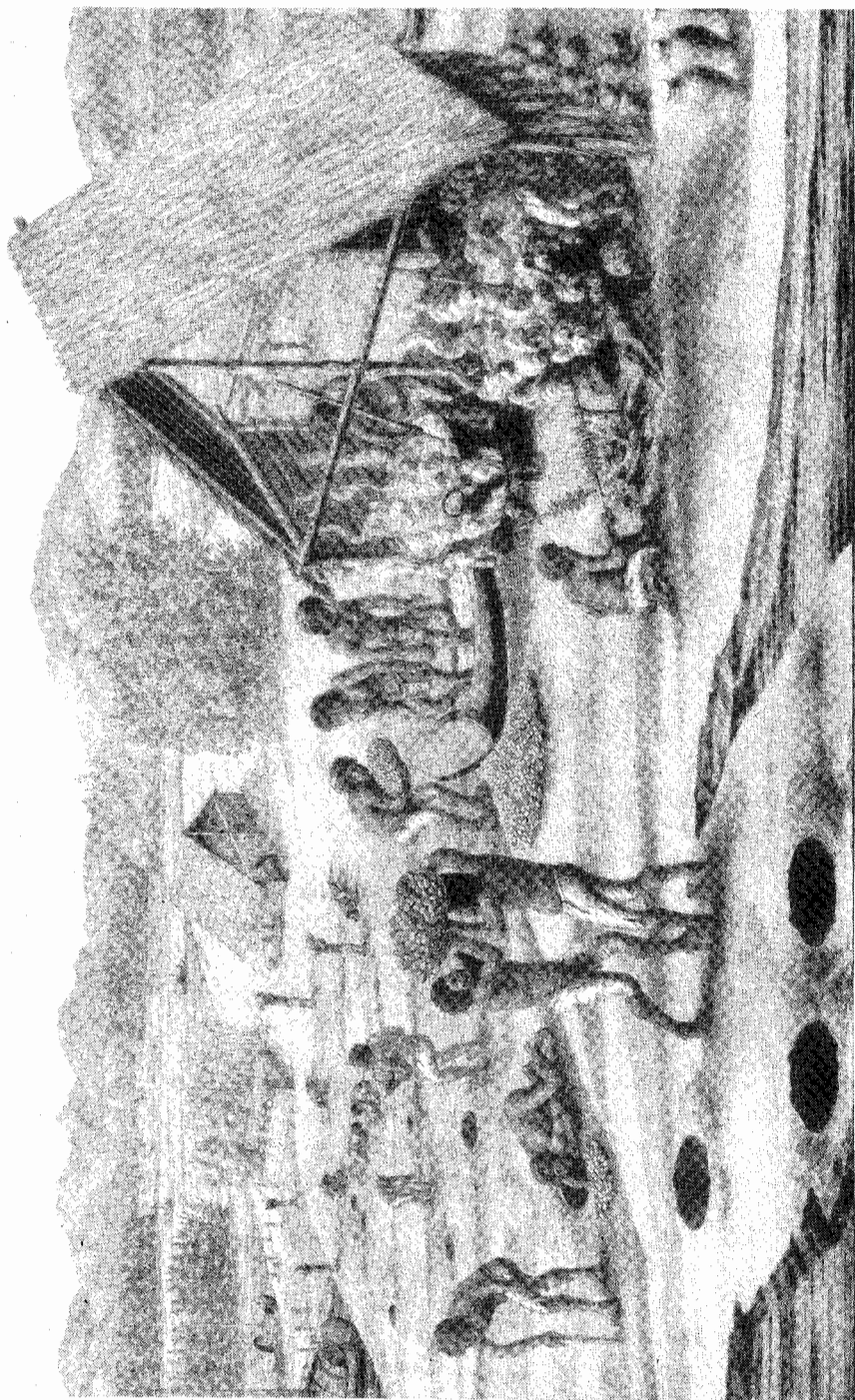


Fig. 10 — Vista panorâmica de uma praia de rio, retirada de ovos e fabricação de manteiga de tartaruga no Alto Amazonas.

de S. João Batista do Mabé; dali até a foz do rio Ixié; entrei neste rio, e naveguei por ele acima 28 léguas;

novembro 14 Do rio Ixié ao rio Dimiti; do Dimiti à Fortaleza de S. José de Marabitanas; de Marabitanas até limítrofe da serra de Cucui; Tendo desta forma navegado pelo rio Negro, acima boas 244 léguas sem falar nas que naveguei pelos rios colaterais da sua margem meridional, voltei água abaixo para entrar por alguns outros da margem boreal como foram o rio dos Cauburis em que andei 43 léguas no rio Padauri 35 e no Aracá 29;

### 1786

janeiro 7 Recolhendo-se à vila de Barcelos na tarde de 7, de janeiro de 1786, para seguir viagem para o rio Branco;

abril 23 Parti da vila de Barcelos, rio Negro abaixo, até o lugar de Carvoeiro, donde atravessei 8 léguas para a foz do rio Branco; da entrada do canal de Amauau por onde subi, com muitas voltas até a sua confluência com o rio Branco, no lugar onde estão as bocas do rio Mereuni naveguei do dito a foz do rio Mereuni; dentro neste rio, gastei 8 dias em explorar;

maio 8 Da foz do Mereuni até a povoação de N. Senhora do Monte do Carmo;

maio 15 Dali até a foz do rio Catrimani; daquela a outra foz do rio Iniuni; do dito a foz do rio Anoau; dali para cima principiam as vastas campinas da parte superior do rio Branco, as quais para o norte se estendem acima de 50 léguas para poente, acabando em o riacho da Caiacaia, e para o nascente ainda passam além do rio Ropunori;

maio 18 Da foz do Andoau até a Cachoeira Grande do rio Branco; dali a foz do rio Mucajari; da dita foz até a falda da serra do Carumani; daquela serra até a povoação de Santa Isabel na boca do rio Canamé; à outra povoação de Santa Bárbara; à Fortaleza de São Joaquim na foz do rio Tacutu, em 26 de maio; pelo Tacutu acima naveguei 17 léguas até a foz do rio Maur onde entrando cheguei a sua quarta cachoeira; voltando pela Tacutu abaixo, entre o rio Surumu, e na distância de um dia de viagem à foz do riacho, onde desembarquei, para marchar a pé como fiz pela campinas do rio Branco até a serra dos Cristais, gastando oito dias nesta jornada. Tendo-me então achado, muito ferido e estropiado, me recolhi à Fortaleza

de São Joaquim, onde convalesci de umas febres que me sobreviram, e parti para o rio Uraricuera;

junho 11

Da foz do Uraricuera até a boca do rio Serere; da foz do dito a foz do rio Parima; do Parima até a povoação de Nossa Senhora da Conceição; dali até as duas cachoeiras do dito rio; rio acima até a foz do rio Maracá; daquele rio até o riacho do Caiacaia. Neste lugar onde acabam os gerais do rio Branco se tinham estabelecido os espanhóis quando os expulsou dele o governador Joaquim Tinoco Valente. Voltei do rio Branco no dia 29 de julho, tendo navegado por ele acima sem falar nos seus colaterais 131 léguas, e pelas 4 horas da tarde de 3 de agosto me recolhi à vila de Barcelos;

### 1787

março 1

Segunda vez partiu parte da expedição para o rio Aracá, onde me demorei todo aquele mês;

maio 20

Partiu parte da expedição para o rio dos Solimões, e por ele acima se navegaram somente 50 léguas, porque a ordem que teve do General Comissário João Pereira Caldas, era reconhecer os produtos naturais da sua parte inferior, sem se encontrar com a parte espanhola, que estava na vila da Ega para o objeto das demarcações; conduziu-se a viagem em 7 de agosto que se voltou ao rio Negro; o ano que decorreu até agosto de 1788 em que parti para o rio da Madeira, empreguei a fazer por terra várias excursões botânicas e zoológicas, senão também algumas produções geográficas e hidrográficas de todas as sobreditas, e o documento apenso nº 11 é a prova que apresenta, em como as fiz;

### 1788

agosto 27

Sai da vila de Barcelos pela 1 hora da tarde, rio Negro abaixo, e descidas 25 léguas do rio das Amazonas e pelas 10 da manhã de 7 de setembro entrei na foz deste rio (Madeira);

setembro 18

Da sua foz até a vila de Borba, naveguei 26 léguas;

outubro 11

Daquela vila até a boca do furo de Guautaz;

outubro 15

Do dito furo até a foz do rio Aripuanã; entrei neste rio, e o explorei pelo espaço de 35 léguas;

outubro 22 Do Aripuanã à foz do rio das Araras; também entrei neste, e naveguei 23 léguas, por ele acima;

outubro 28 Das Araras à foz do Mataura; dali à foz do rio Anhagatini; daquela foz à foz do rio Manicoré; naveguei neste rio; do Manicoré ao rio Capaná; do Capaná ao rio dos Marmelos; daquele ao rio Aruapiará; do dito ao rio Baetas; do dito até a ilha dos Muras; da dita ilha até a foz do rio das Arraias; do dito ao rio Machado; do Machado ao rio Jamari; do Jamari até a primeira cachoeira de Santo Antonio.

Vencida mais 57 léguas de distância que ocuparam as 12 cachoeiras do rio chamado da Madeira, cheguei com 243 léguas de caminho à foz do rio Beni (que é o verdadeiro Madeira), entrando pelo rio Mamoré, que conflue com este na latitude de  $10^{\circ} 22' 30''$  e na longitude de B.  $12^{\circ} 10' 32''$ ; da foz do Beni até a confluência do Mamoré com o rio Guaporé, em cujo espaço venci mais 5 cachoeiras; da foz do Guaporé, até ao Forte do Príncipe da Beira; do dito Forte até ao Destacamento das Pedras (ao lugarejo de Guarujus); dos Guarujus ao Sítio das Torres; das Torres às Pitas; das Pitas ao rio Verde; do rio Verde à Vila Bela, capital de Mato Grosso, onde cheguei a 3 de outubro de 1789 com 487 léguas de viagem desde a foz do rio da Madeira, e 592 desde vila de Barcelos.

## 1790

fevereiro 25 Parti de Vila Bela em jornada por terra a serra de São Vicente, situada ao nascente de Vila Bela, e andei desde Vila Bela ao Sítio Xavier; dali para o Sítio de Buriti; do Buriti a Bocaina da Serra; dali ao pé do morro, ao Sítio de Antonio Rodrigues; dali dirigi a minha marcha por todos os arraiais situados na dita serra, em ordem a examinar todas, e cada uma das lavras de ouro que ali tem os mineiros. Entrei nos arraiais de São Francisco Xavier da Chapada, de São Vicente, Boa Vista, Ouro Fino, Sant'Ana, Pilar, Lavrinhas de Guaporé e Santa Barbara. Reconhecendo em consequência da minha jornada que a da serra se estende N. S. 30 léguas, tem de ordinário largura 3 ou proximamente 4, onde ela é maior, e de altura perpendicular um quinto de légua. É cortada pelo rio Guaporé na paragem que ali chamam de Cágado, pela semelhança que tem com aquele anfíbio, tendo a cabeça para o sul, e a cauda para o norte. Feitos estes exames, voltei a vila Bela;

junho 28 Dei início a minha jornada por terra para a vila de Cuiabá, e andei de Vila Bela ao sítio do Xavier; do Xavier ao sítio do Buriti; dali ao pé do morro; dali à ponte do rio Guaporé;

- julho 4 Dali ao arraial de Lavrinhas. Sendo informado por alguns sertanistas que pela terra a dentro em distância de 15 léguas estava uma maravilhosa gruta, que era digna de se observar, puz-me a caminho para ela no dia 14 e tendo marchado a pé todo aquele espaço sempre entre matos, e rochedos cheguei à dita gruta que examinei e descrevi; voltando da dita gruta me sobreveio uma perniciosa (moléstia), com a qual me recolhi ao arraial de Lavrinhas, onde pelo documento apenso nº 2 se pode ver o estado em que cheguei, pelas 4 horas da tarde de 21; do arraial de Lavrinhas ao sítio da Estiva, estrada de Cuiabá; da estiva ao sítio de Moraes; dali ao registro de Jauru; do Jauru ao sítio do Ferraz; do Ferraz ao Macorizal; dali a Caiçara; de Caiçara à vila Maria no Paraguai.
- setembro 19 Da vila Maria à Jacobina; dali à fazenda de gado do Leonídio; dali à fazenda do Coutinho; dali ao arraial dos Cocais; dali à vila de Cuiabá.

1791

- janeiro 10 Parti da vila em jornada para o arraial de São Pedro d'el Rey que fica 13 léguas ao S. desta a examinar como fiz as lavras de ouro daquele distrito, e me recolhi a 31;
- fevereiro 3 Parti para o arraial da Chapada na serra de São Jerônimo 12 léguas distante da vila e nela me demorei até 26, que me dispuz a partir para o Paraguai;
- março 17 Sai da vila embarcando (ilegível); do porto da vila água abaixo até a barra do rio São Lourenço (compreendidas as voltas que girei); rio São Lourenço abaixo até a sua barra no rio Paraguai; do dito até a povoação de Albuquerque;
- março 30 Dali até a boca principal do rio Taquari; da dita até a foz do rio Mondego; dali até o morro de Albuquerque; do morro até o Presidio de Nova Coimbra. Voltamos Paraguai acima até a confluência do rio São Lourenço, donde continuamos oito léguas mais até a serra do Letreiro, donde entramos nas famosas lagoas da Gaiba Grande, Mirim, e Uberaba; dali até a foz de um rio que se julga vir de Cuiabá, compreendido todo semicírculo que faz o Paraguai; da foz do rio ao morro do Escalvado; do dito ao morro do Jauru; da sua foz águas acima até a serra da Invernada; da dita até a foz do rio Aguapei; do dito ao lugar de Registro; (regresso a vila Velha).

Aqui termina o diário autógrafo de Alexandre Rodrigues Ferreira, feito em

quatro colunas: 1) datas e nomes de localidades visitadas; 2) distâncias em léguas de 20<sup>o</sup>; 3) latitude de alguns lugares mais notáveis; 4) longitude supondo a parisiana 20<sup>o</sup> do meridiano. É muito provável que as folhas de continuação tenham sido perdidas, pois certamente e após tantos anos de mantê-lo em dia não o teria abandonado bruscamente.

Sabemos pela leitura dos manuscritos que, trabalhou durante os meses de abril e maio na região, regressando a Vila Bela em 26 de junho. A sua partida de regresso para Belém, deu-se em 3 de outubro, atingindo aquela cidade em 12 de janeiro de 1792. A partida para Lisboa efetuou-se em 15 de outubro e a chegada em Portugal em 12 de fevereiro de 1793.

A "Viagem Filosófica" teve uma duração de 9 anos e 3 meses e a extensão percorrida foi de aproximadamente 39.372 quilômetros.



## BIBLIOGRAFIA

- ALLEMÃO, F. F., Leguminosa. *Ferreirea* gen. novum — *spectabilis* sp. nova. Nome trivial — Sepepira amarela. *Trabalhos Sociedade Velloso* p. 26-30, 1851.
- AZEVEDO, P. Geoffroy Saint-Hilaire em Lisboa. *Academia de Ciências de Lisboa, Boletim de Letras*, 14:93-121, 1919-1920.
- BOCAGE, J. V. B. du, Instruções práticas sobre o modo de coligir, preparar e remeter produtos zoológicos para o Museu de Lisboa, 96 p. 1862.
- CABRERA, A., Catálogo de los mamíferos de America del sur. I (Metatheria — Ungulata — Carnivora). Editora Coni, Buenos Aires, 1957, 732 p.
- CAPELO, F. B., Notícia acerca de um peixe pouco conhecido proveniente do Brasil. *Jornal de Ciências Matemáticas*, Lisboa, 2:64, 1870.
- CARVALHO, C. T., Comentários sobre os mamíferos descritos e figurados por Alexandre Rodrigues Ferreira em 1790. *Arquivos de Zoologia*, 12:7-70, São Paulo, 1965.
- CARVALHO, J. S., A vinda de Geoffroy Saint-Hilaire a Lisboa. *Boletim da Academia de Ciências*, Lisboa, 2 (nova série):900-3, 1930.
- CONSELHO FEDERAL DE CULTURA, Viagem Filosófica pelas Capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Iconografia: Vol. I, Geografia e Antropologia, 140 est.; Vol. II, Zoologia, 160 est. Editora Monumento S/A. São Paulo e Artes Gráficas Gomes de Souza, Rio de Janeiro, 1971.
- 
- Idem, *Memórias: Zoologia e Botânica*, 246 p., il., 1972.
- 
- Idem, *Memórias: Antropologia*, 161 p., il., 1974.
- CORRÊA FILHO, V., Alexandre Rodrigues Ferreira. (Notas para um perfil). *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 135-348-61, 1933.
- CORRÊA FILHO, V., Alexandre Rodrigues Ferreira: vida e obra do grande naturalista brasileiro. Ed. il., São Paulo, Cia. Editora Nacional (Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5a., Brasileira, vol. 44), 231 p. il. 1939.
- COSTA È SÁ, M. J. M., Elogio ao Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira — Notícias dos escritos do Senhor A. R. F. — *História e Memórias da Academia Real das Ciências*, Lisboa, 5(2):56-89, 1818.

- CUVIER, G. L. C. F. D., *Le Règne Animal. Poissons, etc.*, vol. 2:328, 1817; id. ed. 2, vol. 2:338, 1829.
- CUVIER, G. L. C. F. D. & VALENCIENNES, A., *Histoire Naturelle des Poissons*, 15:486, 1840; id. 18:386, 1846.
- DRUMMOND, A. M. V., Carta escrita de Lisboa ao Secretário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1, ed., 3:120-123, 1841.
- FALCÃO, E. C., Alexandre Rodrigues Ferreira. *Viagem Filosófica às Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. vol. 1 Desenhos originais selecionados (89). Gráfica Brunner Ltda., São Paulo, 1970.
- FARIA, L. C. & MARTINS, E. & MELLO FILHO, L. E. & OLIVEIRA, J. M., Alexandre Rodrigues Ferreira na visão de quatro naturalistas do Museu Nacional. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1958, 22 p. (Sér. Viagem Filosófica, publ. 3).
- FERREIRA, A. R., Bibliografia dos trabalhos (manuscritos) em Notícias dos escritos do Senhor Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira: Costa e Sá (1818); Valle Cabral (1876-1878); José Honório Rodrigues (1952).
- FERREIRA, A. R., Roteiro das viagens que fez pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, Alexandre Rodrigues Ferreira, a quem acompanhara os desenhistas José Joaquim Freire, Joaquim José Codina e o jardineiro-botânico Agostinho Joaquim do Cabo. In *Biblioteca d'Ajuda*, nº VI 46-15; *Boletim do Museu Nacional*, IX(2):103-115 (E. Roquete Pinto); cópia do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, in fl. 18 ff.
- FERREIRA, A. A., 1784-1787, *Viagem Filosófica ao Rio Negro*. Museu Paraense Emílio Goeldi, 775 p. ilustr. (1983).
- FERREIRA, J. G. B., A missão de Geoffroy Saint-Hilaire em Espanha e Portugal durante a invasão francesa, em 1808. Academia de Ciências, Lisboa *Boletim da Segunda Classe*, 17:208-27, 1923.
- FERREIRA, J. G. B., *Trabalhos de Herpetologia do Museu de Bocage, Pt. II: Tartarugas da expedição, etc.* Academia de Ciências, *Jornal de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais*, 3a série 23:77-89, 1923-1929.
- FONTES, G. M. D. N. C., Alexandre Rodrigues Ferreira — (Aspectos de sua vida e obra), *Cadernos da Amazônia*, 10.96 p. 34 figs. 2 mapas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 1966.

- FRANÇA, C., Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815). História de uma missão científica no Brasil no século XVIII. *Boletim da Sociedade Broteriana* 1(2):65-123, Coimbra, 1922.
- GARCIA, R. A. A., História das explorações científicas. *Dicionário Histórico, geográfico e etnográfico do Brasil*, 1 (cap. 25):856-910, 1946.
- GOELDI, E. A., Algumas notícias sobre a vida de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Revista da Sociedade de Estudos Paraenses*, 3:123-131, 1894; 2ª ed., Editora Universidade de Brasília, 80 p., 1983.
- GOELDI, E. A., Ensaio sobre o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, mormente em relação às suas viagens na Amazônia e sua importância como naturalista. A. Silva, Pará, 1895, 108 p.
- HAMY, E. T., La mission de Geoffroy Saint Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). *Nouvelles Archives du Muséum d'Histoire Naturelle*, quatrième série, 10(1):59-65, 1908.
- LIMA, A. P., O Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. Agência Geral do Ultramar. Lisboa, 1953, 426 p.
- LIMA, A. P., — As matrículas do Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. *Boletim da Sociedade Broteriana*, 28(2):77-9, 1954.
- LIMA, A. P., Ainda o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. *Anuário da Sociedade Broteriana*, 20:9-14, 1954.
- MENDES, J. R., Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira — Geógrafo (Ensaio de síntese). Xª Congresso Brasileiro de Geografia, 2:68 p. il. Serviço Gráfico do IBGE, Rio de Janeiro, 1945.
- MENDES, J. R., Instruções relativas à viagem filosófica efetuada pelo naturalista Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, nos anos de 1783-1792. *Revista da Sociedade Brasileira de Geografia*, 53:46-52, 1946.
- MYERS, J. S., A brief sketch of the History of Ichthyology in America to the year 1850. *Copeia*, 1:33-41, 1964.
- NEIVA, A., Esboço sobre a botânica e a zoologia no Brasil de Gabriel Soares de Souza, 1587 a 7 de setembro de 1922. São Paulo, 1929, p.14-17.
- PONTES, R. S. S., Biografia de Alexandre Rodrigues Ferreira. (Notícias dos escritos e aditamento onde se encontra o plano de publicações. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 2:499-513, (1 ec.), 1840; (2 ed.): 501-16, 1850.

- REIS, A. C. F., A Amazônia vista pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira. *Boletim da Sociedade Geográfica*, Lisboa, p. 323-336, jul/set. 1957.
- RODRIGUES, J. H., Alexandre Rodrigues Ferreira. Catálogo dos manuscritos e bibliografia. *Anais da Biblioteca Nacional*, 72:5-153, 1952.
- SAINT-HILAIRE, I. G., Catalogue méthodique de la collection de mammifères du Museum d'Histoire Naturelle de Pairs, Iere partie: Introduction et catalogue des primates. Paris, 1851, 96 p.
- SALDANHA DA GAMA, J., Catálogo da Exposição Permanente dos Cimélios da Biblioteca Nacional, 1885, p. 464.
- SILVA, T., O cientista luso-brasileiro Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira. (Notas para seu estudo). *Boletim da Sociedade de Geografia*, Lisboa, 65(3-4):117-88 e (5-6):279-357, 1947.
- SIMON, W., The Scientific Expeditions in the Portuguese overseas Territories, 1783-1808; The role of Lisbon in the late Eighteenth Century, 390 p. 2 il. The City University of New York, Ph. D. History, modern. Xerox University Microfilm, Ann Arbor, Michigan, USA, 1974.
- VALLE CABRAL, A., Alexandre Rodrigues Ferreira. Notícia das obras manuscritas e inéditas relativas à viagem filosófica do Doutor A. R. F., pelas capitánias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-92). *Anais da Biblioteca Nacional*, I(1-2):103-29 e 222-47 (1896); II(1):192-8 (1877); III(1-2):54-67 e 324-54(1877).
- VANDELLI, D., in AGASSIZ, L., *Selecta genera et species piscium quos in itinere per brasilium ... peracto colligit, etc.* p. 47, 1829.
- VARNHAGEN, F. A., Alexandre Rodrigues Ferreira. In *História geral do Brasil*, 3. ed. São Paulo (s.d.), 4:354-357, 364.

